

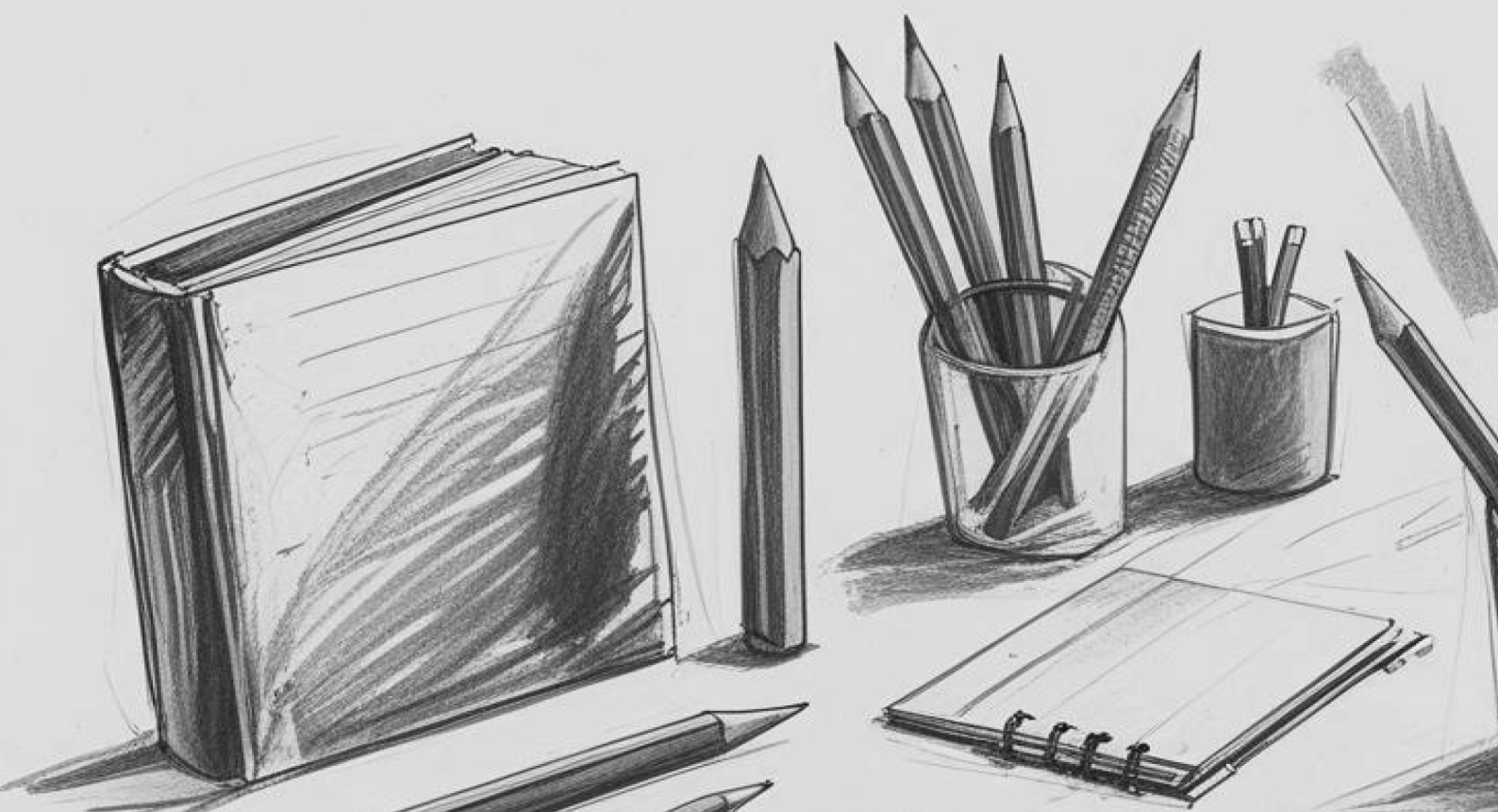
KARLA MARQUES DA ROCHA
JOCIMAR CAIAFA MILAGRE
GABRIEL CAMATTI
ADRIANO SANTOS DE LIMA

FORMAR-SE FORMANDO: A ARTE DOCENTE DE ENSINAR E APRENDER



KARLA MARQUES DA ROCHA
JOCIMAR CAIAFA MILAGRE
GABRIEL CAMATTI
ADRIANO SANTOS DE LIMA

FORMAR-SE FORMANDO: A ARTE DOCENTE DE ENSINAR E APRENDER



Conselho Editorial

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva - UNIDAVI
Prof. Dr. Astor João Schönell Júnior - IFFAR
Prof. Dr. Alan Ricardo Costa - UFRR
Prof. Dr. Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo - UESPI
Profa. Dra. Andréia Bulaty - UNESPAR
Profa. Dra. Carla da Conceição de Lima - UFVJM
Prof. Dr. Camilo Darsie de Souza - UNISC
Profa. Dra. Clarice Caldeira Leite - UFRGS
Profa. Dra. Cecilia Decarli - UFRGS
Prof. Dr. Carlos Adriano Martins - UNICID
Prof. Dr. Christian Dennys Monteiro de Oliveira - UFCE
Profa. Dra. Dayse Marinho Martins - UFMA
Prof. Dr. Deivid Alex dos Santos - UEL
Prof. Dr. Dioni Paulo Pastorio - UFRGS
Prof. Dr. Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos Santos - FASESP
Profa. Dra. Elane da Silva Barbosa - UERN
Profa. Dra. Elen Gomes Pereira - IFBA
Profa. Dra. Francielle Benini Agne Tybusch - UFN
Prof. Dr. Francisco Odécio Sales - IFCE
Prof. Dr. Francisco Ricardo Miranda Pinto - UFCAT
Prof. Dr. Gilvan Charles Cerqueira de Araújo - UCB
Prof. Dr. Ismar Inácio dos Santos Filho - UFAL
Prof. Dr. Leonardo Bigolin Jantsch - UFSM
Profa. Dra. Liziany Müller Medeiros - UFSM
Profa. Dra. Marcela Mary José da Silva - UFRB
Prof. Dr. Mateus Henrique Köhler - UFSM
Prof. Dr. Michel Canuto de Sena - UFMS
Profa. Dra. Mônica Aparecida Bortolotti - UNICENTRO
Prof. Nilton David Vilchez Galarza - UPLA
Prof. Dr. Olavo Barreto de Souza - UEPB
Prof. Dr. Rafael Nogueira Furtado - UFABC
Prof. Dr. Roberto Araújo da Silva Vasques Rabelo - UNISANTOS
Prof. Dr. Rodrigo Toledo - USCS
Prof. Dr. Rodolfo Rodrigues de Souza - UERJ
Prof. Dr. Sidnei Renato Silveira - UFSM
Prof. Dr. Thiago Ribeiro Rafagnin - UFOB
Prof. Dr. Tomás Raúl Gómez Hernández - UCLV

Editor Chefe: Ivanio Folmer

Projeto gráfico e Diagramação: Gabriel Eldereti Machado

Imagem capa: www.canva.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Formar-se formando [livro eletrônico] : a arte
docente de ensinar e aprender / organização
Karla Marques da Rocha...[et al.]. --
Santa Maria, RS : Arco Editores, 2025.
PDF

Vários autores.

Outros organizadores: Jocimar Caiafa Milagre,
Gabriel Camatti, Adriano Santo de Lima.

Bibliografia.

ISBN 978-65-5417-546-3

1. Educação 2. Ensino – Metodologia 3. Estágio
(Educação) – Brasil 4. Formação docente –
Metodologias ativas 5. Professores – Formação
I. Rocha, Karla Marques da. II. Milagre, Jocimar
Caiafa. III. Camatti, Gabriel. IV. Lima, Adriano
Santo de.

25-302746.0

CDD-370.71550981

Índices para catálogo sistemático:

1. Estágio : Docentes : Formação profissional: Brasil : Educação 370.71550981

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



10.48209/978-65-5417-546-3

Esta obra foi construída de forma coletiva, reunindo diferentes vozes, experiências e perspectivas. As opiniões expressas nos capítulos são de responsabilidade exclusiva de seus respectivos autores e não representam, necessariamente, a posição desta editora. Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e a autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.



APRESENTAÇÃO

Os Estágios Supervisionados de Ensino (ESE) representam uma importante conexão entre a teoria e a prática para os graduandos que almejam atuar como futuros educadores. Nesses estágios, os estudantes encontram um terreno fértil para aplicar, criar, experimentar e investigar o conhecimento em cenários reais. Mais do que simples espaços de aplicação, os ESE funcionam como plataformas inspiradoras, nas quais os futuros docentes podem concretizar suas aspirações e visualizar seu impacto na educação.

A dinâmica constante da educação exige aprimoramento e capacitação contínuos. Nesse contexto, o Programa Especial de Formação de Professores para a Educação Profissional (PEG), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), desempenha um papel significativo. Sua missão consiste em formar docentes altamente qualificados e preparados para enfrentar os complexos desafios do ensino técnico profissionalizante.

O PEG é um programa concebido para bacharéis que buscam formação pedagógica, habilitando-os a atuar na educação técnica profissionalizante em áreas afins às respectivas graduações de origem. Estruturado em três etapas, o estágio possibilita que os estudantes tenham contato com os ambientes de atuação desde o primeiro semestre, culminando com a regência de 30 horas-aula no terceiro e último estágio.

A trajetória docente configura-se como um percurso repleto de particularidades e desafios, cujo início se dá com a imersão na sala de aula. Esta obra compila relatos de experiências vivenciadas no Estágio Supervisionado de Ensino. Tais vivências foram orientadas pela Professora Karla Marques da Rocha, do PEG/UFSM, e supervisionadas por docentes do Colégio Politécnico/UFSM, Colégio Técnico Industrial/UFSM, Instituto Federal Farroupilha de Júlio de Castilhos e da Escola Estadual Maria Rocha, abrangendo o período do primeiro semestre de 2025.

Por meio da elaboração, execução e análise de sequências didáticas em diversas áreas, os relatos oferecem um panorama das reflexões-ações que emergiram das experiências práticas. O objetivo primordial é contribuir para o aprimoramento e a inovação na formação das futuras gerações de professores.

Organizadores

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1

O eco das vivências: disciplina, resiliência e o coração da educação na trajetória de um professor.....8

Adriano Santos de Lima; Karla Marques da Rocha; Roberto Oliveira Weber

doi: 10.48209/978-65-5417-546-1

CAPÍTULO 2

Vivências em Bioquímica e Toxicologia: o estágio como espaço de formação..20

Aline Franzen; Karla Marques da Rocha; Pablo Teixeira

doi: 10.48209/978-65-5417-546-2

CAPÍTULO 3

Quando Ensinar Também é Aprender.....28

Caroline de Boer Dias; Karla Marques da Rocha; Nara Quadros

doi: 10.48209/978-65-5417-546-4

CAPÍTULO 4

Construção de saberes docentes: a sala de aula como espaço de aprendizagem mútua.....38

Eliesse Pereira Costa; Karla Marques da Rocha; Lidiane Viera Machado

doi: 10.48209/978-65-5417-546-0

CAPÍTULO 5

O estágio enquanto etapa mediadora na construção do saber docente.....45

Fernanda Tamiozzo; Karla Marques da Rocha; Maurício Vicente Motta Tratsch

doi: 10.48209/978-65-5417-546-5

CAPÍTULO 6

Pisadores de geada fria: Estágio Supervisionado de Ensino em Culturas de Inverno.....52

Gabriel Camatti; Karla Marques da Rocha; Ivan Carlos Maldaner

doi: 10.48209/978-65-5417-546-6

CAPÍTULO 7

Toda jornada, tem um começo.....58

Guilherme Rigo; Karla Marques da Rocha; Guilherme Emanuel Weiss Pinheiro

doi: 10.48209/978-65-5417-546-7

CAPÍTULO 8

Estágio de ensino em Sementes e Viveiros Florestais: vivências e aprendizados de uma trajetória docente em construção.....66

Jocimar Caiafa Milagre; Karla Marques da Rocha; Renato Trevisan

doi: 10.48209/978-65-5417-546-8

CAPÍTULO 9

De professora de reforço escolar à Professora da Educação Profissional e Tecnológica: Experiências de uma educadora em transformação.....77

Juliana Sanches Venturini; Karla Marques da Rocha; Erika Goellner

doi: 10.48209/978-65-5417-546-9

CAPÍTULO 10

Reacendendo a chama da docência: vivências de um plácido estágio em disciplinas de informática junto a três turmas do PROEJA-EPT do IFFAR-JC 88

Marinara Rübenich Fumagalli; Karla Marques da Rocha; Maria Angélica Figueiredo Oliveira; Thais Andrea Baldissera

doi: 10.48209/978-65-5417-546-A

CAPÍTULO 11

Estágio Supervisionado III: caminhos de aprendizagem e descoberta na formação docente.....100

Marisete da Silva Ilha; Karla Marques da Rocha; Camila Coletto

doi: 10.48209/978-65-5417-546-B

CAPÍTULO 12

Ensinar, escutar, tecer saberes e alimentar sonhos: Formatando saberes na EJA EPT.....111

Paulo Cesar Costa Teixeira; Karla Marques da Rocha; Franciane Cougo da Cruz Ceretta; Iochane Garcia Guimarães

doi: 10.48209/978-65-5417-546-C

CAPÍTULO 13

A Educação como Transformação: reflexões sobre uma experiência de estágio na educação técnica e profissionalizante.....124

Rudieri Nunes Gamba; Karla Marques da Rocha; Valéria Quevedo Garcia

doi: 10.48209/978-65-5417-546-D

CAPÍTULO 14

Vivências que moldam: aprendizados e reflexões no ESE III.....130

Verônica Rosa Lucion da Cruz; Karla Marques da Rocha; Iochane Garcia Guimarães

doi: 10.48209/978-65-5417-546-E

Sobre os Autores.....138

CAPÍTULO 1

O ECO DAS VIVÊNCIAS: DISCIPLINA, RESILIÊNCIA E O CORAÇÃO DA EDUCAÇÃO NA TRAJETÓRIA DE UM PROFESSOR

Adriano Santos de Lima

Karla Marques da Rocha (Professora orientadora)

Roberto Oliveira Weber (Professor supervisor)

Doi: 10.48209/978-65-5417-546-1

Introdução

Minha jornada de mais de três décadas nas Forças Armadas moldou não apenas quem eu sou, mas também a forma como encaro os desafios e as oportunidades da vida. Foram trinta anos vivenciando a disciplina, a hierarquia e a constante busca pela excelência operacional. Cada dia no Exército era uma aula sobre liderança, trabalho em equipe e a importância do planejamento estratégico. Eu aprendi que, para alcançar um objetivo, é preciso ter respeito e dignidade para com todo ser humano, clareza, persistência e capacidade de se adaptar às mais diversas situações.

Paralelamente a essa vivência militar, busquei na graduação em Direito e nas especializações na área uma nova forma de compreender o mundo e suas complexidades e uma preparação para um futuro próximo. O estudo das leis, a análise de casos e a busca por soluções justas trouxeram uma camada adicional de raciocínio crítico e argumentação lógica à minha formação. A interseção dessas duas áreas – a pragmática do Exército e a analítica do Direito – criou um arcabouço de conhecimentos e habilidades que, a princípio, pareciam distantes do universo da educação.

Entretanto, foi no Curso do Programa Especial de Graduação de Formação de Professores para a Educação Profissional (PEG/UFSM) que percebi a profunda conexão entre essas experiências. A rigidez da formação militar, o

senso de responsabilidade e a capacidade de tomada de decisão em momentos de pressão são atributos valiosos para a sala de aula da educação profissional. Da mesma forma, a clareza de pensamento e a estruturação de argumentos, desenvolvidas no Direito, são ferramentas essenciais para a transmissão de conhecimento e a mediação de conflitos no ambiente educacional.

Portanto, este trabalho propõe-se a explorar como a minha vivência no Exército e a formação em Direito se traduzem em contribuições significativas para a formação de novos profissionais. Abordarei como a disciplina militar pode inspirar a organização e o foco nos estudos, como a liderança pode ser aplicada na gestão de sala de aula e na orientação de projetos, e como o pensamento jurídico pode fomentar a ética e a criticidade em futuros cidadãos e trabalhadores. Mais do que compartilhar uma trajetória pessoal, busco oferecer insights sobre como as lições aprendidas em campos aparentemente distintos podem convergir para enriquecer a educação profissional no Brasil.

O Estágio Supervisionado de Ensino foi um pilar fundamental na formação de futuros educadores, proporcionando a oportunidade de vivenciar a prática docente e aplicar os conhecimentos teóricos em um ambiente real. Na busca de apresentar as experiências e reflexões adquiridas durante o Estágio Supervisionado de Ensino III, realizado no Instituto Federal Farroupilha - Campus Júlio de Castilhos/RS, focaremos nas observações, na docência orientada, na elaboração de planos de ensino e aula, no uso de metodologias ativas e ferramentas tecnológicas, na relação com a turma e a supervisão, além de uma auto-avaliação da conduta docente.

Figura 1 e 2 - As adversidades superadas no Exército Brasileiro me ensinaram a resiliência. Na Docência Orientada, apliquei essa força para transformar desafios em oportunidades de aprendizado e ensinamentos na Educação dos alunos.



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Contexto do Estágio

O Estágio Supervisionado foi conduzido no Instituto Federal Farroupilha - Campus Júlio de Castilhos/RS, no Curso Técnico em Comércio. A disciplina em que atuei foi Legislação para o Comércio, com uma carga horária total de 80 horas. Minha atuação compreendeu 15 horas no Estágio Supervisionado II – Observação, no segundo semestre de 2024, e 30 horas no Estágio Supervisionado III – Docência Orientada, durante o primeiro semestre do ano letivo de 2025.

Inicialmente, ao ingressar no Estágio do Curso Técnico em Comércio, a turma era composta por 23 alunos. No entanto, a Turma 3ª A, da disciplina Legislação para o Comércio, constituída por estudantes que estão na reta final de sua formação técnica, muitos deles com a expectativa de ingressar diretamente no mercado de trabalho ou de dar continuidade aos estudos em nível superior. Objetivamente, percebi um grupo bastante heterogêneo em termos de conhecimento prévio, com alguns alunos já familiarizados com os

conceitos de Legislação para o Comércio, enquanto outros tinham o primeiro contato. Subjetivamente, a dinâmica da turma evoluiu significativamente: inicialmente, alguns se mostravam mais participativos e engajados, enquanto outros eram mais reservados. No entanto, com a implementação de atividades diversificadas e a criação de um ambiente colaborativo, observei um aumento notável na interação e no interesse geral. A curiosidade em relação ao mundo digital e as possibilidades profissionais na área se tornaram um ponto chave para motivá-los.

Planejamento e Execução das Aulas

A elaboração do plano de ensino, Segundo LIBÂNEO (1993, p. 25), o plano de ensino é um instrumento essencial para a organização do processo educativo, pois “permite ao professor prever e organizar as ações pedagógicas necessárias para atingir os objetivos propostos”, foi uma etapa fundamental. Iniciei com um estudo aprofundado do currículo do curso e das diretrizes pedagógicas do Instituto Federal Farroupilha. Analisei o ementário da disciplina de Legislação para o Comércio para compreender os objetivos de aprendizagem. Contei com a valiosa orientação da Professora Diretora-Geral do Instituto, da Professora Coordenadora do Curso e do Professor Supervisor e regente da turma, que compartilharam suas experiências e perspectivas sobre as necessidades e o perfil dos alunos e a dinâmica de trabalho a ser seguida na Instituição de Ensino. O processo envolveu a definição dos conteúdos, a distribuição da carga horária, a escolha de metodologias de ensino-aprendizagem, a definição dos critérios e instrumentos de avaliação, e a seleção de recursos didáticos. Busquei construir um plano flexível, adaptável às necessidades da turma, incorporando a possibilidade de utilizar ferramentas tecnológicas e metodologias ativas.

As respectivas elaborações de planejamentos de aula foram um desdobramento natural do Plano de Ensino. Para cada encontro, detalhei os objetivos específicos, os conteúdos, as estratégias didáticas, os recursos e os momentos de avaliação. Busquei diversificar as atividades, alternando entre exposições dialogadas, estudos de caso, discussões em grupo, atividades práticas e o uso de ferramentas digitais, visando aulas dinâmicas e engajadoras.

Os relatos foram uma ferramenta essencial para registrar as vivências em sala de aula, as observações sobre o comportamento e o aprendizado dos alunos, as dificuldades e as soluções implementadas e a autoavaliação do docente a cada aula ministrada. Essa prática reflexiva me permitiu analisar criticamente minhas ações pedagógicas e identificar pontos para aprimoramento, além de servir como base para as discussões com o supervisor.

Ferramentas Tecnológicas e Metodologias Ativas

Realizei o uso de diversas ferramentas tecnológicas e metodologias ativas. Para apresentação de conteúdos, utilizei plataformas online como Google Slides e Canva. Para interação e participação, explorei o Mentimeter e o Kahoot!, e recursos audiovisuais como videoaulas e podcasts para ilustrar conceitos. Conforme SILVA (2023), “essa abordagem está alinhada com as transformações da educação contemporânea, que busca engajar os estudantes de forma mais dinâmica”. O autor ainda ressalta que “a integração dessas ferramentas e estratégias não só enriquece a experiência de aprendizagem, mas também prepara os alunos para os desafios do século XXI, que exigem autonomia, colaboração e pensamento crítico”.

Além da integração tecnológica, aprofundei-me nas metodologias ativas. Neste contexto, explorei a Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP). Conforme destaca Lilian Bacich, uma das maiores referências atuais em metodologias ativas no Brasil, a ABP “promove o desenvolvimento de habilidades de pesquisa, análise crítica, resolução de problemas e trabalho em equipe, uma vez que os alunos são instigados a buscar soluções para situações complexas do mundo real, estimulando a autonomia e a proatividade na construção do conhecimento” (BACICH; MORAN, 2018, p. 74). Essa abordagem foi fundamental para que os alunos pudessem aplicar os conhecimentos em situações reais do mercado.

Adicionalmente, utilizei a sala de aula invertida, onde os alunos tinham contato prévio com o conteúdo e o tempo em sala era dedicado à discussão e resolução de dúvidas, e a aprendizagem colaborativa, incentivando o trabalho em grupo e individual. A finalidade dessas abordagens era aumentar o enga-

jamento dos alunos, estimular o pensamento crítico, promover a autonomia e desenvolver habilidades como trabalho em equipe e resolução de problemas. Conforme ressalta José Moran, um dos grandes defensores da educação inovadora no Brasil, “as metodologias ativas, quando combinadas com as tecnologias digitais, potencializam a aprendizagem significativa, transformando o estudante em protagonista do seu próprio conhecimento” (MORAN, 2015, p. 25). Acredito que contribuíram significativamente para tornar as aulas mais interessantes e relevantes.

Orientação e Supervisão

O processo de orientação e supervisão foi fundamental. Tive encontros regulares com o professor supervisor da instituição, onde discutíamos o Plano de Ensino, os Planejamentos de Aula, as dificuldades em sala e as estratégias para superá-las. A troca de experiências e o feedback construtivo do supervisor foram essenciais. A preparação das aulas era sempre discutida previamente; apresentava meus planejamentos e recebia orientações sobre a adequação do conteúdo, a pertinência dos métodos de ensino para cada conteúdo e as melhores formas de abordar os temas. Essa parceria me proporcionou segurança e confiança.

As aulas que ministrei para a turma de Legislação para o Comércio buscaram ser dinâmicas e interativas. Explorei temas como fundamentos do Direito do Consumidor, Estatuto do Idoso, Direito do Trabalho e Previdenciário, e as principais plataformas e ferramentas online. Procurei conectar a teoria com a prática, utilizando exemplos reais do mercado e incentivando os alunos a analisar casos de sucesso e a desenvolver atividades práticas, como a criação de uma roda de conversa e discussões simplificadas para um negócio fictício. Busquei criar um ambiente de aprendizado aberto e participativo. Essa abordagem converge com a perspectiva de que o ensino jurídico contemporâneo deve ser renovado, priorizando a participação ativa dos estudantes e a aplicabilidade do conhecimento na realidade profissional, superando a mera transmissão de conteúdo para desenvolver competências e habilidades essenciais para o mercado (FEFERBAUM; KLAFKE, 2020).

Durante o estágio, não realizei trabalhos de campo externos. No entanto, as atividades práticas propostas em sala de aula buscavam simular situações reais do mercado, funcionando como “trabalhos de campo internos”. Nas disciplinas de Estágio Supervisionado de Ensino, o próprio ambiente da sala de aula e a interação com os alunos e o professor regente podem ser considerados como um “campo” de observação e aprendizado.

Desafios e Soluções

Um dos principais desafios foi lidar com a imprevisibilidade da sala de aula. Nem sempre as aulas aconteciam exatamente como planejado. Para enfrentar esses desafios, procurei manter a flexibilidade e a capacidade de adaptação. Diante de um imprevisto, buscava analisar a situação, identificar as causas e ajustar a rota, seja propondo uma atividade alternativa, retomando um conceito de forma diferente ou gerenciando o tempo de maneira mais eficiente. A troca de experiências com o supervisor também foi fundamental para aprender a lidar com essas situações.

Em uma ocasião, propus uma atividade em grupo para análise de diferentes campanhas de Legislação para o Comércio. Percebi que um dos grupos estava com dificuldades em definir os critérios de análise, e alguns alunos pareciam dispersos e com grande dificuldade de leitura. Minha conduta inicial foi observar, identificando que a falta de clareza nas instruções iniciais e a heterogeneidade do conhecimento prévio contribuíam para o problema.

Soluções práticas que poderiam ter sido implementadas incluem:

- **Revisitar as instruções:** Interromper brevemente a atividade para reforçar os objetivos e os critérios de análise, utilizando exemplos práticos.
- **Oferecer apoio individualizado:** Circular entre os grupos, dedicando mais atenção àqueles com dificuldades, oferecendo sugestões e orientações específicas.
- **Promover a interação dentro do grupo:** Incentivar os alunos a compartilhar ideias e colaborar, mediando a discussão.
- **Utilizar uma ferramenta visual:** Apresentar um modelo de análise simplificado no quadro, com os principais pontos a serem observados.

A reflexão sobre esse problema me permitiu identificar estratégias mais eficazes para lidar com situações semelhantes no futuro e desenvolver minhas próprias metodologias.

Avaliação e Desempenho Docente

A avaliação foi realizada de forma contínua e diversificada, utilizando instrumentos formativos e somativos. A avaliação formativa ocorreu por meio da observação da participação dos alunos, análise das atividades em sala e feedback individualizado. A avaliação somativa incluiu a análise das atividades práticas (como o plano de Legislação para o Comércio), questionários conceituais e a avaliação da apresentação dos trabalhos em grupo. Essa abordagem, que integra diferentes modalidades avaliativas para acompanhar o processo de aprendizagem e não apenas o produto final, é amplamente defendida na pedagogia atual (HOFFMANN, 2017).

O meu desempenho como docente foi uma jornada de aprendizado constante. Inicialmente, senti um misto de entusiasmo e insegurança, mas fui ganhando confiança. Acredito que consegui estabelecer uma relação positiva com os alunos, baseada no respeito e na escuta. Procurei ser flexível e adaptável, buscando diferentes estratégias para engajá-los. A troca de experiências com o supervisor e a reflexão sobre minha prática foram fundamentais para identificar meus pontos fortes e áreas de desenvolvimento.

O Estágio Supervisionado foi uma experiência transformadora em minha formação pedagógica, proporcionando a vivência da realidade da sala de aula e o desenvolvimento de habilidades essenciais como planejamento, comunicação, mediação e avaliação. Eram os saberes docentes pulsando e orientando o meu fazer pedagógico.

Em relação às atitudes, ações e reações observadas na turma, percebi um aumento progressivo no interesse e na participação dos alunos. Inicialmente, alguns se mostravam mais passivos, mas com a implementação de atividades mais dinâmicas e a criação de um ambiente colaborativo, notei maior interação, curiosidade e engajamento.

Saberes Docentes e Qualificação das Ações

Refletindo sobre meus saberes docentes, percebo que possuo um bom conhecimento do conteúdo de Legislação para o Comércio. O conhecimento pedagógico está em processo de construção, e o estágio foi uma oportunidade valiosa para desenvolver estratégias de ensino eficazes. Em relação às etapas da aula, geralmente consigo cumprir meu planejamento, embora de forma flexível. Acredito que a organização e o planejamento são importantes, mas a capacidade de improvisar e ajustar a rota é fundamental.

A construção de relacionamentos saudáveis com a Coordenação, o Supervisor e os Alunos tem sido uma prioridade. Com o Supervisor, busco comunicação aberta e transparente. Com os alunos, procuro estabelecer um ambiente de respeito, confiança e diálogo. O material didático utilizado foi diversificado, incluindo apresentações, vídeos, artigos, estudos de caso e ferramentas online, selecionados para serem atualizados e relevantes.

As habilidades e atitudes construídas e implementadas pedagogicamente nas minhas aulas qualificaram minhas ações de diversas maneiras:

- **Planejamento e organização:** Visão clara dos objetivos e estratégias, otimizando tempo e recursos.
- **Comunicação eficaz:** Linguagem clara e acessível, exemplos práticos e diálogo facilitaram a compreensão.
- **Flexibilidade e adaptabilidade:** Ajustar o planejamento diante de imprevistos demonstrou postura profissional.
- **Utilização de metodologias ativas e tecnologias:** Aumento do interesse e participação dos alunos, tornando o aprendizado dinâmico.
- **Avaliação formativa:** Acompanhamento contínuo e feedback individualizado contribuíram para um aprendizado eficaz.
- **Reflexão sobre a prática:** Análise crítica e busca por aprimoramento constante desenvolveram uma postura consciente e eficaz.

Figura 3 - Cada experiência em sala de aula constrói um saber que qualifica o agir pedagógico.



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Considerações Finais

Este capítulo do livro é o culminar de uma jornada que vai muito além das páginas aqui escritas. E assim termino com a seguinte frase: “A Jornada de Uma Vida: Da Missão à Docência”. O Estágio Supervisionado que narrei representou, sem dúvida, um marco divisor em minha trajetória, uma ponte concreta e vibrante que finalmente conectou a teoria dos bancos acadêmicos com a pulsante realidade da prática. Mas dizer que foi apenas aplicação de conhecimento seria subestimar sua profundidade. Essa experiência foi um verdadeiro laboratório para o desenvolvimento de habilidades pedagógicas essenciais, moldando cada contorno da minha identidade docente. Cada vivência, cada desafio superado, tornou-se um pilar inabalável em minha formação, preparando-me para as complexidades e, mais ainda, para as imensuráveis recompensas que a profissão de educador oferece.

Minha gratidão se estende, de forma imperativa, a toda a comunidade do Instituto Federal Farroupilha – Campus Júlio de Castilhos. A coordenação, os professores, os colegas, os alunos e todos os demais integrantes foram exemplos vivos de apoio mútuo e colaboração incansável. A postura conciliadora, proativa, dedicada e, acima de tudo, a solidariedade e o acolhimen-

to genuínos que recebi, foram absolutamente determinantes para que eu me sentisse plenamente integrado e amparado no dia a dia da administração e no cumprimento de minhas responsabilidades. O ambiente de respeito e acolhimento proporcionados por cada um fez com que a experiência do estágio fosse não apenas enriquecedora, mas também profundamente gratificante.

A Educação como a Grande Missão em sua essência, o Estágio Supervisionado transcendeu a mera etapa curricular; ele se consolidou como uma experiência verdadeiramente transformadora. Ele moldou não apenas o profissional que agora sou, mas também o ser humano que se sente mais confiante, inserido e aperfeiçoado. Essa jornada me impulsiona, de forma incessante, a buscar uma preparação contínua para atuar no vasto e desafiador universo da Educação Profissional e Tecnológica e no Ensino Superior.

Minhas vivências anteriores, forjadas em anos de serviço no Exército Brasileiro, especialmente nas diversas missões cumpridas no exterior e em incontáveis regiões do Brasil foram um preparo ímpar para a complexidade da educação. Assim como no campo militar, onde tive o privilégio de interagir com diferentes culturas, raças, religiões e etnias, aprendi que cada indivíduo é um universo de possibilidades. A capacidade de adaptar-me a novos cenários, de compreender e respeitar as diversidades, de atuar sob pressão e de buscar soluções criativas para problemas complexos e habilidades que a caserna lapidou-me encontram um eco surpreendente no ambiente educacional.

Se em missões anteriores a meta era proteger e construir a paz, hoje, a grande missão é construir conhecimento e formar cidadãos capazes de transformar suas próprias realidades. A disciplina, a resiliência e a ética que me guiaram em cada missão militar são os mesmos pilares que agora sustento em sala de aula. Acredito que o verdadeiro currículo do educador não está apenas nos planos de aula bem elaborados, mas na capacidade de tocar vidas, de acender a chama da curiosidade, de enfrentar as resistências com empatia e de celebrar cada momento de “Aha, Professor!”. É na pele que se sente o peso da responsabilidade de moldar futuros e a leveza inigualável do impacto que uma aula pode ter na vida de alguém. Que este livro seja um convite a essa reflexão e à busca incessante por uma educação que verdadeiramente transforma.

O verdadeiro currículo do estágio não está nos planos de aula, mas nos olhos dos alunos, nas suas perguntas, nas suas resistências e, sobretudo, nos seus momentos de 'Aha Professor!'. É na pele que se sente o peso da responsabilidade e a leveza do impacto que uma aula pode ter na vida de alguém.

Adriano Santos de Lima

Referências

BACICH, Lilian; MORAN, José. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.

FEFERBAUM, Marina; KLAFKE, Guilherme Forma. **Metodologias ativas em Direito: guia prático para um ensino jurídico participativo e inovador**. Rio de Janeiro: Forense; São Paulo: Método, 2020.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação: mito e desafio: uma perspectiva construtivista**. 45. ed. Porto Alegre: Mediação, 2017.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2013.

MORAN, José Manuel. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma nova forma de aprender e ensinar**. São Paulo: Penso, 2015.

SILVA, João. **Educação e tecnologia: perspectivas para o século XXI**. Rio de Janeiro: Editora do Conhecimento, 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa. Bibliotecas da UFSM. Editora UFSM. **Manual de dissertações e teses da UFSM: estrutura e apresentação documental para trabalhos acadêmicos**. Santa Maria, RS: Ed. UFSM, 2021.

CAPÍTULO 2

VIVÊNCIAS EM BIOQUÍMICA E TOXICOLOGIA: O ESTÁGIO COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO

Aline Franzen da Silva

Karla Marques da Rocha (Professora orientadora)

Pablo Teixeira (Professor supervisor)

Doi: 10.48209/978-65-5417-546-2

Introdução

O Estágio Supervisionado III representou para mim um período de experimentação e reconhecimento, tanto como futura docente quanto como sujeito em formação. Ao iniciar essa jornada, o sentimento predominante era uma mistura entre ansiedade e empolgação: queria muito colocar em prática tudo aquilo que vinha estudando e refletindo nas disciplinas pedagógicas, mas também temia não dar conta da imprevisibilidade de uma sala de aula real.

Esperava que o estágio fosse desafiador, mas principalmente formativo — e ele foi mais do que isso. A experiência me atravessou de maneiras que eu não imaginava, tanto nas aulas mais silenciosas e introspectivas quanto nas mais dinâmicas e cheias de trocas.

O estágio se encaixou em um momento crucial da minha formação. Já me sentia teoricamente preparada, mas faltava aquele contato direto com os estudantes, com suas perguntas inesperadas, com seus silêncios, com suas expressões de compreensão ou de dúvida. Eu sabia que era ali, naquele chão da sala de aula, que eu começaria a entender, de fato, o que significava ser professora.

Meu maior medo era não conseguir alcançar os alunos — que eles não se engajassem, que eu não soubesse me fazer ouvir, que minha didática não fosse suficiente. E minha maior expectativa era exatamente a oposta: criar uma aula significativa, em que houvesse troca real, em que os conteúdos ganhassem vida e sentido.

Quanto ao Cenário

Durante o Estágio Supervisionado III, tive a oportunidade de atuar como docente em duas instituições de ensino técnico da cidade de Santa Maria: o Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e o Colégio Técnico Industrial de Santa Maria (CTISM). Embora ambos sejam colégios vinculados à UFSM e atendam ao nível técnico, percebi neles realidades, dinâmicas e perfis de estudantes bastante distintos — o que foi extremamente rico para minha formação.

No Colégio Politécnico, ministrei a disciplina Bioquímica Geral para uma turma do 1º semestre do curso técnico em Farmácia, em período matutino, com aulas de três horas semanais. Foram planejadas e executadas sete aulas regulares, seguidas da aplicação de prova e exame final. A disciplina exigia abordagem de conteúdos complexos, como metabolismo de lipídios e proteínas, e encontrei uma turma mais silenciosa, pouco participativa, o que me desafiou a buscar estratégias para tornar a aula mais acessível e envolvente.

No CTISM, por sua vez, atuei na disciplina de Toxicologia Ocupacional, para uma turma do curso técnico em Segurança do Trabalho, no período noturno. As aulas tinham entre duas e quatro horas de duração (em função de trocas com outros professores) e abrangeram temas como toxicidade de metais pesados, hidrocarbonetos, ácidos, bases e agrotóxicos. A turma do CTISM se mostrou extremamente participativa, curiosa e aberta ao diálogo, o que favoreceu discussões riquíssimas sobre os riscos químicos em ambientes ocupacionais.

Quanto às turmas

As duas turmas com as quais tive contato foram bastante diferentes entre si, e foi exatamente essa diferença que mais me ensinou durante o estágio. No Colégio Politécnico, a turma do curso técnico em Farmácia era composta por aproximadamente 30 alunos, em sua maioria jovens recém-saídos do ensino médio. Durante as aulas de Bioquímica Geral, percebi uma postura mais introspectiva, com pouca participação voluntária. Mesmo diante de estí-

mulos, como perguntas ou discussões em aula, a resposta era frequentemente silenciosa. Poucos alunos demonstravam interesse em aprofundar o conteúdo, o que exigiu de mim um esforço constante para manter a motivação da turma. Apesar disso, os estudantes eram respeitosos e educados, o que me permitiu desenvolver as aulas com tranquilidade. Ao final do semestre, percebi que, mesmo em silêncio, alguns absorveram bem os conteúdos — mas também identifiquei dificuldades básicas persistentes em parte da turma, mesmo após reforços e revisões.

Já no CTISM, a realidade foi bastante distinta. A turma do curso técnico em Segurança do Trabalho era composta por alunos mais velhos, muitos deles já inseridos no mercado de trabalho, com experiências em áreas industriais, militares ou agrônômicas. Isso fez toda a diferença: os alunos eram extremamente participativos, questionadores e atentos. O ambiente das aulas era de constante troca: as perguntas e observações da turma enriqueciam o conteúdo e me instigavam a explorar conexões com a prática profissional. Houve, inclusive, momentos de debate sobre políticas públicas, regulamentações e situações reais que os alunos já haviam vivenciado, o que tornou a aula muito mais significativa.

Essa convivência com turmas tão distintas me fez perceber que a participação dos estudantes molda diretamente o ritmo, a energia e o alcance da aula. Em uma turma, o silêncio exigia estratégias de engajamento mais ativas e uma atenção maior à linguagem acessível; na outra, o desafio era dar conta de tanta troca sem perder o foco no conteúdo essencial. Ambas deixaram marcas — e me ensinaram, cada uma a seu modo.

Planejar para Ensinar – o que me ajudou a me organizar?

O planejamento das aulas foi, sem dúvida, uma das partes mais importantes — e desafiadoras — do meu estágio. Desde o início, busquei estruturar bem cada aula, tanto em termos de conteúdo quanto de tempo, linguagem e metodologias, levando sempre em consideração o perfil dos estudantes e o tipo de disciplina ministrada. Segundo Carvalho & David (2015), planejar e refletir

sobre a prática são aspectos indissociáveis do exercício docente, pois permitem a tomada de decisões mais conscientes e fundamentadas.

A elaboração do plano de ensino para a disciplina de Bioquímica Geral (no curso técnico em Farmácia) me fez revisitar os conteúdos com outro olhar: não mais apenas como estudante, mas como docente. Refletir sobre a sequência lógica dos temas, os objetivos de aprendizagem e a carga horária disponível exigiu cuidado e atenção. Conteí com a orientação do professor supervisor, que me ajudou a adaptar os conteúdos ao nível da turma, de forma que fizessem sentido para alunos que estavam tendo seu primeiro contato com a bioquímica. Como afirmam Fávero, Tonieto e Roman (2013), o professor precisa se posicionar como sujeito investigativo de sua prática, o que exige reelaboração constante dos saberes docentes (Fávero et al., 2013).

No CTISM, por ser uma disciplina voltada à toxicologia ocupacional, o planejamento das aulas incluiu também a escolha criteriosa de exemplos práticos, dados atualizados e normativas de segurança do trabalho. Busquei trazer casos reais de acidentes com substâncias químicas, especialmente com metais, ácidos, bases e agrotóxicos, para que os estudantes pudessem relacionar o conteúdo com sua futura atuação profissional. Sabe-se que a aproximação entre teoria e prática fortalece a construção de um pensamento docente reflexivo e contextualizado (Turchielo & Aragón, 2018).

A preparação dos planejamentos de aula era feita com base em roteiros bem definidos, com objetivos específicos, metodologias e lista de exercícios. Costumava revisar os conteúdos com antecedência, montar os slides e esquemas, selecionar imagens e sempre pensar em como tornar a aula mais acessível.

Entre as estratégias adotadas, destacam-se a Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP), que se mostrou eficaz para integrar teoria e prática em situações relacionadas à toxicologia ocupacional. Nessas aulas, os alunos eram convidados a refletir sobre situações-problema que simulavam acidentes ou exposições químicas, sendo estimulados a levantar hipóteses, buscar soluções e relacionar o conteúdo teórico à sua futura atuação profissional. Essa abordagem, ao favorecer a autonomia e o protagonismo estudantil, fomenta

o desenvolvimento de competências críticas e investigativas (Marin et al., 2010). Aprendi, com o tempo, que usar o quadro como recurso fazia diferença — e foi justamente isso que melhor funcionou com a turma da Farmácia nas últimas aulas.

Quanto aos relatos reflexivos, me esforcei para escrevê-los logo após cada aula, enquanto as sensações ainda estavam frescas. Nesse processo, percebi o quanto a escrita me ajudava a reorganizar ideias, identificar pontos fortes e refletir sobre aquilo que poderia melhorar. Muitas vezes, relatar o que deu errado me ajudava mais do que escrever sobre o que deu certo. Sabe-se que descrever o que se pensa e o que se faz é o ponto de partida para o desenvolvimento da identidade docente, pois permite ao professor compreender melhor suas ações, suas escolhas e o papel que exerce na escola e na sociedade (Turchielo & Aragón, 2018). Ao refletir sobre minha prática e articulá-la com os conhecimentos adquiridos ao longo da formação, fui pouco a pouco reconhecendo os sentidos e as intenções que orientavam meu trabalho em sala de aula.

Planejar me ensinou que ser professora exige não só domínio do conteúdo, mas também sensibilidade para ajustar rotas, acolher dificuldades da turma e repensar estratégias.

Ensinar é Criar – o que você levou para a sala de aula?

Ensinar, para mim, foi um exercício contínuo de adaptação, escuta e criatividade. Desde as primeiras aulas, percebi que não bastava dominar o conteúdo — era preciso encontrar formas de fazer sentido para o aluno, de criar conexões entre a teoria e a realidade deles. E, nesse processo, eu também fui aprendendo. Como afirma Paulo Freire (1996, p. 25), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

Na disciplina de Bioquímica Geral, optei por trazer recursos visuais como slides ilustrados, esquemas no quadro e vídeos curtos para explicar os conceitos mais abstratos, como metabolismo, aminoácidos e estrutura das proteínas. Apesar do uso da tecnologia, foi o quadro branco, com esquemas desenhados e explicações “no passo a passo”, que mais gerou atenção na tur-

ma da Farmácia. Quando percebi isso, mudei o foco: deixei os slides como apoio e comecei a trabalhar mais com construções ao vivo, incentivando que os alunos copiassem, perguntassem e participassem com dúvidas.

Na disciplina de Toxicologia, com a turma do CTISM, o recurso mais eficaz foi o diálogo. Os alunos traziam casos reais, experiências profissionais e dúvidas muito específicas. Isso me levou a preparar aulas que partiam de perguntas reais, como: “O que acontece se eu inalar ácido clorídrico?”, ou “Qual é o risco de um trabalhador manusear glifosato sem EPI?”. Essas situações abriram espaço para discussões profundas e contextualizadas. Usei também estudos de caso, trechos de reportagens e até pequenos testes práticos com materiais seguros, para aproximar a teoria da prática.

Outra estratégia foi iniciar algumas aulas com perguntas provocadoras, relacionadas ao cotidiano do aluno: “Você já se queimou com soda cáustica?”, “Sabia que o corpo responde de forma diferente a um ácido e a uma base?”. Essas provocações despertavam interesse e criavam uma ponte com o conteúdo a ser trabalhado. As abordagens metodológicas utilizadas visaram uma possibilidade de ativar o aprendizado dos estudantes, colocando-os no centro do processo ao invés da posição de expectador, conforme descrito por Diesel et al., 2017.

Mesmo com os desafios — como a falta de participação da turma da Farmácia ou o pouco tempo para preparar aulas muito densas — encontrei maneiras de tornar o ensino mais vivo. E foi nesse movimento de criar, testar, errar e ajustar que comecei a entender melhor o que significa, de fato, ensinar com intencionalidade e abertura.

Aprendizagens e desafios – o que me marcou nessa experiência?

O Estágio Supervisionado III me marcou profundamente porque foi onde a docência deixou de ser apenas um projeto e passou a ser vivida, sentida, confrontada na prática. Cada aula, cada reação da turma, cada silêncio ou pergunta inesperada me ensinou algo – sobre o ensino, sobre os alunos e, sobretudo, sobre mim mesma.

Entre as maiores aprendizagens, destaco a importância de ser flexível e responsiva. Nem sempre o planejamento se concretiza como esperado: uma turma dispersa, um conteúdo mais difícil que o previsto, um tempo que parece correr mais rápido do que o normal... Nessas horas, aprendi a observar os sinais da turma e a ajustar minha abordagem. Isso exigiu sensibilidade, paciência e, principalmente, disposição para escutar mais do que falar.

Aprendi também que o conhecimento precisa ser contextualizado e problematizado. Especialmente no ensino técnico, os estudantes querem saber “pra que serve” o que estão aprendendo. Entender isso transformou minha forma de ensinar: passei a partir de situações concretas, legislações, casos reais de acidentes e doenças ocupacionais. Isso engajava mais e criava sentido. Com isso, percebi o quanto a toxicologia e a bioquímica podem (e devem) ser ensinadas de forma crítica e aplicada.

Encerramento – e agora, como sigo?

Concluir o Estágio Supervisionado III não foi apenas finalizar uma disciplina, mas fechar um ciclo de amadurecimento pessoal e profissional. Ao longo desses encontros em sala de aula, fui compreendendo, na prática, que ser professora envolve muito mais do que dominar conteúdos, é preciso estar atenta ao outro, saber escutar, mediar, adaptar e, sobretudo, formar com responsabilidade e sensibilidade.

Agora, sigo com mais clareza sobre o que significa ensinar. Sei que não há receita pronta, e que cada turma será única — com seus próprios ritmos, histórias e desafios. Mas também sei que posso me apoiar em tudo que vivi até aqui: nas reflexões que escrevi, nos conselhos que recebi, nas estratégias que testei e nos erros dos quais aprendi.

Carrego comigo a certeza de que quero continuar nesse caminho. Desejo me aperfeiçoar, estudar mais, experimentar novas metodologias, desfrutar dos saberes e sabores da docência, contribuir para uma educação que dialogue com a realidade dos alunos e que valorize o conhecimento como instrumento de transformação.

A escrita do presente texto foi um exercício de memória, reflexão e afeto. Ao organizar as ideias, reviver experiências e dar nome às aprendizagens, percebi o quanto evolui durante o Estágio Supervisionado III. Revisitar meus relatos no diário do professor me permitiu resgatar momentos marcantes e dar sentido aos desafios enfrentados. Foi também uma forma de reafirmar meu compromisso com uma docência sensível, crítica e comprometida com a formação dos estudantes. Mais do que relatar o que fiz, esta escrita me ajudou a compreender *por que* fiz e *para que* continuo fazendo.

*A experiência me atravessou de maneiras que eu não i
maginava, tanto nas aulas mais silenciosas e
introspectivas quanto nas mais dinâmicas e cheias de trocas.*
Aline Franzen da Silva

Referências

CARVALHO, R. S. T. de; DAVID, A. **Saberes docentes e o professor reflexivo: reflexão na prática escolar**. Debates em Educação, Maceió, v. 7, n. 13, p. 156, jan./jun. 2015.

DIESEL, A.; BALDEZ, A.; MARTINS, S. **Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica**. Revista Thema, Pelotas, v. 14, n. 1, p. 268–288, jan. 2017. FÁVERO, A. A.; TONIETO, C.; ROMAN, M. F. **A formação de professores reflexivos: a docência como objeto de investigação**. Educação (UFSM), Santa Maria, v. 36, n. 1, p. 277–287, jan./abr. 2013.

MARIN, M. J. S. et al. **Aspectos das fortalezas e fragilidades no uso das metodologias ativas de aprendizagem**. Revista Brasileira de Educação Médica, Rio de Janeiro, v. 34, n. 1, p. 13–20, jan./mar. 2010.

TURCHIELO, L. B.; ARAGÓN, R. **A formação do professor reflexivo em um curso a distância**. Perspectiva, Florianópolis, v. 36, n. 2, p. 701–723, abr./jun. 2018.

CAPÍTULO 3

QUANDO ENSINAR TAMBÉM É APRENDER

Caroline de Boer Dias

Karla Marques da Rocha (Professora orientadora)

Nara Quadros (Professora orientadora)

Doi: 10.48209/978-65-5417-546-4

Introdução

Antes de iniciar o estágio, o principal sentimento era o de incapacidade, especialmente pela percepção de minha pouca habilidade em oratória. Sempre considerei a comunicação verbal como um dos maiores desafios no processo de ensino e aprendizagem, e isso me levou a acreditar que o estágio seria a etapa mais difícil da minha formação acadêmica. Minhas expectativas em relação ao estágio estavam fortemente relacionadas à possibilidade de contribuir com o conhecimento adquirido ao longo da minha trajetória profissional. Percebi, durante o estágio de observação, que muitos alunos relataram dificuldades para estabelecer conexões entre os conteúdos teóricos e a aplicação prática no mercado de trabalho. Esse cenário reforçou minha ideia de que, ao trazer para a sala de aula experiências vivenciadas fora do ambiente acadêmico, eu poderia oferecer uma perspectiva mais alinhada às necessidades dos estudantes.

Os professores do curso possuíam vasto domínio teórico sobre os temas abordados, mas, em sua maioria, seguiram trajetórias voltadas à pesquisa e ao meio acadêmico, sem experiência prática no mercado profissional. Como trabalhei por dois anos fora da universidade, adquiri conhecimentos que julguei pertinentes para complementar e enriquecer o processo de ensino, promovendo diálogos que pudessem integrar teoria e prática de maneira significativa. Minha formação acadêmica é diversificada e abrange diferentes áreas do conhecimento. Iniciei meus estudos com um curso técnico em informática, posteriormente concluí a graduação em engenharia sanitária e ambiental, e atualmente estou cursando uma pós-graduação em educação profissional e tecnológica.

Cada uma dessas formações agregou elementos distintos à minha bagagem de aprendizado, mas foi durante meu período de trabalho na prefeitura, atuando no setor de licenciamento ambiental, que vivenciei o maior desafio de adaptação rápida a novas demandas. Nesse contexto, fui exposto a uma ampla gama de atividades que exigiam conhecimento multidisciplinar, desde o atendimento ao público até a compreensão da legislação sobre crimes ambientais.

Essa experiência profissional me proporcionou um aprendizado dinâmico e intenso, no qual era necessário assimilar diferentes conteúdos em um curto espaço de tempo. Acredito que o estágio representa um processo similar, no sentido de exigir a aquisição e aplicação de conhecimentos variados, de forma ágil e eficaz. A interação constante com os alunos nos permite testar e ajustar estratégias de ensino, compreender as necessidades específicas de cada turma e identificar abordagens pedagógicas mais adequadas. Dessa forma, o estágio se torna um ambiente rico de aprendizado, não apenas para os estudantes, mas também para o professor em formação, que se vê desafiado a aprimorar suas práticas e expandir sua compreensão sobre os diferentes cenários educacionais.

Cenário do Estágio

O estágio curricular obrigatório foi realizado no Colégio Técnico Industrial de Santa Maria (CTISM), instituição vinculada à Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). O CTISM integra a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, estando subordinado ao Ministério da Educação (MEC). Trata-se de uma unidade de ensino que se destaca por oferecer, de forma gratuita, uma ampla gama de cursos distribuídos entre diferentes níveis e modalidades de ensino, com o objetivo de integrar as dimensões do trabalho, da ciência e da tecnologia. Entre os cursos ofertados, encontram-se programas de formação inicial e continuada, cursos técnicos de nível médio, graduação e pós-graduação, atendendo a diversas demandas educacionais e contribuindo significativamente para o desenvolvimento regional e nacional.

O estágio em questão foi desenvolvido especificamente no curso técnico de Segurança do Trabalho, dentro da disciplina intitulada “Administração e

o Sistema de Gestão Ambiental”. Inicialmente, estavam previstas 13 aulas a serem ministradas ao longo do semestre letivo. No entanto, ao longo da experiência, foi possível assumir integralmente a disciplina, totalizando 17 aulas ministradas, cada uma com duração de uma hora e trinta minutos. Essa vivência ampliada foi extremamente enriquecedora, proporcionando um contato mais contínuo com os estudantes e permitindo uma abordagem mais aprofundada dos conteúdos propostos no plano de ensino. A atuação docente ocorreu no âmbito do Programa Especial de Graduação para Formação de Professores para a Educação Profissional, correspondente ao terceiro semestre do curso.

O processo de acolhimento na instituição apresentou alguns desafios iniciais, especialmente no que se refere à formalização da documentação necessária para o início do estágio. Houve entraves burocráticos relacionados à assinatura dos documentos, o que atrasou o início das atividades previstas. Apesar dessa dificuldade, foi possível resolver a situação a tempo, permitindo que o estágio se iniciasse sem maiores prejuízos. Após esse primeiro obstáculo, o ambiente institucional se mostrou acolhedor, principalmente no que diz respeito ao corpo docente do curso técnico de Segurança do Trabalho. Os professores se mostraram bastante solícitos, prestando todas as orientações necessárias sobre o funcionamento da disciplina, a organização dos conteúdos e estratégias pedagógicas mais eficazes para o engajamento da turma. Essa receptividade foi fundamental para que eu me sentisse segura e preparada para as aulas subsequentes, favorecendo um desenvolvimento mais confiante da prática docente.

Sobre a Turma

A turma na qual o estágio foi realizado era composta por 15 estudantes, com perfis bastante diversos, especialmente no que diz respeito à faixa etária. O aluno mais jovem possuía 18 anos, enquanto o mais velho tinha 65 anos, revelando a pluralidade de experiências e motivações que coexistiam no ambiente educacional. Apesar dessa variação, a maioria dos estudantes situava-se na faixa dos vinte e poucos anos, refletindo um público predominantemente jovem-adulto, em fase inicial ou intermediária de inserção no mercado de tra-

balho. Apenas dois estudantes estavam dedicados exclusivamente aos estudos; todos os demais conciliavam a formação técnica com trabalho, geralmente em áreas relacionadas à segurança do trabalho.

Quanto à composição de gênero da turma, observou-se um predomínio masculino, com apenas quatro mulheres entre os quinze estudantes. Essa desproporção é, infelizmente, comum nas turmas do CTISM, especialmente naquelas voltadas para cursos técnicos da área industrial, refletindo uma tendência ainda presente no mercado de trabalho e nos cursos de formação profissionalizante. A dinâmica em sala de aula era, em geral, bastante positiva. Notei, ao longo das aulas, que a maioria dos alunos demonstrava interesse pelos conteúdos abordados. Era difícil ver eles distraídos com celular, comportamento comum em outros contextos educacionais. Em contrapartida, muitos demonstravam sinais de cansaço físico, o que pode ser atribuído à jornada de trabalho que antecede o período noturno de estudos.

Dois estudantes da turma cursavam, paralelamente, graduações na UFSM em áreas correlatas à formação técnica, o que demonstrava um forte compromisso com a construção de uma trajetória profissional sólida. No geral, o ambiente entre os alunos era respeitoso e colaborativo, sem registros de conflitos interpessoais. No entanto, quando temas mais politizados surgiam durante as discussões, especialmente nas abordagens sobre políticas ambientais ou legislação trabalhista, percebia-se uma divergência geracional: os alunos mais velhos tendiam a apresentar opiniões mais conservadoras, enquanto os mais jovens se posicionavam de forma crítica ou progressista. Mesmo assim, essas divergências eram tratadas com respeito mútuo e contribuíam para o enriquecimento do debate.

Dentre os estudantes, um em especial se destacou pela postura em sala de aula. Tratava-se de um dos alunos mais experientes, com mais de vinte anos de atuação na área industrial. Apesar de já possuir amplo conhecimento prático, demonstrava grande humildade, participando ativamente das aulas, fazendo perguntas, esclarecendo dúvidas e auxiliando colegas sempre que possível. Sua conduta foi especialmente marcante por representar um compromisso genuíno com a aprendizagem e com o crescimento coletivo da turma. Mesmo após lon-

gos dias de trabalho, ele se dedicava às aulas, o que servia como inspiração para os demais estudantes.

O aspecto que mais me marcou nessa vivência com a turma foi a determinação do grupo em buscar a formação técnica, mesmo diante das inúmeras dificuldades enfrentadas no cotidiano. Muitos conciliavam trabalho, cuidados com a família e outros compromissos pessoais, mas ainda assim viam no curso técnico uma oportunidade concreta de transformação social e profissional. A crença coletiva de que uma formação na UFSM poderia abrir caminhos para melhores condições de vida e de trabalho, além de contribuir para a promoção da segurança no ambiente laboral, foi, sem dúvida, um dos aspectos mais inspiradores de todo o processo de estágio.

Planejar para Ensinar

A elaboração do plano de ensino para a disciplina foi orientada a partir da ementa oficial disponibilizada no site da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), que define os conteúdos mínimos a serem trabalhados em cada componente curricular. Esse documento serviu como base fundamental para a construção do planejamento, garantindo o alinhamento entre a proposta pedagógica da universidade e a prática docente desenvolvida no contexto do estágio. A partir dessa estrutura inicial, busquei adaptar os conteúdos à realidade da turma e, sempre que possível, incorporar metodologias ativas de ensino, com o objetivo de promover o protagonismo dos estudantes e estimular uma aprendizagem mais significativa.

Os critérios utilizados para a construção do plano de ensino e, posteriormente, dos planos de aula, seguiram os modelos pré-aprovados pela instituição, também disponibilizados online. Além disso, recorri às bibliografias recomendadas pelo próprio curso, utilizando-as como referência para a elaboração dos materiais didáticos e para embasar conceitualmente as propostas de aula. Uma preocupação constante ao longo da construção do planejamento foi a de manter os conteúdos o mais próximo possível da realidade profissional dos alunos. Assim, mesmo os temas introdutórios, relacionados à administração, foram abordados com foco na área da segurança do trabalho, de modo a tornar

as aulas mais contextualizadas e relevantes para a formação técnica dos estudantes. Houve apenas uma alteração significativa na ordem de apresentação dos conteúdos. Essa mudança foi motivada pela decisão de antecipar um tema que seria originalmente abordado em aulas posteriores, para que os alunos pudessem utilizá-lo no desenvolvimento de um trabalho final. A reorganização foi cuidadosamente planejada para não comprometer a progressão pedagógica da disciplina, e os resultados observados ao longo das aulas indicaram que a adaptação foi bem-sucedida, uma vez que favoreceu a aplicação prática dos conceitos estudados.

Em relação aos registros reflexivos das aulas, geralmente eu realizava os relatos um ou dois dias após cada encontro. Essa escolha se deu devido à minha rotina intensa, uma vez que trabalho desde as 8 horas da manhã e as aulas terminavam por volta das 20h30. No entanto, essa distância temporal entre a experiência em sala e o momento do registro pode ter acarretado a perda de detalhes importantes, especialmente no que diz respeito às reações dos alunos, aos sentimentos que emergiam durante as aulas e às minhas próprias impressões e estratégias adotadas em situações específicas. Ao refletir sobre essa prática, compreendo a importância de registrar os relatos o mais próximo possível da vivência, para que as memórias estejam mais vívidas e o processo de análise reflexiva seja mais completo e enriquecedor.

Ensinar é Criar

Atendendo a pedidos dos próprios alunos, todas as aulas foram acompanhadas por apresentações em slides, já que muitos demonstraram interesse em ter acesso ao conteúdo em formato textual para revisar posteriormente ou em caso de ausência. Sempre que possível, procurei incorporar metodologias ativas, como atividades de simulação, dramatizações (roleplays) e outras estratégias participativas. Durante as aulas, utilizei recursos como projetor, vídeos, questionários interativos e visitas ao laboratório de informática, onde os alunos puderam explorar mecanismos de controle ambiental e realizar consultas a sites oficiais relacionados ao licenciamento ambiental.

Embora todas as aulas tenham contado com apoio visual por meio de slides, também buscamos momentos mais práticos, especialmente no laboratório, a fim de proporcionar uma experiência mais aplicada. A aula mais marcante, embora também a mais desafiadora, foi a que abordou o tema do aquecimento global. Por se tratar de um assunto que pode despertar posicionamentos ideológicos divergentes, a discussão exigiu mediação cuidadosa, e acredito ter conseguido conduzi-la de forma equilibrada e respeitosa.

Acompanhamento e Supervisão

A professora supervisora manteve contato comigo antes de cada aula, sempre se colocando à disposição para esclarecimentos. Nosso diálogo foi positivo e respeitoso, e senti confiança da parte dela em relação à condução das aulas. Não recebi sugestões ou críticas ao longo do estágio, o que indica que, dentro do possível, as atividades foram conduzidas de maneira satisfatória. Todas as aulas ocorreram conforme o planejamento previamente estabelecido.

Em algumas ocasiões, no entanto, não foi possível concluir a atividade final dentro do tempo previsto. Nesses casos, procurei sempre retomar e finalizar as atividades nas aulas seguintes, garantindo a continuidade do conteúdo. Os principais desafios enfrentados ao longo do estágio estiveram relacionados à forma como conduzi algumas explicações. Em certos momentos, percebi que minha postura em sala poderia ter sido mais confiante, especialmente nas primeiras aulas. Contudo, ao longo do semestre, fui adquirindo maior segurança, aprendendo a lidar melhor com a dinâmica da turma e com a minha própria atuação como docente.

Realizando correções de rotas e avaliando a aprendizagem

Em nenhum momento foi necessário adaptar a aula de forma emergencial, uma vez que consegui organizar os conteúdos e metodologias com antecedência, o que contribuiu para a execução tranquila das propostas. Quanto às atividades avaliativas, realizei uma prova com questões objetivas e também uma apresentação de trabalho sobre temas relacionados à segurança do tra-

balho e à gestão ambiental. Após a aplicação da primeira avaliação, percebi que os alunos se sentiram mais tranquilos em relação ao desempenho, havendo poucas dúvidas sobre as questões. Apesar disso, observei que os estudantes demonstraram um alto nível de ansiedade diante da avaliação escrita, mesmo com o apoio de questionários de estudo previamente disponibilizados. Essa experiência me levou a refletir sobre o real valor das provas objetivas nesse contexto. Caso tivesse uma nova oportunidade de lecionar, consideraria reavaliar o uso desse tipo de instrumento, pois acredito que ele contribui pouco para o desenvolvimento de competências importantes, como a oratória, a capacidade de resolver problemas e a habilidade de lidar com situações complexas — aspectos fundamentais na formação de profissionais da área técnica.

Autoavaliando o processo

O saber docente que mais desenvolvi ao longo do estágio foi, sem dúvida, a didática. Sempre tive certa dificuldade em me expressar diante de um público, o que representava um grande desafio no início da experiência. No entanto, ao longo das aulas, percebi que mais importante do que ter uma oratória perfeita ou uma postura extremamente confiante, é fazer com que os alunos reconheçam a relevância do conteúdo e sintam que o tempo em sala de aula está sendo bem aproveitado. Essa percepção ampliou meu entendimento sobre o papel do professor e me levou a desenvolver outras habilidades fundamentais para a prática docente, como a gestão do tempo, a escuta ativa e a empatia com os estudantes. Busquei, sempre que possível, considerar as necessidades e interesses da turma, equilibrando essas demandas com os objetivos e conteúdos previstos na ementa da disciplina. A experiência foi essencial para minha formação, pois me mostrou que ensinar vai muito além de transmitir informações: envolve sensibilidade, adaptação e compromisso com o aprendizado dos alunos.

Mantive algum contato com outros professores da escola durante o estágio, embora esses momentos tenham sido pontuais. Uma coincidência positiva foi o fato de que o professor que havia orientado meu estágio de observação ministrava suas aulas na sala ao lado da minha. Com isso, ao final

de quase todas as aulas, ele aproveitava para conversar comigo, oferecendo sugestões e orientações sobre as melhores abordagens pedagógicas e estratégias para conduzir a turma. Essas interações contribuíram significativamente para que eu me sentisse mais segura ao ministrar as aulas, ajudando a aprimorar minha comunicação e presença em sala. A evolução dessas habilidades ficou evidente posteriormente, quando percebi maior fluidez e segurança ao realizar apresentações nas aulas do mestrado, com mais domínio do conteúdo e melhor gerenciamento do tempo. Essa experiência prática foi, portanto, fundamental para meu crescimento como futura docente.

Encerramento

O Estágio Supervisionado III foi, para mim, a disciplina mais desafiadora do curso, especialmente do ponto de vista pessoal. Sempre tive muita dificuldade em falar em público e, por esse motivo, frequentemente evitava situações que exigissem exposição oral. Esse desafio me levou, inclusive, a questionar meu próprio percurso formativo no Programa Especial de Graduação para Formação de Professores da Educação Profissional (PEG), pois havia momentos em que duvidava da minha capacidade de atuar como docente. Profissionalmente, recordo-me do período em que trabalhei na prefeitura municipal, ocasião em que precisei ministrar treinamentos sobre o sistema informatizado de licenciamentos. Naquela época, a tarefa já se apresentava como um grande obstáculo, e eu a cumpria com dificuldade. No entanto, tive o apoio de uma chefia encorajadora, que me incentivava a estudar sobre oratória e afirmava minha habilidade de comunicar, com clareza, conteúdos complexos a diferentes setores, mesmo diante das limitações. Esse apoio foi fundamental para que eu continuasse tentando.

Hoje, percebo claramente o quanto evolui. No mestrado, por exemplo, consigo me expressar com mais segurança e sou capaz de perceber melhor as reações da audiência, ajustando minha comunicação de forma mais eficaz. Esse progresso me fez refletir sobre a imagem que eu tinha do professor - antes idealizada, como alguém detentor de todo o saber, quase infalível, como muitas vezes pensamos sobre nossos pais. Com a experiência, compreendi que

o professor também está em constante aprendizado, assim como seus alunos. Talvez os melhores docentes sejam justamente aqueles que reconhecem suas limitações, que sabem que o ambiente acadêmico representa apenas uma parte do processo educativo e que o verdadeiro aprendizado acontece de forma ampla, contínua e compartilhada.

O maior aprendizado que levo deste estágio é que não devemos nos sentir culpados por não sermos “o professor ideal” — aquele que domina todos os conteúdos ou tem todas as respostas. Estamos todos em processo, caminhando junto aos nossos alunos. Lecionar é, também, uma forma de aprender. E é nessa troca honesta e humana que reside a essência do ensino.

*Não há docência sem discência.
Quem ensina aprende ao ensinar e
quem aprende ensina ao aprender.*

Paulo Freire

CAPÍTULO 4

CONSTRUÇÃO DE SABERES DOCENTES: A SALA DE AULA COMO ESPAÇO DE APRENDIZAGEM MÚTUA

Eliesse Pereira Costa

Karla Marques da Rocha (Professora orientadora)

Lidiane Viera Machado (Professora supervisora)

Doi: 10.48209/978-65-5417-546-0

Palavras iniciais

Este capítulo traz algumas reflexões sobre a minha relação com a docência, desde a infância, até o estágio do Programa Especial de Graduação de Formação de Professores para a Educação Profissional (PEG), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Tenho contato com a docência desde a tenra infância, em que enquanto brincava de bonecas, acompanhava minha mãe, professora de física de um colégio estadual, na correção dos documentos avaliativos dos estudantes. Lembro que ela comentava “gosto muito de ministrar aula para os jovens, assim, sempre estou jovem”. Cresci rodeada por professoras de diversas áreas e sempre cheia de recomendações: respeite o professor, chame de senhor e senhora, seja esforçada nas tarefas propostas. Porém, mesmo rodeada por professores, nunca planejei ser um deles. Sonhava em ser Médica Veterinária e, seguindo este sonho, vim para Santa Maria fazer o ensino médio e tentar uma vaga na federal.

No ensino médio, o colégio em que eu estava tinha uma abordagem pedagógica voltada exclusivamente às provas de vestibular e ENEM, não lembro de termos atividades de apresentação de trabalhos. Quando cheguei na universidade tive bastante dificuldade com o processo de falar em público e apresentar um conteúdo. Hoje, percebo que isso era falta de treino, pois esta habilidade não foi estimulada no ensino médio. Por fim, graduei em Medicina Veterinária. Ainda, não planejava em seguir na área da docência.

Trabalhei durante um período como clínica de pequenos animais, mas logo fui aprovada no programa de residência em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre. Mudei de cidade, vivenciei uma pandemia e muitas atividades online. Os métodos de ensino da Saúde Coletiva divergiam bastante do que os que eu estava acostumada no curso de medicina veterinária, em que os professores falavam e os alunos escutavam. Me vi obrigada a participar de rodas de conversa e a colaborar ativamente, quando percebi, falar em público já não era mais tão aterrorizante.

Ingressei no mestrado em medicina veterinária, e logo no primeiro semestre fiz a matrícula em 6 disciplinas. Descobri que em todas elas, precisaria apresentar seminários. No final do semestre, apresentar um assunto para uma turma já era natural. No segundo semestre, precisava fazer a disciplina Docência Orientada I. Meu orientador me passou o tema da aula, o conteúdo que a aula deveria conter e eu elaborei os slides. No momento, para mim, dar aula era falar sobre o conteúdo durante todo o tempo fornecido. Lembro que precisava falar sobre sarnas dos animais domésticos. E falei. Falei bastante. Quando terminei a aula, meu orientador pediu para que os alunos escrevessem em um papel, de forma anônima, o que tinham achado. Muitos comentaram sobre como os slides estavam bonitos e que o conteúdo tinha sido bem abordado. Porém, uns 3 comentaram que eu passei os slides muito rápido, e que eles não tinham conseguido copiar. Levei a sugestão comigo, e na próxima aula que ministrei para essa turma já fiz tudo mais devagar. Dessa vez, recebi apenas elogios, e percebi que apesar de ter o que melhorar, estava no caminho certo.

Após a Docência Orientada I, veio a Docência Orientada II, e eu já estava acostumada com o ambiente de sala de aula, afinal, além de algumas aulas teóricas, eu também era responsável por organizar o material e ministrar as aulas práticas. Nesse período, resolvi fazer o PEG, pois achei que contribuiria com a minha formação profissional. No PEG, aprendi conhecimentos bases da prática de docência, como elaborar um plano de ensino e um plano de aula, e também aprendi a observar a forma de dar aula de cada professor, descobrindo que “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (Freire, 1996). A partir da observação, assimilei algumas práticas e ideias, e tive a

oportunidade de testá-las no processo de Docência Orientada III, já no doutorado. Não sei se foi a experiência acumulada durante o mestrado, ou se foi por conta do PEG, ou talvez dos dois processos formativos, mas ajustei meu modo de falar e ensinar os estagiários do laboratório em que faço minhas pesquisas de uma forma simples e direta. Assim, observo o momento em que eles entenderam o básico de um determinado processo e só então começo a acrescentar informações mais aprofundadas, afinal, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (Freire, 1996). Estava em um desses momentos, explicando algumas técnicas laboratoriais para um residente que estava fazendo sua vivência e ele me disse: “Serás professora, não é? Tudo o que você falou, eu entendi.” Fiquei bastante feliz em ouvir isso. Algumas semanas depois, fui designada para ser uma das responsáveis pelos estagiários. Creio que isso tenha a ver com todo o processo que construí.

Neste momento, estou finalizando o PEG e este capítulo contém as experiências vividas como docente durante as 30 horas do Estágio Supervisionado de Ensino III do PEG, em dois cursos técnicos do Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria.

Vivências do Estágio Supervisionado de Ensino III

O Estágio Supervisionado de Ensino III foi realizado no Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria, campus de Santa Maria, nos cursos técnicos de Zootecnia e Agropecuária. Inicialmente, comecei a ministrar aulas na disciplina de Tecnologia dos Produtos de Origem Animal, do 3º semestre do curso técnico em Zootecnia, porém, minha supervisora também ministrava aulas na disciplina de Produção Agroindustrial, do terceiro semestre do curso técnico em Agropecuária, e solicitou colaboração. Sendo assim, realizei o estágio nas duas disciplinas.

Na primeira reunião com a supervisora, nós decidimos o plano de ensino que eu seguiria, e ela foi muito solícita. Porém, ser docente exige flexibilidade em relação aos planejamentos. Então, logo nas primeiras semanas o plano de

ensino precisou ser ajustado. Já estava esperando por esses processos, sendo assim, para mim, não foi algo fora do comum.

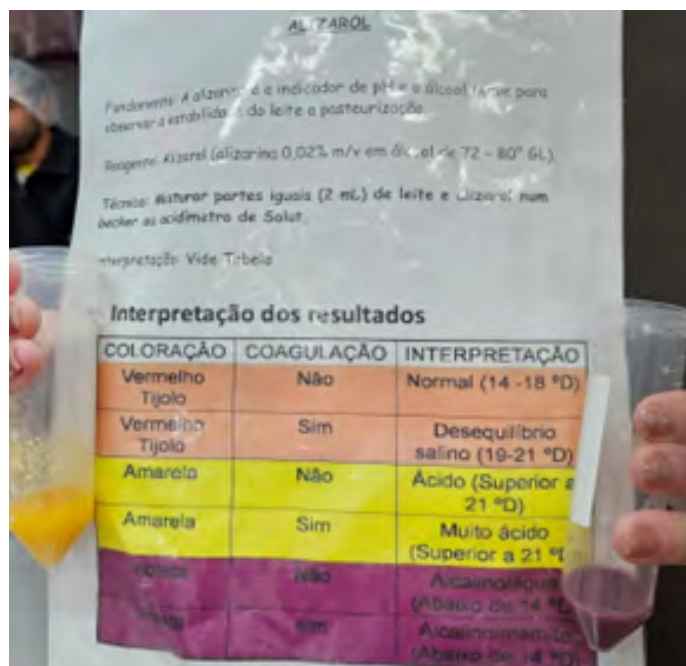
A primeira aula que ministrei para o curso técnico em Zootecnia foi a de Análises do leite – Fraudes e Microbiologia. Nesta aula, trabalhei com os alunos os principais tipos de fraudes no leite e seus impactos na qualidade e segurança alimentar, além de explicar os métodos laboratoriais utilizados na detecção de fraudes e contaminações microbiológicas e a importância da higiene nos processos de fabricação. Para isso, propus que os alunos coletassem amostras de suas mãos, relógios e anéis e inoculassem em placas de cultivo bacteriano. Os alunos estavam animados, então deixei que coletassem amostras de diferentes locais para a inoculação em placas bacterianas (Figura 1). Eles tinham muitas dúvidas em relação aos meios de cultura, materiais que poderiam inocular, locais em que poderiam coletar amostras... por fim, coletaram das mãos, relógios, anéis e punhos. Eles também conseguiram realizar com sucesso os testes para verificação da qualidade do leite (Figura 2) e a turma ficou bastante animada em compartilhar os resultados com os colegas.

Figura 1: Placas inoculadas com amostras coletadas a partir de *swabs* em relógios, punho e anel, após o período de uma semana em estufa a 37 °C.



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Figura 2: Resultados do teste do alizarol, realizado em aula. Na imagem temos uma amostra de leite que após o teste ficou com coloração amarela, indicando um pH ácido, e outra amostra de leite de coloração violeta, o que indica um pH básico.



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Nas aulas subsequentes do técnico em zootecnia (Figura 3), trabalhei sobre os processos de pasteurização e produção de queijos, em que fizemos queijo minas frescal, e sobre o diagnóstico microbiológico em amostras de leite, em que apresentei os conceitos e aplicações de CCS (Contagem de Células Somáticas) e CBT (Contagem Bacteriana Total), o conceito de mastites e o diferencial entre mastite ambiental, contagiosa, clínica e subclínica e demonstrei as técnicas para a coleta correta de amostras de leite para o diagnóstico microbiológico, envio das amostras ao laboratório e interpretação dos resultados. De todas, a aula de mastites foi a mais desafiadora de preparar, pois precisei adaptar a linguagem de forma adequada para o curso técnico. Por fim, a supervisora gostou bastante dessa aula em específico e solicitou que eu ministrasse também para o curso técnico em Agropecuária, tanto da turma da manhã, quanto da turma da tarde. Achei as turmas bem diferentes em relação aos seus conhecimentos base, mas no final das aulas, apesar de suas diferenças iniciais, todos já sabiam com clareza a diferença entre os conceitos de CCS e CBT. Afinal, dentre os diversos papéis de um professor, está

o de ser um facilitador do conhecimento e um guia para auxiliar o aluno em seu desenvolvimento (Galvão e Casimiro, 2023).

Também tive a oportunidade de preparar uma aula/oficina referente às linhas de inspeção e às principais lesões encontradas em órgãos de bovinos no frigorífico e de colaborar na correção e orientação de um TCC e de seu produto, um resumo expandido sobre a prevalência *Fasciola hepatica* em bovinos, de uma das orientadas da supervisora.

Além das aulas práticas e teóricas, participei de avaliação de seminários e provas, em que em muitos momentos refleti se estava sendo justa com as notas. Descobri que o “ser professor”, além de ensinar, precisa verificar se os alunos conseguiram aprender de forma apropriada, e que esse processo de avaliação pode ser estressante para ambos os lados. Um dos momentos mais felizes do estágio foi que em uma das aulas de avaliação de seminários, uma das alunas veio contar que eu havia “salvado a sua prova” de outra disciplina, em que o conteúdo abordava as mastites. Fiquei bem feliz com esse *feedback*, pois demonstra que consegui apresentar o conteúdo de uma forma que os alunos conseguiram memorizar os pontos principais.

Figura 3: Turma do curso técnico em Zootecnia do Colégio Politécnico da UFSM.



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Palavras finais

Após toda a experiência com as aulas práticas e teóricas, finalizei o meu Estágio Supervisionado III do PEG. Foi enriquecedor ministrar aulas para os cursos técnicos, pois as turmas são menores, o que facilita as aulas práticas em que todos os que querem conseguem realizar os procedimentos e técnicas propostos pelo professor. O que mais estranhei foi a necessidade de adaptar a linguagem utilizada, não pude utilizar tantos termos técnicos quanto os que utilizava nas aulas de graduação. Foi um bom aprendizado!

Agora, meu processo de docente em formação continua, pois por um período serei professora substituta na UFSM. Estou ansiosa para saber quais desafios e alegrias me aguardam.

*Serás professora, não é? Tudo o que
você falou, eu entendi.
(a/d)*

Referências

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALVÃO, M. R.; CASIMIRO, S. A. A. O. **O papel do professor na escola: educação e transformação**. Revista Owl, vol. 1, n. 2, Campina Grande, 2023. Disponível em: <https://revistaowl.com.br/index.php/owl/article/view/47/52>. Acesso em 14 de jul. 2025.

CAPÍTULO 5

O ESTÁGIO ENQUANTO ETAPA MEDIADORA NA CONSTRUÇÃO DO SABER DOCENTE

Fernanda Tamiozzo

Karla Marques da Rocha (Professora orientadora)

Maurício Vicente Motta Tratsch (Professor supervisor)

Doi: 10.48209/978-65-5417-546-5

Palavras Iniciais

O Programa Especial de Graduação de Formação de Professores para a Educação Profissional (PEG) estrutura suas disciplinas de estágio com três objetivos distintos. Inicialmente, busca proporcionar ao licenciando o conhecimento sobre a gestão e a organização das instituições escolares, por meio do Estágio Supervisionado I (BRASIL, 2002). Em seguida, no Estágio Supervisionado II, promove a observação sistemática da prática docente em sala de aula, permitindo ao futuro professor refletir sobre os diferentes modos de ensinar (PIMENTA; LIMA, 2004). Por fim, no Estágio Supervisionado III, oportuniza a vivência da prática pedagógica, articulando saberes, habilidades e atitudes necessários ao exercício docente, consolidando, assim, a integração entre teoria e prática que caracteriza a formação profissional (LIBÂNEO, 2012).

Por meio dessas vivências enriquecedoras, compartilhar saberes e aprendizados docentes torna-se um gesto significativo, capaz de alimentar um diálogo vivo e de inspirar reflexões sobre um tema em constante construção, que se renova a cada encontro e a cada experiência compartilhada.

Vivências do Estágio Supervisionado de Ensino III (ESE III)

O ESEIII foi realizado no Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e as aulas foram ministradas para os cursos do técnico em alimentos e técnico em meio ambiente, nas disciplinas de Tratamento

de Resíduos e Tratamento de Água e Efluentes, respectivamente. A disciplina de Tratamento de Resíduos apresenta uma carga horária total de 45 horas, das quais foram ministradas 14 horas frente aluno, enquanto na disciplina de Tratamento de Água e Efluentes, da carga horária total de 60 horas, 16 horas foram frente aluno. Ambas as disciplinas correspondem ao terceiro e último semestre do curso.

A turma do técnico em alimentos era composta por 29 alunos, multietária, participativa, contribuindo com experiências relacionadas aos assuntos abordados e buscando associar o conteúdo a aplicações práticas em sua área, mesmo que a disciplina não fosse diretamente vinculada à sua formação. Por sua vez, a turma do curso técnico em meio ambiente contava com 15 alunos, igualmente multietária e participativa, com dúvidas frequentes sobre o conteúdo e por estar diretamente relacionada a sua área de formação, os alunos conseguiam aplicar o conhecimento, estabelecendo conexões com outras disciplinas e com situações vivenciadas.

Inicialmente, realizou-se a definição e a distribuição do núcleo de conteúdos a serem trabalhados em sala de aula ao longo do semestre, em conjunto com o professor. Para isso, foi elaborado um plano de ensino-aprendizagem para cada disciplina, sendo esse instrumento de planejamento didático essencial para organizar, prever e orientar o processo de ensino (VASCONCELLOS, 2000; LIBÂNEO, 2012). Nesse plano, com base na ementa das disciplinas, foi realizada uma breve descrição do curso, destacando o objetivo de aprendizagem de cada disciplina, o conteúdo programático, a metodologia de ensino, o cronograma de atividades, os critérios de avaliação e a bibliografia básica e complementar. Apesar do planejamento inicial, diversas modificações e adaptações foram necessárias para adequar as datas aos conteúdos previstos para as aulas.

Definidos os conteúdos, cada aula exigia um planejamento, no qual era necessário informar o tema/assunto, objetivo geral e específico, metodologia, com base no momento inicial, desenvolvimento e finalização da aula e as referências utilizadas para a apresentação do conteúdo. Nessa etapa, o supervisor da disciplina auxiliava com base em sua experiência quais seriam as melhores

abordagens para a apresentação do conteúdo, interação com os alunos, analogias e exemplos práticos que poderiam ser utilizados. Nesse sentido, a apresentação era revisada sempre no dia anterior as aulas, o que permitia que dúvidas fossem esclarecidas sobre a distribuição e aprofundamento do conteúdo durante a aula. A montagem das apresentações, com o objetivo de cada slide e o que deveria ser explorado, mostrou-se um desafio constante durante todo o processo de estágio, assim como a gestão de tempo com cada turma. Para monitorar o que havia sido planejado e o que efetivamente foi desenvolvido, era elaborado, ao final de cada aula, um relato detalhado desse processo de implantação, no qual se registravam os desafios enfrentados e as potencialidades observadas em cada turma.

As aulas foram desenvolvidas, predominantemente, de forma expositiva e dialogada, priorizando a participação do aluno e o desenvolvimento de seu senso crítico sobre o conteúdo abordado. Eram utilizados recursos como projetor multimídia e quadro branco ou negro, para as apresentações e elaboração de esquemas e fluxogramas sobre o conteúdo abordado. Também foram utilizados diversos vídeos que descreviam com detalhes as tecnologias adotadas na área de tratamento de esgoto. Nesse sentido, o uso de recursos tecnológicos no processo de ensino-aprendizagem contribui para tornar as aulas mais dinâmicas, contextualizadas e significativas, favorecendo a compreensão e o engajamento dos alunos (MORAN, 2014).

Para o técnico em meio ambiente, foi planejada e realizada uma aula prática em laboratório, na qual os alunos aprenderam a utilizar o equipamento Jar Test, empregado em estações de tratamento de água (Figura 1a e b). Nessa aula, os alunos realizaram testes de qualidade da água e discutiram os dados encontrados, com base na legislação vigente e o conteúdo visto em aula. Além disso, tiveram a oportunidade de acompanhar o relato de experiência de um operador de estação de tratamento de esgoto, que compartilhou aspectos sobre as análises rotineiras, os desafios enfrentados na área e o funcionamento de um sistema de tratamento de esgoto (Figura 1c). Essa turma também participou de uma conferência organizada pela prefeitura de Santa Maria/RS como parte das atividades realizadas na semana do meio ambiente (Figura 1d).

Figura 1 - Atividades desenvolvidas com o técnico em meio ambiente no
a) laboratório de físico-química, b) utilizando o equipamento Jar Test,
c) participando de um relato de experiência no laboratório de mecânica dos
fluidos e hidráulica e d) participando de palestras e oficinas, como parte das
atividades propostas para semana do meio ambiente.



Fonte: Arquivo pessoal (2025)

Para a turma do técnico em alimentos, tive a oportunidade de elaborar, aplicar e corrigir uma prova avaliativa. A utilização desse instrumento avaliativo permite não apenas verificar os resultados da aprendizagem, mas também acompanhar o desenvolvimento dos alunos ao longo do processo educativo (LUCKESI, 2011). Nesse sentido, a orientação do supervisor foi fundamental, trazendo importantes contribuições quanto à definição do número de questões compatível com o tempo disponível, ao nivelamento dos conteúdos e ao equilíbrio entre perguntas objetivas e dissertativas, além das instruções que deveriam ser repassadas aos alunos no dia da aplicação. O supervisor também recomendou a realização de uma breve revisão do conteúdo antes da prova, com o objetivo de reforçar os principais tópicos e esclarecer eventuais dúvidas dos alunos.

Figura 2 – Aplicação da prova avaliativa para o curso do técnico em alimentos.



Fonte: Arquivo pessoal (2025)

Dessa forma, nesse processo de construção dos saberes docentes, identifiquei diversas dificuldades e barreiras com as quais precisei me adaptar. Entre elas, a revisão constante do conteúdo para a elaboração das aulas, assim como a forma de agir e o que falar durante a apresentação, a escolha das perguntas mais adequadas para estimular a participação dos alunos, bem como a definição de analogias que facilitassem a compreensão dos conceitos. Além disso, enfrentei o desafio de realizar uma gestão adequada do tempo, já que, em algumas situações, a falta de interação por parte da turma fazia com que as aulas pudessem se encerrar antes do previsto. Outro aspecto relevante foi a dificuldade em estabelecer um vínculo com a turma, pois percebi que, em determinados momentos, especialmente quando era necessário abordar uma quantidade extensa de conteúdo, os alunos se mostravam dispersos e pouco participativos. Logo, esses desafios proporcionaram reflexões profundas sobre as diferentes dimensões da prática docente, que envolvem não apenas a transmissão do conhecimento, mas também a criação de estratégias capazes de cativar os alunos e promover sua participação efetiva no processo de aprendizagem.

Palavras finais

O estágio realizado em turmas e cursos distintos proporcionou uma experiência ampla e enriquecedora no que diz respeito à prática docente. Diversas questões, tanto práticas quanto teóricas, puderam ser analisadas e debatidas com a orientadora de estágio, que compartilhou vivências e ofereceu sugestões valiosas para aprimorar o processo de ensino em sala de aula. Além desse acompanhamento, o supervisor de estágio, presente durante a implantação das aulas, desempenhou um papel fundamental ao avaliar e propor melhorias nas práticas pedagógicas, especialmente no que se refere à postura em sala, ao atendimento individualizado dos estudantes e à clareza na transmissão do conhecimento.

Com isso, o ESE III constitui uma etapa essencial na formação docente, pois possibilita avaliar os desafios e as potencialidades da prática educativa. Ao nos colocarmos na posição de docentes, desenvolvemos maior autonomia profissional, bem como habilidades relacionadas à aplicação de métodos e abordagens que melhor se adequam a cada contexto de ensino.

*“Educação não é preparação para a vida; educação é a própria vida.”
(John Dewey)*

Referências

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

LIBÂNEO, J C. **Didática**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?** 5. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

VASCONCELLOS, C. S. **Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico**. São Paulo: Libertad, 2000.

MORAN, J. M. A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá. 5. ed. Campinas: Papirus, 2014.

LUCKESI, C. C. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

CAPÍTULO 6

PISADORES DE GEADA FRIA: ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE ENSINO EM CULTURAS DE INVERNO

Gabriel Camatti

Karla Marques da Rocha (Professora orientadora)

Ivan Carlos Maldaner (Professor supervisor)

Doi: 10.48209/978-65-5417-546-6

Palavras Iniciais

Nascido em Caxias do Sul, desde pequeno estive em contato com a natureza e passei a gostar de plantas. Buscando oportunidades no mercado de trabalho, encontrei na Universidade Federal de Santa Maria um ensino de excelência no curso de Agronomia. Após cada disciplina cursada crescia a admiração pela profissão de professor, e ao entrar no mestrado consegui no PEG a oportunidade de desenvolver uma formação de professor.

Vivências do Estágio Supervisionado de Ensino III

O estágio foi realizado na disciplina de Culturas de Inverno, parte do terceiro semestre do Curso Técnico em Agropecuária do Colégio Politécnico. A disciplina possui carga horária total de 30 horas, das quais eu ministrei 15 horas, tanto na turma da manhã quanto da tarde. A primeira, que continha 22 alunos, possuía alunos mais novos e era mais reservada, enquanto a turma da tarde tinha uma média de idade maior entre os 20 alunos e era mais espontânea e calorosa. De maneira geral, os alunos de ambas as turmas eram dedicados e estudiosos, interagindo durante as aulas e mostrando preocupação com sua formação pessoal. Alguns alunos, no entanto, demonstraram pouco interesse pelas aulas e optaram por passar mais tempo fora da sala. Fato é que, conforme o plano de ensino, essa disciplina sumariza grande parte do conhecimento que será aplicado ao longo das carreiras como técnicos em agropecuária e o desinteresse nisso gera preocupação para os professores e

dúvida em relação a capacidade dos profissionais que poderão ser entregues para o mercado de trabalho.

Não é possível começar os trabalhos sem a elaboração do plano de ensino, fundamental para a organização e a efetividade do estágio. Ele atua como um guia que orienta o trabalho docente, delimitando objetivos, conteúdos, metodologias, recursos e formas de avaliação, de acordo com as necessidades dos alunos e os objetivos da instituição. Além disso, proporciona maior clareza e transparência no percurso de aprendizagem, permitindo que os estudantes compreendam as expectativas e metas do curso (SILVA et al., 2024). Isso contribui para a coerência pedagógica e facilita a adaptação frente a imprevistos, promovendo uma prática docente mais reflexiva, intencional e comprometida com a qualidade da educação.

Com o plano de ensino bem estruturado, torna-se mais simples desenvolver o planejamento da aula. O grande desafio do professor nessa etapa, a meu ver, é elaborar uma aula que transmita os conteúdos presentes no plano de maneira que os alunos consigam se apropriar daquilo. Para isso, destaca-se o uso de abordagens diferentes das convencionais, chamadas de metodologias ativas de ensino-aprendizagem. Elas representam uma abordagem centrada no estudante, cujo objetivo principal é promover o protagonismo do aluno no processo de construção do conhecimento. Diferentemente do modelo tradicional, em que o professor é a principal fonte de informação e o aluno assume uma postura passiva, as metodologias ativas estimulam a participação, a colaboração, a autonomia e o pensamento crítico. Partem do princípio de que o aprendizado é mais significativo quando o estudante se envolve ativamente com o conteúdo, aplica os conhecimentos em situações reais ou simuladas, e reflete sobre suas próprias experiências. O papel do professor, nesse contexto, é ressignificado: ele atua como mediador, orientador e facilitador do processo de aprendizagem, criando ambientes de ensino mais dinâmicos e integrados à realidade dos alunos (LOVATO et al, 2018). As metodologias ativas também favorecem o desenvolvimento de competências socioemocionais, habilidades de comunicação, trabalho em equipe e resolução de problemas, sendo especialmente relevantes em uma sociedade em constante transformação. A agricultura favorece a utilização

dessas abordagens metodológicas, pois possui uma infinidade de cenários e possibilidades para o professor utilizar. Durante as aulas, busquei ao máximo trazer problemas do cotidiano agrícola para a sala de aula, incentivando os alunos para que, em grupo, pensassem em soluções e elaborassem recomendações técnicas para os produtores.

Além disso, algo que a primeira graduação proporciona aos estagiários do PEG é a possibilidade de transpor os conhecimentos da sua formação principal para a prática do estágio. Juntamente com a boa vontade do professor supervisor, elaboramos uma aula prática de amostragem no campo experimental do Colégio Politécnico, seguida da extração e análise de nematoides na Clínica Fitossanitária do Centro de Ciências Rurais. Isso trouxe uma experiência ímpar na formação dos alunos, que viram com bons olhos a atividade proposta.

A avaliação dos alunos seguiu o modelo do professor supervisor, com duas provas, um trabalho final e relatórios das aulas. Elaborar questões se mostrou um grande desafio, exigindo criatividade para sumarizar o conteúdo de acordo com as características dos alunos.

Durante o estágio, as atividades de orientação e supervisão foram fundamentais para meu desenvolvimento profissional. As reuniões com o supervisor serviram como espaço de diálogo e planejamento conjunto, permitindo que as aulas fossem estruturadas de forma coerente com os objetivos da disciplina e com o perfil dos alunos. Discutimos estratégias didáticas, metodologias ativas e formas de avaliação, o que contribuiu para que eu me sentisse mais seguro em sala de aula. A troca constante de experiências com o supervisor possibilitou uma compreensão mais ampla das práticas pedagógicas e reforçou a importância da flexibilidade no ensino.

Enfrentar o desafio do estágio exigiu resiliência e capacidade de adaptação, especialmente diante de aulas que não seguiram exatamente o que foi planejado. Nem sempre os alunos reagiram da maneira esperada, e imprevistos exigiram ajustes imediatos. Nesses momentos, procurei manter a calma, observar a dinâmica da turma e adaptar a metodologia, preservando os objetivos centrais da aula e buscando manter o engajamento dos estudantes. Certamente o planejamento é essencial e evita a maioria das situações inesperadas, mas a

prática docente exige abertura para o improviso pedagógico.

Um exemplo marcante ocorreu quando propus uma atividade em grupo baseada no manejo da cultura da aveia, mas a turma demonstrou resistência à participação e dispersão. Percebi que faltou uma introdução mais contextualizada e que os alunos não haviam compreendido a relevância do exercício. Diante disso, retomei o conteúdo base em forma de diálogo coletivo, usando exemplos mais próximos da realidade dos alunos, o que melhorou a receptividade. Como solução prática para esse tipo de problema, considero essencial incluir momentos iniciais de sensibilização, explicitar os objetivos da atividade e, se necessário, reformular a proposta em linguagem acessível e com metas mais claras. Embora essa estratégia não tenha sido plenamente implementada na primeira turma, pude refletir depois e me preparar para realizar na segunda turma, na qual obtive um ótimo resultado.

Ao longo do estágio supervisionado, percebi o quanto essa experiência foi essencial para minha formação docente. Enfrentar o desafio de ensinar conteúdos técnicos exigiu não apenas domínio do conhecimento, mas também a capacidade de traduzir a teoria em prática, conectando os conteúdos ao cotidiano dos alunos e ao mercado de trabalho. A cada aula, fui aprendendo a lidar com diferentes situações: dificuldades de aprendizagem, falta de motivação, questões disciplinares e ajustes no planejamento. Ainda assim, reconheço que esses desafios foram oportunidades valiosas para meu crescimento profissional e pessoal.

O estágio contribuiu de forma significativa para minha formação pedagógica. Pude observar, na prática, como a Educação Técnica exige um equilíbrio entre a formação humana e a capacitação profissional. Notei que os alunos respondem melhor quando percebem que os conteúdos ensinados têm utilidade prática, o que reforçou em mim a importância de contextualizar as aulas e tornar o conhecimento acessível e relevante. A partir da observação e da interação com a turma, compreendi que a motivação e o engajamento estão diretamente ligados à clareza dos objetivos, à linguagem utilizada e à forma como o professor se posiciona em sala.

Quanto aos meus saberes docentes, considero que o conhecimento do conteúdo técnico é importante, mas a experiência mostrou que o diferencial está no conhecimento pedagógico: saber planejar, comunicar e conduzir o processo de ensino de forma dinâmica (TARDIF, 2012). Esforcei-me para cumprir as etapas da aula e, na maioria das vezes, consegui seguir o planejamento. No entanto, aprendi que imprevistos acontecem e que a flexibilidade é uma competência essencial.

O relacionamento com os alunos foi construído com respeito, empatia e escuta ativa. Muitos trazem experiências do mundo do trabalho ou da vida no campo, e valorizar esse conhecimento prévio foi fundamental para estabelecer uma conexão com eles. O vínculo com o supervisor também foi positivo: ele contribuiu com sugestões práticas, apontamentos construtivos e apoio constante na organização das atividades.

As habilidades e atitudes desenvolvidas ao longo do estágio como a organização, o senso de responsabilidade, a escuta ativa, o planejamento intencional e a adaptação às diferentes situações contribuíram diretamente para qualificar minha prática. Acredito que, mais do que ensinar um conteúdo, o professor da Educação Profissional e Tecnológica deve ser capaz de inspirar, orientar e preparar o aluno para a vida e para o mundo do trabalho, promovendo uma formação crítica, ética e tecnicamente sólida. Concluo esse estágio com a certeza de que escolhi o caminho certo: ensinar para transformar.

Palavras Finais

Sem dúvida alguma, o Estágio Supervisionado de Ensino é uma etapa fundamental na formação dos futuros professores. Vivenciar os desafios de preparar e executar aulas, enfrentando em sala de aula as dificuldades e os imprevistos que surgem, nos prepara para o que todo docente encontra no seu cotidiano. Mais do que isso, o estágio é uma oportunidade valiosa de conhecer pessoas, realidades e de sentir, na prática, o funcionamento do sistema educacional brasileiro. Para alguns, esse momento representa uma reflexão profunda: dizer sim ou não à docência, ser ou não ser professor. Para outros, como é o meu caso, trata-se da confirmação de um desejo: o de ensinar enquanto se aprende, com o compromisso de crescer junto com os alunos.

A educação profissional e tecnológica tem papel estratégico no desenvolvimento do país, pois forma cidadãos capazes de transformar a realidade com base no conhecimento e na prática.

Paulo Renato Souza

Referências

LOVATO, F. L. et al. Metodologias ativas de aprendizagem: uma breve revisão. **Acta Scientiae**. v. 20, n. 2, 2018.

SILVA, N. V. S. et al. Desvendando o planejamento educacional: uma análise da aplicação prática nos contextos do plano de ensino e plano de aula. **Revista Ibero-Americana De Humanidades, Ciências E Educação**, 10(3), 2287–2296, 2024.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Editora Vozes Limitada, 2012.

CAPÍTULO 7

TODA JORNADA, TEM UM COMEÇO

Guilherme Rigo

Karla Marques da Rocha (Professora orientadora)

Guilherme Emanuel Weiss Pinheiro (Professor supervisor)

Cindy Menezes Silva (Professora supervisora)

Doi: 10.48209/978-65-5417-546-7

Palavras Iniciais

Ao longo da minha vida, sempre ansiava para que ouvissem o que eu tinha a dizer ao mundo. Desde as séries iniciais, gostava de reunir colegas para que realizássemos alguma atividade, e assim, compartilhar com os demais colegas de outras turmas. Os temas eram variados, desde acontecimentos históricos até abordagens como meio ambiente. Este último, em especial, veio para ficar, como algo que me deu sentido à vida até aqui.

Com o passar dos anos, conforme fui avançando pela educação básica, mais forte pulsava em mim a certeza de que queria aprender cada vez mais sobre o universo dos ecossistemas, das dinâmicas e processos que envolvem os ciclos naturais, mas também da problemática relação que o ser humano estabelece com o meio ambiente. Foi nesse momento que optei pelo curso de Tecnologia em Gestão Ambiental, na Universidade Federal de Santa Maria. Dentre muitas descobertas e aprendizados, senti-me tocado pela disciplina de Educação Ambiental, mas algo em mim não queria se limitar em ministrar oficinas e treinamentos em organizações sobre coleta seletiva e gestão de resíduos. Eu queria ir mais além.

Foi aí que em meados de 2018 me voluntariei no Criadouro conservacionista São Braz, hoje zoológico, mas na época mantenedor de fauna silvestre, onde os animais eram resgatados em operações contra o tráfico internacional, caça ilegal e maus tratos. Ali, pude experimentar o clímax de estar

pela primeira vez realizando uma atividade que realmente fazia sentido: guiar visitantes na unidade não apenas para apresentar hábitos e características sobre os animais, mas para sensibilizá-los e de alguma forma, plantar a semente da unidade em cada um dos corações que por ali passavam. Não se preserva aquilo que não se conhece, e nada mais gratificante do que mediar essa descoberta. Passado algum tempo, já graduado, e com o mundo atravessando a crise sanitária da Covid-19, optei por fazer um curso de especialização em Educação Ambiental, já convicto de qual era o meu papel enquanto ser humano, buscador de conhecimento e de horizontes para a luta na conservação da natureza. Mas, sentia que ainda faltava algo. Faltava as relações interpessoais, as discussões, o café companheiro de momentos de estudo e reflexão, as trocas. Nesse período, uma grande amiga, hoje então professora e profissional da saúde, me relatava em algumas de nossas conversas, as experiências no PEG - Programa Especial de Graduação Para a Educação Profissional e Tecnológica, curso sediado pela Universidade Federal de Santa Maria, destinado a profissionais bacharéis e tecnólogos com o objetivo de formar professores para o ensino técnico. Fiquei maravilhado com o brilho em seu olhar ao relatar as dinâmicas, as rodas de conversa e a bagagem de aprendizado que ela estava adquirindo, e então, decidi que concorreria a uma vaga no próximo processo seletivo do curso.

Aprovado, comecei a minha jornada de formação para me tornar professor, e é aqui que começa uma trajetória de muitos desafios, mas também de muito amor, aprendizado e rompimento de paradigmas. Ensinar é aprender.

Entre Anseios e Receios, Ensinar é o Caminho para Aprender

Realizado no curso Técnico em Meio Ambiente, no colégio Politécnico da UFSM, o Estágio Supervisionado III foi efetivado na disciplina de Políticas Públicas e Saúde Ambiental, ofertada no terceiro semestre, tendo carga horária total de sessenta horas, sendo trinta horas de estágio com dois encontros semanais de duas horas cada.

A turma era bastante variada no que diz respeito às faixas etárias, com um número total de matrículas na disciplina de vinte e sete alunos, sendo assíduos um total de dezenove estudantes. Três dos dezenove estudantes frequentes possuem deficiência intelectual, em graus distintos entre si, supervisionados por uma educadora especial. O aluno com o maior grau de deficiência, certamente era o maior desafio. Quanto aos demais integrantes, muitos já são profissionais graduados (Biólogos e Zootecnistas), o que tornou a experiência ainda mais intensa. Por serem alunos do terceiro e último semestre, todos já interagiam entre si com certo grau de intimidade, e, de certo modo, isso me causava insegurança.

Elaborar um plano de ensino exige empatia e propósito, na perspectiva de: o que os meus alunos devem aprender, e de que forma eu irei ensinar. Nele, consta o conteúdo a ser trabalhado, a bibliografia básica e complementar e, mais do que isso, o objetivo quanto a abordagem do conteúdo. O cronograma foi planejado cuidadosamente, buscando abranger a pluralidade que ali continha. No plano de ensino semeamos o conhecimento com intenção, para depois colher os frutos que nascem no processo de aprendizagem.

Os planos de aula foram pensados para dialogar com todos, desde os mais experientes, até aqueles que concluíram o ensino médio e buscavam por uma qualificação profissional que lhes agregasse valor. Em razão do tempo limitado e do conteúdo do qual eu não poderia me isentar, a maior parte das aulas seguiram o padrão expositivo-dialogado, com utilização de retroprojektor multimídia e quadro branco, seguida de discussões e síntese de ideias. Na aula com o tema “Riscos ambientais à saúde”, realizamos uma atividade dinâmica com análise e estudo baseado em problemas. A turma foi dividida em dois grupos, respectivamente, com o objetivo de avaliar duas situações problemas das quais os alunos poderiam deparar-se no seu cotidiano enquanto profissionais. Eles deveriam analisar os possíveis riscos que advém de postos de combustíveis e de um conjunto habitacional que fora construído em área de aterro sanitário desativado. As respostas atenderam às expectativas. Eles expuseram argumentos e análises bem alinhadas ao que estava sendo traba-

lhado, algo que de alguma maneira me trouxe um sentimento de gratidão e alívio, pois percebi que grande parte dos meus receios eram infundados.

Nas aulas da disciplina de Estágio Supervisionado no PEG, já um pouco cansados de uma tarde inteira de discussões e debates, somos orientados quanto aos processos que devem ser seguidos, etapas a serem cumpridas, mas mais do que isso, aprendemos que ensinar é um ato de coragem e um compromisso com seres humanos. Aprendemos a abraçar as nossas dificuldades e recordar que percalços são inevitáveis. Os professores supervisores foram essenciais nesse processo. A eles, devo as inúmeras vezes em que a ansiedade quis ministrar as aulas, mas suas palavras ressoavam exatamente o que eu precisava ouvir para que pudesse me desatar dos nós da insegurança. - “Deixe o coração mais leve. Você sabe o que faz”, disse a professora no primeiro encontro. Devo dizer que tive muita sorte ao ser supervisionado e orientado por docentes tão singulares. Nossa caminhada se torna possível guiada por bons mestres. Sem eles, nos restaria a estrada da incerteza, vagando pelo escuro, sem a perspectiva de qual será o próximo passo.

A parte prática da disciplina compreendia uma série de atividades mais dinâmicas. Nela, foram realizadas oficinas, rodas de conversa e saídas de campo. Pude perceber o quanto as atividades práticas aproximam os colegas uns dos outros, torna diálogos antes reprimidos em fluidez e fortalece laços. O empenho durante as práticas também é algo a ser denotado. Muitos alunos externalizam suas habilidades durante atividades dinâmicas, em oposição ao padrão conteudista de aprendizado, emergindo suas expressões críticas e participativas, como diz Freire em sua obra *Pedagogia da autonomia*. “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” (Freire, 1996, p. 47)

Figura 1 – Oficina de animais peçonhentos.



Fonte: Arquivo pessoal (2025)

Figura 2 – Roda de conversa com agentes vigilantes



Fonte: Arquivo pessoal (2025)

Lembro-me que quando comecei a assistir às aulas do professor supervisor, a insegurança se fazia presente em uma ligeira sensação de que ocupar a frente da turma seria uma tarefa periclitante, eu diria que quase impossível. É

uma das dificuldades de pessoas que ouvem mais e falam menos. Nesse sentido, incorporar o papel do docente diante do compromisso abstrato de produzir aprendizado, foi, para mim, um rompimento de paradigmas. Mesmo quando tudo saia como o planejado, sempre me ocorria um sentimento de que eu poderia ter dado mais, ou que eu não tinha oferecido o meu máximo. A ansiedade adora fazer isso, e daí vem a importância de não dar ouvidos a ela, ainda mais quando o parecer dos professores supervisores denota o contrário. Apenas um dos encontros não saía conforme o planejamento, mais especificamente em relação ao tempo. Naquele dia, não houve grandes discussões e a turma estava ansiosa para ir embora, pois não haveria o próximo período. Confesso que senti-me um pouco frustrado, questionando a mim mesmo sobre a aula que eu acabara de dar, não obtendo o mesmo sucesso das anteriores. Mas, abracei as arestas do processo, e que estar preparado para o inesperado, também é uma das nuances da docência.

Por falar em estar preparado para o inesperado, situações que nos forçam a abdicar da zona de conforto acontecem com certa frequência na rotina do educador. Pude experienciar isso ao ter alunos com deficiência cognitiva na turma. Ora queriam atenção exclusiva, ora faziam perguntas muitas vezes descabidas para o momento, e ignorá-las não era uma opção. Ao menos não para mim, que observo com criticidade as barreiras existentes ao processo de inclusão. Conversando com o professor supervisor, me foi orientado que eu deveria ser firme diante de algumas situações, pois se tratando de um ambiente democrático como a sala de aula, algumas atitudes desses alunos em especial poderiam atrapalhar o processo de aprendizado dos demais colegas, bem como a linha de raciocínio do professor ao passar o conteúdo. Sendo assim, nos instantes que surgiam perguntas descabidas, eu apenas respondia que era um assunto para um outro momento e que depois poderíamos conversar sobre ao final da aula. Essa conduta, não priva o aluno de expressar-se tal qual sua essência, mas sim, viabiliza um limite saudável na relação para com o professor e com os demais membros da classe.

A avaliação foi realizada por meio de lista de exercícios, onde foi permitida consulta no material didático, previamente disponibilizada no ambiente

virtual da disciplina. A avaliação deveria ser adaptada para os alunos neurodivergentes, sendo os textos e múltiplas alternativas substituídas por imagens, associações com cores, e fonte em caps lock para facilitação da leitura. No dia da avaliação, ao auxiliar um deles, pude experimentar o desafio de promover um ensino inclusivo e sem barreiras. Ensinar é um desafio. Ensinar um aluno com deficiência é um desafio que nos ensina. Exige sensibilidade e flexibilidade nas palavras, nas ações, e no respeito às singularidades. Melhor dizendo, ensina a ser humano.

Durante as atividades do estágio, abracei o compromisso da responsabilidade para com os seres humanos, com a aprendizagem dos alunos e com o aprimoramento profissional que ali buscavam. Pude estabelecer e fortalecer laços de bom relacionamento com a turma, sempre prezando pelo respeito, promovendo um ambiente inclusivo e participativo. Planejei e executei cada aula com intencionalidade, utilizando de estratégias que estimulam a participação ativa dos alunos, trazendo inquietações e fomentando discussões. Utilizei de ferramentas tecnológicas para agregar valor às aulas, sempre considerando os sentidos e as subjetividades do processo de aprendizagem. O conhecimento é uma ponte a ser construída, e o papel do docente é facilitar essa construção. Mantive responsabilidade, pontualidade e diálogo com os professores supervisores, acolhendo sugestões e abraçando-as como peças fundamentais ao meu crescimento enquanto educador, buscando melhorar continuamente.

Apesar de enfrentar desafios comuns à prática docente, como o gerenciamento do tempo e a adaptação às necessidades da turma, fui capaz de refletir sobre minha prática e procurar soluções para os desafios que poderiam surgir. Nossos encontros foram marcados de muitas conversas e momentos de troca mútua. Portanto, as habilidades ali desenvolvidas, tanto técnico/pedagógicas quanto de relações humanas, não apenas me auxiliaram a conduzir melhor os encontros, mas também me possibilitaram agir com mais propositividade e sensibilidade, qualificando minha prática docente dali para a vida.

O Que o Ensino me Ensinou

Encerrando essa etapa, sigo com o coração leve e convicto de que ensinar e aprender nos tornam mais humanos e humildes, uma vez que somos eternos aprendizes. Mesmo com o tempo quase diminuto, pude navegar pelo mar do medo com coragem, resiliente e leal ao meu propósito. Pude também refletir sobre práticas pedagógicas e compreender a real essência da sala de aula enquanto espaço de construção coletiva do saber e aprender. No estágio, reafirmei minha escolha pelo caminho da docência, assumi o compromisso com a educação e dei voz a uma alma inquieta diante dos desafios do mundo. O conhecimento é a metamorfose que nos permite criar asas e nos torna infinitos, nutre a nossa particularidade e cultiva o respeito pelas particularidades dos demais.

Hav um pe no me do cah, no me cah ha um pe. E na pe, ha mu cah
Carlos Drummond de Andrade (adaptado)

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 19. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LIMA, R. T. A.; COSTA FILHO, J. V. Estágio supervisionado no ensino médio integrado: contribuições para a formação integral do estudante na educação profissional e tecnológica. **Revista Educação, Cultura e Sociedade**, Cáceres, v. 14, n. 2, p. 124-135, 2024.

CAPÍTULO 8

ESTÁGIO DE ENSINO EM SEMENTES E VIVEIROS FLORESTAIS: VIVÊNCIAS E APRENDIZADOS DE UMA TRAJETÓRIA DOCENTE EM CONSTRUÇÃO

Jocimar Caiafa Milagre

Karla Marques da Rocha (Professora orientadora)

Renato Trevisan (Professor supervisor)

Doi: 10.48209/978-65-5417-546-8

Introdução

O estágio supervisionado de ensino é um dos requisitos para a formação de professores, que poderão atuar em diferentes modalidades de ensino, incluindo a Educação Profissional e Tecnológica (EPT). A EPT, conforme estabelecido pela Lei Federal nº 9.394/1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB), é uma modalidade de ensino que visa preparar os indivíduos para o exercício de profissões, integrando-os ao mundo do trabalho e à sociedade (Brasil, 1996). A atuação docente, tanto na EPT quanto em outras modalidades, exige uma formação sólida e integrada, que capacite o professor a responder às demandas de uma educação comprometida com a formação integral dos discentes e com a promoção da transformação social (Freire, 2019; Lima e Braga, 2016).

Dentre as diferentes áreas de atuação do professor na EPT estão as Ciências Agrárias e Ambientais, que têm papel importante na formação de profissionais voltados à sustentabilidade e ao uso responsável dos recursos naturais. Nessa linha, os conhecimentos relacionados a sementes e viveiros florestais são determinantes para a produção de mudas destinadas aos mais diversos usos, como arborização urbana, reflorestamento e recuperação de áreas degradadas (Piña-Rodrigues *et al.*, 2007). Esses conhecimentos têm se tornado cada vez mais indispensáveis diante do cenário de crescente degradação dos ecossistemas naturais por atividades humanas (Isbell *et al.*, 2023).

No último semestre do Programa Especial de Graduação de Formação de Professores para a Educação Profissional (PEG) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), os discentes cursam a disciplina de Estágio Supervisionado de Ensino (Estágio III), que envolve a regência de aulas para a EPT. Assim, para cumprir esta etapa formativa, eu desenvolvi as atividades de estágio III no Curso Técnico em Meio Ambiente do Colégio Politécnico da UFSM, na disciplina “CPSVF101 - Sementes e Viveiros Florestais”, onde foi possível aprender e vivenciar os aspectos positivos e os desafios do exercício docente.

Neste contexto, este capítulo tem como objetivo compartilhar as vivências e aprendizados construídos ao longo do Estágio Supervisionado de Ensino, realizado no âmbito do PEG, junto à disciplina de Sementes e Viveiros Florestais, no Curso Técnico em Meio Ambiente do Colégio Politécnico da UFSM. Por meio do relato das atividades desenvolvidas, das aprendizagens adquiridas e dos desafios enfrentados, pretende-se mostrar como o estágio contribuiu para minha formação docente. Para isso, o capítulo está organizado em três seções principais: a trajetória do estagiário até seu ingresso no PEG, as vivências no Estágio Supervisionado de Ensino III, incluindo as etapas teórica e prática, e as considerações finais sobre a experiência formativa vivida.

Trajetória até Chegar ao PEG

Meu objetivo principal ao iniciar o PEG foi ampliar minha formação por meio de disciplinas de base didático-pedagógica voltadas para a formação docente, com foco na área de Ciências Agrárias (Engenharia Florestal). Antes de ingressar no PEG, tive a oportunidade de desenvolver algumas atividades voltadas ao ensino e cursar uma complementação pedagógica na área de Ciências Biológicas. Ainda na graduação em Engenharia Florestal, na Universidade Federal de Viçosa (UFV), atuei como monitor da disciplina de Anatomia Vegetal, desenvolvendo atividades práticas de ensino para alunos de diferentes cursos de graduação. Durante esse período, também lecionei aulas particulares nas disciplinas de Biologia Celular, Anatomia Vegetal e

Fisiologia Vegetal, o que foi importante para iniciar o desenvolvimento de habilidades didáticas.

Ao finalizar a graduação em Engenharia Florestal, comecei a trabalhar em uma empresa do setor privado, na área de Operações Florestais. Após um período atuando no setor florestal, comecei a trabalhar como professor de Agricultura da educação básica na Prefeitura Municipal de São Mateus/ES. Essa vivência fortaleceu meu propósito de atuar como educador, o que me motivou a buscar formação pedagógica, por meio do curso de Complementação Pedagógica em Ciências Biológicas no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (Ifes). Essa formação pedagógica foi bem relevante, uma vez que o curso de bacharelado em Engenharia Florestal, por sua natureza técnica e científica, não possui disciplinas voltadas à formação pedagógica.

Com o início da pós-graduação *stricto sensu* na UFSM, a formação para a docência foi sendo ampliada. No mestrado e no doutorado em Engenharia Florestal, tive a oportunidade de cursar disciplinas de docência orientada, que são voltadas ao ensino em disciplinas da graduação. Essas experiências foram essenciais para o amadurecimento do desejo de atuação na área acadêmica, tanto do ponto de vista técnico quanto didático-pedagógico. Em 2024, busquei complementar minha formação com uma base mais direcionada à EPT, ingressando no PEG na UFSM. Ao longo do PEG, cursei os Estágios Supervisionados de Ensino I e II, que envolveram o conhecimento do contexto escolar e a observação de aulas. Mais recentemente, concluí o Estágio III, focado na regência de aulas, cuja experiência será compartilhada neste capítulo.

Vivências e Aprendizados do Estágio Supervisionado de Ensino

Local, curso e disciplina de realização do estágio

O estágio teve uma carga horária de 30 horas e foi desenvolvido na disciplina “CPSVF101 - Sementes e Viveiros Florestais” do Curso Técnico em Meio Ambiente do Colégio Politécnico da UFSM. O curso é na modali-

dade técnico-presencial, com funcionamento no turno vespertino. A área de conhecimento do curso é classificada como Eixo Tecnológico Ambiente e Saúde (UFSM, 2025). A disciplina tem uma carga horária total de 45 horas e está inserida no terceiro e último semestre do curso. De acordo com sua ementa, a disciplina apresenta os seguintes objetivos:

Obter conhecimento sobre as formas de coleta, beneficiamento, armazenamento de sementes florestais, reconhecer as principais infraestruturas de um viveiro florestal para a produção de mudas, bem como, possibilitar ao aluno a compreensão e embasamento técnico científico referente aos principais métodos de propagação e padrões de qualidade de mudas florestais e a implantação (UFSM, 2025).

A turma contava com 14 estudantes, caracterizando-se por uma composição bastante heterogênea. Observou-se uma diversidade significativa em termos de experiências prévias, faixas etárias e ritmos de aprendizagem. Alguns estudantes já possuíam graduação e experiências profissionais anteriores, enquanto outros ainda estavam em formação inicial, vivenciando o primeiro contato com conteúdos técnicos da área ambiental. Dentre os discentes, três apresentavam deficiência intelectual.

O estágio foi realizado durante o primeiro semestre de 2025 sob orientação da professora Dra. Karla Marques da Rocha e supervisão do professor Dr. Renato Trevisan, responsável por lecionar a disciplina de Sementes e Viveiros Florestais. Atividades de ensino teóricas e práticas foram conduzidas durante a realização do estágio de ensino, além do auxílio na elaboração e aplicação das duas avaliações da disciplina (Figura 1). Com o apoio do professor supervisor, foram elaborados o plano de ensino para o período de atuação do estagiário na disciplina (30 horas) e os planejamentos das respectivas aulas. Os planejamentos de aula também foram revisados pela professora orientadora.

Figura 1 – Esquema representativo do Estágio Supervisionado de Ensino realizado na disciplina de Sementes e Viveiros Florestais no Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria.



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Atividades de ensino teóricas

As atividades teóricas de ensino foram desenvolvidas por meio de aulas expositivas dialogadas abordando os seguintes temas: (i) Sementes florestais, (ii) Germinação e dormência de sementes florestais, (iii) Armazenamento de sementes florestais, (iv) Embalagens para o armazenamento de sementes florestais e (v) Viveiros florestais. A Figura 2 mostra o estagiário durante a ministração de aula teórica sobre armazenamento de sementes florestais.

Figura 2 – Estagiário durante a ministração de aula teórica na disciplina de Sementes e Viveiros Florestais.



Fonte: Arquivo pessoal do Professor supervisor (2025).

De forma geral, os alunos demonstraram atenção e interesse pelos tópicos apresentados durante as aulas teóricas. Acredito que isso se deve, em parte, à abordagem de temas que fazem parte do cotidiano dos estudantes, especialmente por estarem inseridos em um curso técnico com ênfase ambiental. Além disso, alguns discentes já possuíam experiências relacionadas à coleta de sementes e à produção de mudas, o que favoreceu a formulação de dúvidas e a troca de conhecimentos durante as aulas. Mesmo quem não teve contato direto com os temas abordados nas aulas teóricas já teve alguma experiência ou conhece pessoas, como amigos e familiares, que utilizam sementes para produção de mudas para diferentes usos, principalmente em hortas ou uso paisagístico.

A organização sequencial e a interligação entre os conteúdos teóricos ao longo das aulas foram importantes para melhorar a aprendizagem da turma. Os temas foram trabalhados de forma progressiva, iniciando pela compreensão básica sobre sementes florestais, sua formação e coleta, até aspectos mais aplicados, como armazenamento, superação de dormência e estrutura dos viveiros.

Como era esperado, essa abordagem permitiu aos alunos construírem conexões entre os conteúdos, favorecendo o entendimento integrado dos processos envolvidos na produção de mudas de espécies florestais. A utilização de imagens e exemplos do cotidiano dos estudantes parece ter contribuído para tornar os conteúdos mais compreensíveis e incentivou a participação da turma. Além disso, a retomada constante de conteúdos anteriores em cada nova aula teórica permitiu reforçar os conceitos e ampliar a participação discente, que se mostrou mais ativa à medida que os conteúdos avançavam.

Durante as aulas, tanto teóricas quanto práticas, destacou-se positivamente a participação dos alunos com deficiência intelectual, que demonstraram interesse, envolvimento e entusiasmo pelas atividades propostas. Um estudante, em especial, interagiu com frequência, fazendo perguntas relacionadas direta ou indiretamente com os conteúdos trabalhados, o que contribuiu para a construção de um ambiente mais inclusivo e colaborativo. Essa vivência exigiu sensibilidade e adaptações nas explicações por parte do estagiário, proporcionando o desenvolvimento de competências importantes para o exercício da atividade docente.

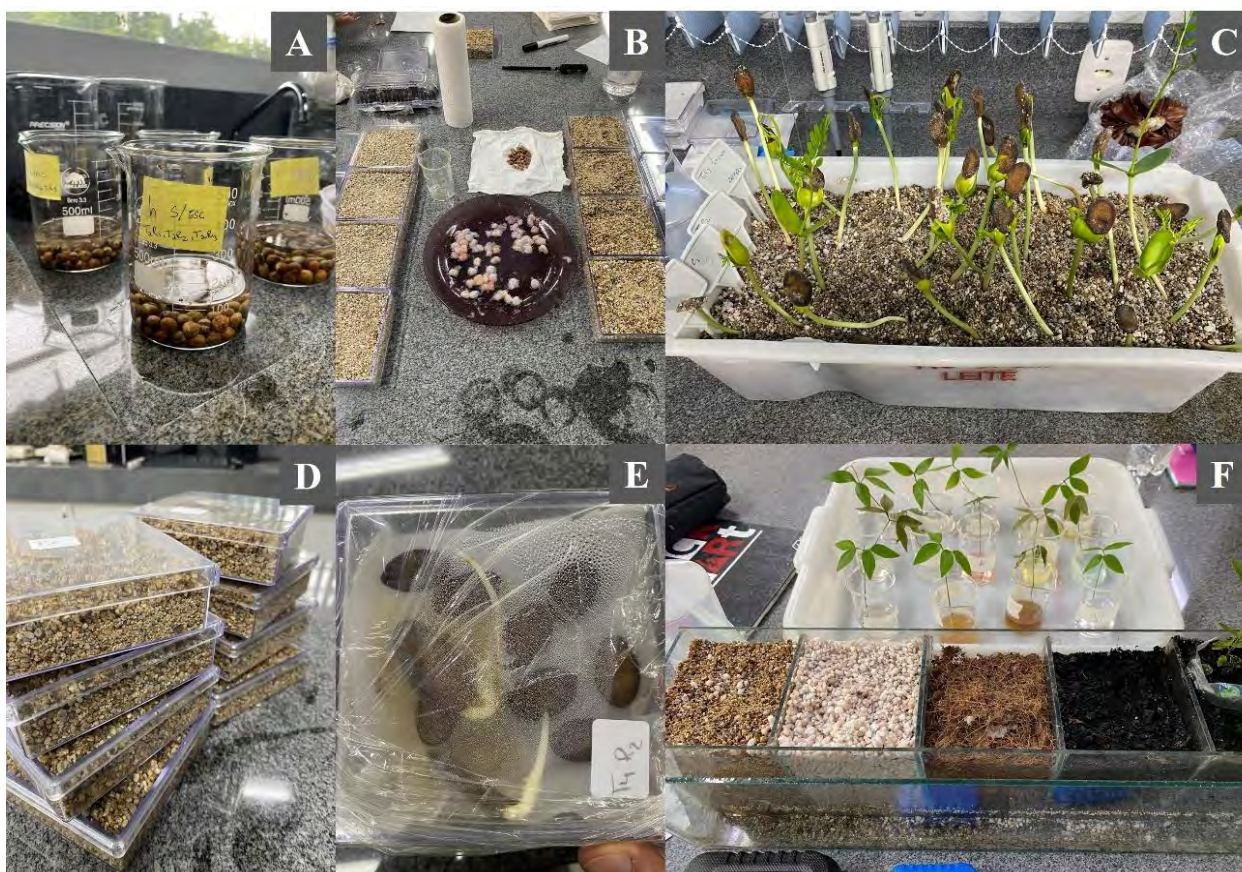
Atividades de ensino práticas

As atividades práticas da disciplina foram realizadas em diferentes ocasiões, sendo comum serem antecedidas por atividades teóricas. As atividades práticas desenvolvidas envolveram: (i) Trabalhos práticos sobre germinação e superação de dormência em sementes florestais, (ii) Propriedades físico-químicas de substratos usados na produção de mudas de espécies florestais e (iii) Visita técnica ao Laboratório de Fisiologia e Nutrição de Plantas da UFSM (Fisioplant/UFSM). Com exceção da visita técnica, as demais atividades foram desenvolvidas no Laboratório de Espécies Nativas e de Práticas Ambientais (LENPA).

Os trabalhos sobre germinação e superação de dormência foram desenvolvidos ao longo de cinco diferentes aulas, uma vez que foi necessário fazer a montagem e posterior acompanhamento semanal das germinações das sementes (Figuras 3A-E). A turma foi dividida em grupos, que ficaram respon-

sáveis pelos testes de superação de dormência e germinação em sementes de palmitreiro (Figura 3A), jabuticaba (Figuras 3B e 3D) e guapuruvu (Figuras 3C e 3E). A realização dos trabalhos sobre germinação e superação de dormência foi fundamental para conciliar os conteúdos teóricos abordados em sala de aula, permitindo que os estudantes compreendessem, na prática, os fatores que influenciam a germinação das sementes de espécies florestais e as técnicas utilizadas para viabilizar sua germinação. Além disso, os estudantes demonstraram interesse em apresentar os resultados dos trabalhos na forma de resumos científicos na Jornada Acadêmica da UFSM, o que permitirá que os aprendizados sejam levados para outros ambientes de discussão. A aula prática sobre propriedades físico-químicas de substratos usados na produção de mudas de espécies florestais também foi bem positiva e teve boa participação dos estudantes.

Figura 3 – Trabalhos sobre germinação e superação de dormência em sementes de espécies florestais (A-E) e material da aula prática sobre propriedades físico-químicas de substratos (F) na disciplina de Sementes e Viveiros Florestais.



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

A visita técnica ao Fisioplant/UFSM teve como objetivo conhecer a estrutura, as rotinas e as principais análises realizadas no laboratório, compreendendo sua importância para o ensino, a pesquisa e a produção de conhecimento em fisiologia e nutrição de espécies florestais. Os alunos demonstraram bastante curiosidade durante a visita guiada, fazendo perguntas principalmente sobre o funcionamento dos equipamentos e detalhes dos protocolos das análises realizadas no laboratório. A realização de uma análise laboratorial (quantificação de pigmentos fotossintéticos em folhas de paineira - *Ceiba speciosa*) possibilitou maior envolvimento dos estudantes e reforçou que atividades práticas costumam despertar grande interesse dos estudantes. Nesse momento da atividade, também ficou evidente o quanto é importante um planejamento bem estruturado para a realização de qualquer atividade de ensino. A visita técnica também me deixou particularmente feliz, pois me permitiu apresentar aos estudantes o local de execução e algumas das atividades relacionadas à minha pesquisa de doutorado, que investiga respostas de espécies florestais nativas ao déficit hídrico.

Considerações Finais

Realizar o Estágio Supervisionado de Ensino no Curso Técnico em Meio Ambiente foi uma experiência muito significativa para minha formação como futuro docente. Durante a disciplina de Sementes e Viveiros Florestais, tive a chance de planejar e aplicar aulas teóricas e práticas, aprender com os alunos e lidar com situações reais do dia a dia da sala de aula. A diversidade da turma contribuiu para tornar a experiência ainda mais enriquecedora. A presença de estudantes com deficiência intelectual demandou maior atenção, sensibilidade e adaptações nas abordagens, especialmente para responder às dúvidas levantadas por eles. Essa vivência reforçou a importância da inclusão de pessoas com deficiência para a construção de uma educação verdadeiramente democrática, que valoriza a diversidade e incentiva o respeito às diferenças.

O acompanhamento do professor supervisor foi fundamental durante todo o período de estágio. Ele ofereceu apoio constante, orientando o planejamento das aulas, ajudando a lidar com situações do cotidiano escolar e propor-

cionando *feedbacks* importantes para meu crescimento profissional. A orientadora também foi essencial, revisando os planejamentos e auxiliando na reflexão sobre o exercício docente. Além desse apoio, outro fator que contribuiu significativamente para que o estágio fosse uma experiência tão positiva foi meu entusiasmo pelo tema da disciplina.

Esse estágio também foi um momento de confirmar minha vontade de seguir na carreira acadêmica, trabalhando com ensino e pesquisa. Finalizo essa etapa com a certeza de que o estágio contribuiu muito para meu crescimento profissional e pessoal e consolidou em mim o desejo de seguir atuando com ensino e pesquisa na área florestal, valorizando sempre a educação como ferramenta de transformação social e ambiental.

*Quem ensina aprende ao ensinar,
e quem aprende ensina ao aprender*
Paulo Freire

Referências

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=9394&ano=1996&ato=3f5o3Y61UMJpWT25a>. Acesso em: 5 jul. 2025.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2019. 144p.

ISBELL, F. *et al.* Expert perspectives on global biodiversity loss and its drivers and impacts on people. **Frontiers in Ecology and the Environment**, v. 21, n. 2, p. 94–103, 2023. <https://doi.org/10.1002/fee.2536>

LIMA, M. S. L.; BRAGA, M. M. S. C. Relação ensino-aprendizagem da docência: traços da Pedagogia de Paulo Freire no Ensino Superior. **Educar em Revista**, p. 71-88, 2016. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.47203>

PIÑA-RODRIGUES, F. C. M.; FREIRE, J. M.; SILVA, L. D. Parâmetros genéticos para colheita de sementes de espécies florestais. In: PIÑA-RODRIGUES, F. C. M.; FREIRE, J. M.; LELES, P. S. S.; BREIER, T. B. (Orgs.). **Parâmetros técnicos para produção de sementes florestais**. 1. ed. Seropédica: Edur, 2007. p. 50-101.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA – UFSM. **Técnico em Meio Ambiente Curso Técnico – Campus Santa Maria**. Santa Maria: UFSM, 2025. Disponível em: <https://www.ufsm.br/cursos/tecnico/santa-maria/meio-ambiente>. Acesso em: 06 jul. 2025.

CAPÍTULO 9

DE PROFESSORA DE REFORÇO ESCOLAR À PROFESSORA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA: EXPERIÊNCIAS DE UMA EDUCADORA EM FORMAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO

Juliana Sanches Venturini

Karla Marques da Rocha (Professora orientadora)

Erika Goellner (Professora supervisora)

Doi: 10.48209/978-65-5417-546-9

Caminhos que Convergem: aprender, ensinar, empreender e transformar

Este relato tem por objetivo trazer reflexões sobre minha trajetória no mundo da educação e abordar as experiências vivenciadas na atividade docente, referente à disciplina Estágio Supervisionado de Ensino III (ESE III), do Programa Especial de Graduação de Formação de Professores para a Educação Profissional e Tecnológica (PEG, como é carinhosamente chamado) da Universidade Federal de Santa Maria. A atividade foi desenvolvida no Curso Técnico de Segurança do Trabalho, subsequente noturno, do Colégio Técnico Industrial da Universidade Federal de Santa Maria, sob a orientação da Prof^a Dr^a Karla Marques da Rocha, docente do da disciplina de ESE III, e sob a supervisão da Prof^a M^a Erika Goellner, docente da disciplina de Desenho Técnico Aplicado, na qual foi desenvolvida a experiência docente. Esta etapa dá por concluída minha formação como educadora, certificando minha qualificação para desempenhar papel de professora da Educação Profissional e Tecnológica (EPT), porém, Angotti, Bastos (2008, p. 13) apontam que “a possibilidade de um professor evoluir na sua atuação profissional está intimamente ligada a sua capacidade de organizar a própria formação continuada”.

A chegada até aqui não se deu por acaso, ainda quando adolescente e início da fase adulta, dava aulas particulares de reforço escolar para o ensino

fundamental, mantendo alguns alunos fixos e periódicos durante três anos. Esta atividade, ainda que informal, era realizada com empolgação e criatividade, especialmente porque o resultado do meu trabalho se dava pela alegria das crianças quando apresentavam seus desempenhos escolares, assim como, pela satisfação e confiança dos pais em me incumbir de auxiliar seus filhos. Nesta época também prestei trabalho voluntário no Lar de Miriam, uma instituição que acolhe crianças em vulnerabilidade social, onde dava reforço escolar para várias crianças de séries distintas. Outras experiências como professora de reforço escolar se deram para alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), principalmente para disciplinas de matemática, física e química, e também para amigos e familiares no auxílio de estudos para concursos.

Minha formação profissional se deu na Engenharia Civil e a vontade de trabalhar de forma autônoma, me levaram ao empreendedorismo. Em 2022, ingressei como sócia de uma *start up* que prestava serviços de reparos e manutenções com mão de obra feminina e promovia cursos de capacitação para mulheres, como elétrica, montagem de móveis e pintura. Inicialmente, os cursos eram ministrados por voluntários que se propunham a ajudar nesta empreitada de levar conhecimento e autonomia para elas. Numa certa aula do curso de pintura, a ministrante voluntária (que é pintora profissional) não pode comparecer, e eu sendo a única pessoa da área, precisei assumir o posto naquele dia. Encarar o papel de professora, reacendeu em mim algo que estava adormecido há algum tempo e fez brotar novamente um sentimento de entusiasmo em compartilhar conhecimento. A partir daí, eu fui designada a ministrar o próximo curso de pintura predial.

A elaboração do meu primeiro curso não foi uma tarefa fácil, pois até aquele momento eu só possuía o entusiasmo da responsabilidade incubida, não possuindo nenhum conhecimento pedagógico que me orientasse nesta construção. Mas entre pesquisas e suporte de algumas pessoas, como da pintora profissional que estava ministrando as aulas até então, montei meu primeiro material didático. O curso tinha o objetivo de capacitar mulheres de forma gratuita e, entre parcerias e apoios, levamos o curso em algumas comunidades da cidade. A primeira aula ministrada foi dada com a voz trêmula, fala ofegante e

um sentimento de insegurança. As seguintes não foram diferentes, mas no decorrer das aulas, esta sensação dava lugar à descontração, pela participação das alunas e troca de experiências sobre o assunto. Paulo Freire (apud Damasceno, 2021, p.1438) “afirma que o ensino não é uma mera transmissão de conhecimentos, mas possibilidades para a sua própria construção e produção desse conhecimento”. E de fato, a cada aula, a cada curso, foi possível ir construindo conhecimentos e habilidades que foram incrementando minha prática docente, ainda que ‘amadora’.

As circunstâncias estavam me levando a explorar possibilidades profissionais na docência, e em 2023, dei início à minha formação para professora no PEG. As disciplinas que compunham a grade curricular, bem como as leituras, trabalhos e debates em sala de aula, trouxeram um rico e vasto conhecimento sobre os aspectos pedagógicos, políticos, sociais e humanos. Assim como, as experiências práticas com as alunas nas comunidades também contribuíram para construir reflexões sobre as dificuldades sociais, de gênero e educacionais, criando uma conexão entre teorias educacionais e prática vivenciada, e que puderam ser compartilhadas em sala de aula em momentos de assuntos e inserções oportunas. Os conhecimentos adquiridos ao longo da jornada acadêmica de formação de professores, foram sendo implantados na minha prática dos cursos de capacitação, proporcionando melhorias contínuas ao desenvolvimento e abordagem dos assuntos através de elaboração de plano de ensino, planos de aula, metodologias, entre outros, assim como, a própria atuação como professora. Mas isso tudo sem um acompanhamento formal de orientação ou supervisão, apenas implantando melhorias e vivenciando o ensino-aprendizagem na prática, com seus tropeços, descobertas e reflexões.

A disciplina de Estágio Supervisionado se caracteriza como um componente essencial no processo formativo docente, preparando o futuro professor para o desenvolvimento das suas atividades pedagógicas, condensando uma gama de conhecimentos e saberes necessários à prática educacional. O ESE I trouxe uma perspectiva sobre os diferentes espaços, realidades educacionais, socioculturais, histórico e político que constituem o Ensino Técnico e Profissional, assim como, a observação, análise e construção de saberes sobre pro-

cessos organizacionais e de gestão das instituições. Nesta primeira etapa foi possível realizar uma visita exploratória em uma instituição de EPT a fim de conhecer de perto o funcionamento, as dificuldades, desafios, trabalhos e projetos desenvolvidos no ambiente escolar. Já em ESE II, foi possível desenvolver os saberes necessários à prática docente como planejamento, avaliação, habilidades e atitudes do processo de ensino-aprendizagem, preparando-nos para o desenvolvimento das atividades pedagógicas.

A atividade prática extraclasse em ESE II deu-nos a oportunidade de observar a atuação docente, com o propósito de colocar o futuro professor, em formação, em contato com a realidade da sala de aula a fim de analisar como se dá a dinâmica do processo de ensino-aprendizagem na prática diária. Esta atividade também foi desenvolvida na disciplina de Desenho Técnico Aplicado do Curso Técnico de Segurança do Trabalho, do Colégio Técnico Industrial da Universidade Federal de Santa Maria, sob a orientação da Prof^ª Dr^ª Karla Marques da Rocha e supervisão da Prof^ª Erika Goellner. As observações têm como ponto de partida a dinâmica pedagógica utilizada pelo professor em sala de aula e como essa se desenvolve na relação professor-aluno-disciplina. Mas as observações e reflexões vão além de uma análise pura do trabalho pedagógico, pois se confronta com outras variáveis intrínsecas ao ambiente da sala de aula que acabaram gerando inquietações sobre as complexidades envolvidas no processo de ensino-aprendizagem. “O processo de ensino e aprendizagem é composto de conteúdos educativos, habilidades e posturas científicas, sociais, afetivas, humanas, enfim, utilizando-se de certas mediações pedagógicas específicas” (Lima; Pimenta, 2006, p. 7).

Ser professor parte da premissa de se ter domínio dos conhecimentos específicos sobre sua área de formação, entretanto o ‘saber profissional’ não se limita ao seu conhecimento científico de base, pois a atuação docente insere-se na multiplicidade de outros saberes necessários à prática profissional, mobilizando diferentes teorias, metodologias e habilidades. Na literatura encontramos um conjunto de seis saberes que seriam aqueles necessários à práxis pedagógica e que constituem um “reservatório de saberes” (Gauthier Apud Angotti, Bastos, 2008, p.6). Os saberes docentes, como são chamados, se dividem em saberes

disciplinares, curriculares, das ciências da educação, da tradição pedagógica, experienciais e da ação pedagógica. Isso significa que para ser professor não basta saber algo que possa ensinar, mas sim, ter uma vasta base de conhecimentos e saberes para que o processo de ensino-aprendizagem seja desempenhado com qualidade, profissionalismo e dedicação a esse amplo e complexo universo que é ser um educador.

Por fim, o ESE III nos trouxe a oportunidade de vivenciar processos de ação-reflexão-ação das práticas de docência, articulando saberes, habilidades e atitudes necessárias à atuação na formação técnica e profissional. As atividades desenvolvidas na disciplina promoveram a compreensão e entrelaçamento entre os saberes, planejamento, ação, avaliação e gestão dos processos de ensinar e aprender, e a análise dos processos de aprendizagem da/na prática docente no ensino técnico. As contribuições do estágio de observação, bem como os temas estudados, as atividades desenvolvidas e as trocas realizadas com as professoras, tanto em sala de aula quanto em conversas informais sobre apontamentos e percepções levantadas, ofereceram uma base sólida para a preparação e desenvolvimento da minha prática docente para esta última etapa. A oportunidade ofertada pela Prof^a Erika para o desenvolvimento da atividade de estágio tanto em ESE II como em ESE III foi, não só generosa como também de muito apoio e liberdade de atuação, tendo a possibilidade de ministrar de forma integral a carga horária da disciplina (36 horas) e o conteúdo programático de Desenho Técnico Aplicado.

A disciplina de Desenho Técnico Aplicado é ofertada no primeiro semestre do curso e tem por objetivo introduzir os alunos às normas de elaboração de desenho técnico e desenho arquitetônico com a finalidade de produção e leitura de projetos de segurança do trabalho, com o auxílio do *software* CAD (projeto auxiliado por computador). O planejamento estratégico de distribuição e apresentação do conteúdo programático na atividade docente foi construído durante as atividades de observação, quando foi possível analisar e refletir sobre a dinâmica da apresentação do conteúdo, assim como, as dificuldades percebidas no processo de ensino-aprendizagem.

Tendo em vista que o desenho arquitetônico e o uso do CAD fazem parte do meu dia a dia profissional, além das minhas visões como estudante e vivências como ministrante de cursos de capacitação, a abordagem prevista para a prática docente foi pensada sobre um desenvolvimento do conteúdo mais objetivo ao que os alunos precisariam desenvolver em desenho técnico e CAD, visando a aplicação prática à vivência que terão como técnicos, de modo que pudesse se aproveitar ao máximo o tempo limitado para o aprendizado do programa, desenvolvendo o máximo também de recursos do mesmo.

O plano de ensino da disciplina foi estruturado em três etapas, previamente apresentado e aprovado pela Prof^a Erika. A primeira etapa foi uma apresentação combinada de desenho técnico e desenho arquitetônico, de maneira que pudessem fazer conexões entre ambos, visto que o conhecimento em desenho arquitetônico é o que será recorrente em projetos de segurança do trabalho. A finalização desta etapa foi na forma de trabalho avaliativo com o objetivo de produzir uma planta baixa simples, elaborada à mão em uma folha A4, utilizando recursos como régua, escalímetros, lápis e borracha. Esta avaliação teve como critérios a apresentação do desenho conforme os padrões normativos exigidos para a leitura e compreensão de um desenho técnico, ou seja, linhas, escala, cotas, textos, hachuras e legendas. A segunda etapa foi a introdução ao CAD, onde os alunos, no laboratório de informática, puderam ter acesso aos computadores e ao programa para o desenvolvimento de habilidades em desenho digital, sendo esta etapa finalizada com a reprodução do trabalho avaliativo da primeira etapa, porém agora, auxiliado por computador. Os critérios seguidos para a avaliação da aprendizagem foi a apresentação da planta baixa conforme as normas de desenho técnico, mas principalmente, o nível de autonomia e habilidade adquirida para a elaboração do mesmo.

A terceira e última etapa do plano de ensino e do conteúdo programático foi realizada de forma colaborativa com a disciplina de Prevenção e Combate à Incêndio (PCI), uma vez que os conhecimentos em PCI, devem ser empregados em desenhos arquitetônicos na elaboração de mapas de riscos e rotas de fuga, por meio do CAD. A avaliação desta última etapa foi um trabalho avaliativo de ambas as disciplinas, onde os alunos receberam uma planta baixa para

implementar estes mapas de riscos e rotas de fuga, o qual deveria ser entregue conforme normas de desenho técnico, devidamente apresentados em prancha para plotagem do projeto. Os requisitos de avaliação da disciplina de desenho técnico foram novamente a autonomia e desenvolvimento das habilidades com o recurso CAD desenvolvidos nesta última etapa.

O planejamento das aulas era feito a cada semana com base no plano de ensino e nas estratégias pensadas em como abordar o conteúdo de maneira que facilitasse a compreensão entre teoria e prática profissional. A primeira aula, por exemplo, foi elaborada com a intenção de que os alunos compreendessem o direcionamento do conteúdo programático e como ele faria sentido ao final da disciplina e na vida profissional. Para isso, além de uma abordagem resumida dos principais tópicos da disciplina por meio do *datashow*, foi utilizado, como recurso de interatividade, materiais de desenho como escalímetros e esquadros, ferramentas de medidas como trena de metal e trena a *laser*, e projetos reais de PCI para que os alunos pudessem ver na prática a aplicação de normas de desenho técnico e leitura de projetos, assim como manusear equipamentos para levantamento e conferência de medidas. As aulas da primeira etapa foram todas teóricas e expositivas, mas todas tiveram o apoio dos materiais citados anteriormente para que servissem de suporte prático para a compreensão teórica. Já as aulas da segunda e terceira etapa foram realizadas no laboratório de informática, para que os alunos pudessem trabalhar de forma simultânea o aprendizado teórico e o desenvolvimento dos recursos de desenho do CAD. A forma de introdução ao programa, após a apresentação geral da interface e recursos do mesmo, foi baseada na elaboração prática e objetiva de uma planta baixa, como forma de aprender e treinar o máximo de recursos de desenho e edição aplicados àquilo que eles teriam que desenvolver como trabalho avaliativo. Este tipo de abordagem conseguiu condensar o desenvolvimento de vários desses recursos de desenho e edição e trabalhar eles de forma dinâmica.

A cada aula finalizada, o retorno para casa era o momento para reflexões e análises sobre a prática do dia, o que não saiu conforme o planejamento, o que poderia ser feito diferente, o que eu poderia melhorar, assim como apontamentos sobre o desempenho e situações surgidas em relação aos alunos, como

dificuldades de aprendizagem, interações, e até o cansaço percebido neles ao final da noite, entre outras circunstâncias que interferem no processo de ensino-aprendizagem. Contreras (1997, *apud* Lima, Pimenta, 2006, p.19) “chama a atenção para o fato de que a prática dos professores precisa ser analisada, considerando que a sociedade é plural, no sentido da pluralidade de saberes, mas também desigual, no sentido das desigualdades sociais, econômicas, culturais e políticas”. Estas reflexões foram registradas na forma de relatos que eram compartilhados com as professoras orientadora e supervisora, no qual era possível conversar a respeito de dúvidas e situações expostas. O suporte, sobretudo da Prof^a Erika foi fundamental para que eu pudesse desenvolver meu trabalho de maneira segura. Antes do início da aula, costumávamos conversar sobre o andamento das atividades, as situações ocorridas e orientações sobre como proceder em certos momentos. Em algumas aulas ela também prestava suporte no atendimento aos alunos, principalmente durante as atividades com CAD, que foi os momentos de maior dificuldade enfrentados pelos alunos. Entretanto, também tive a experiência de conduzir sozinha a turma, algumas do início ao fim, outras por certos períodos.

A turma era composta por 33 alunos, sendo 17 mulheres e 16 homens, com idades variando entre 18 e 66 anos, mas a frequência média era de 18 alunos por aulas e ainda havia alguns alunos com dispensa da disciplina. Desde o primeiro dia de aula fui recebida com acolhimento e carinho pela maioria dos alunos e um fato marcante ao final do primeiro dia de aula, foi receber um abraço de um aluno agradecendo pela aula e dizendo estar muito empolgado com o que seria abordado. De forma geral, eles demonstraram interesse nos assuntos abordados, mesmo durante a primeira etapa do conteúdo, que era mais teórica, principalmente sobre o desenho arquitetônico, tendo a interatividade fomentada pelos projetos arquitetônicos e PCI que eram apresentados como demonstração prática da teoria. A segunda e terceira etapa do conteúdo envolveram o uso do *software* CAD onde os alunos passaram a ter as aulas na sala de informática para poder trabalhar com o programa. Desde o início a maioria estava entusiasmado com a aprendizagem de CAD, assim como eu também estava animada em apresentar os recursos e facilidades do desenho digital e poder compartilhar

minha *expertise* adquirida na vida profissional, trazendo sugestões para tornar as elaborações de desenho mais produtivas.

A maior dificuldade percebida entre uma parcela dos alunos foi com o uso do computador e os conhecimentos básicos de informática, que se estenderam ao CAD, sobretudo das pessoas de mais idade. A falta de domínio de informática prejudicou o desenvolvimento da aprendizagem do programa, o que levou à necessidade de dar maior atenção à esses alunos. Porém, foi possível contar com o apoio e suporte da Prof^a Erika no auxílio da atividade, os quais tiveram baixo desempenho nos trabalhos avaliativos da segunda e terceira etapa. Em especial, cito duas senhoras que não tiveram muito progresso, por vezes se sentiam envergonhadas e pediam desculpas por ‘estar tomando meu tempo’, mas a paciência e empatia no trato com elas era recompensado com carinho e gratidão expressos verbalmente ao final da aula, criando em mim um sentimento de afetividade para com elas, e ainda mais, em relação à atividade de educadora. Entretanto, também houveram momentos desafiadores com um aluno muito inconveniente, exigindo um outro nível de paciência e postura para contornar sua impertinência, pois o mesmo acabava por atrapalhar o andamento das instruções de comandos de CAD e a aprendizagem dos colegas, que por inúmeras vezes se sentiram incomodados com seu comportamento.

A experiência prática docente em uma instituição formal de ensino oportunizou a implantação e desenvolvimento dos saberes e habilidades docentes trabalhadas ao longo da formação pedagógica, especialmente nas disciplinas de ESE II e III. Esta vivência foi marcada pela expectativa de desempenhar um bom trabalho pedagógico e poder aprimorar minha trajetória como educadora, principalmente por poder contar com a orientação e supervisão de Professoras com alto grau de conhecimento e experiência e que serviram como inspiração e faróis nesta caminhada. O medo e a insegurança se fizeram presentes em certos momentos, mas também contribuíram para as reflexões sobre minha atuação como educadora. A propósito, o ato de refletir faz parte da atuação docente, Angotti, Bastos (2008, p. 12) dizem que “o processo de formação do professor precisa estar orientado pelo princípio metodológico da ação-reflexão-ação”. A profissão de educador não é puramente técnica e tão

pouco uma prática isolada, pois sua atuação exige comprometimento com a realidade e os sujeitos, é um exercício constante de escuta, adaptação e empatia. “O ato de ensinar perpassa pelo incentivo à curiosidade do discente, é salutar e evolutivo que a aprendizagem seja algo desenvolvido em conjunto docente-discente trocando experiências e fechando o ciclo da aprendizagem”. Freire (1997, apud Damasceno et al, p. 1439)

Minha história com a educação começou muito antes de ingressar na formação pedagógica e mais tarde, atuando como Engenheira Civil e empreendedora, ela voltou a se apresentar como caminho, dessa vez sob a perspectiva de fortalecer o protagonismo feminino através da capacitação de mulheres para atuarem na construção civil, como forma de impacto social e transformador. Até este momento, sem perceber, eu já exercitava a escuta, a paciência, a empatia e a busca por formas diferentes de ensinar e contribuir com a aprendizagem. Hoje, ao estar me formando como professora, percebo que a trajetória se entrelaça e se expande: continuo educando, mas agora com novos instrumentos e propósitos. A formação pedagógica permitiu olhar minha prática com mais criticidade e intencionalidade, e como coloca Damasceno et al (2021, p. 1444) “o ato de ensinar pede a compreensão de que a educação é uma força potente de intervenção no mundo”.

Essa caminhada confirma para mim que a educação é um espaço de construção de mundos possíveis e que envolve ideais, esperança e convicções, assim como coragem e sensibilidade. E como coloca Paulo Freire (apud Damasceno, 2021, p.1434) “o trabalho da educação é um compromisso que requer responsabilidade pela vida, pela formação das pessoas que estão ali buscando mediação dos conhecimentos, e se configura como um compromisso desafiador”. A formação pedagógica também reafirmou minha missão de unir educação e empreendedorismo, contribuindo para a formação de mulheres em contextos de vulnerabilidade e estimulando sua autonomia por meio do ensino de ofícios e saberes. O ESE III foi, sem dúvida, um marco na minha trajetória como educadora, onde foi possível exercer a docência de forma orientada e supervisionada, contribuindo para o desenvolvimento e aperfeiçoamento da prática pedagógica, exigindo de mim presença, escuta, criatividade e humildade, e em troca,

me oferecendo amadurecimento e pertencimento ao universo da docência. E a quem ainda vai trilhar o caminho da formação pedagógica, e por consequência, o estágio, deixo um conselho simples: esteja aberto ao que o processo vai te ensinar sobre os outros, e principalmente, sobre você mesmo. Leve consigo a sensibilidade, a empatia, a paciência, e receba a gratidão pelo que as pessoas e a educação retribuem. A docência é viva, é dinâmica e cheia de desafios, e é uma missão para aqueles que se encantam com o poder que sua ação é capaz de promover ao mundo.

*“Onde quer que haja mulheres e homens,
há sempre o que fazer, há sempre o que ensinar,
há sempre o que aprender”
Paulo Freire*

Referências

ANGOTTI, José André e DE BASTOS, Fábio da Purificação. **Metodologia e prática do ensino de física I e II**. Florianópolis : UFSC/EAD/CED/CFM, 2008.

DAMASCENO, A. C. S. et al. Formação de professores na perspectiva Freiriana: saber e autonomia docente. **Escola em tempos de conexões** - Conedu - v. 2, p. 1432-1448, 2021.

LIMA, M. S. L.; PIMENTA, S. G. Estágio e Docência: diferentes concepções. **Revista Polesis** - v. 3, n. 3 e 4, p. 5-24, 2005/2006.

CAPÍTULO 10

REACENDENDO A CHAMA DA DOCÊNCIA: VIVÊNCIAS DE UM PLÁCIDO ESTÁGIO EM DISCIPLINAS DE INFORMÁTICA NO PROEJA, IFFAR CAMPUS JÚLIO DE CASTILHOS

Marinara Rübenich Fumagalli
Karla Marques da Rocha (Professora orientadora)
Maria Angélica Figueiredo Oliveira (Professora supervisora)
Thais Andrea Baldissera (Professora supervisora)
Doi: 10.48209/978-65-5417-546-A

Apresentação Pessoal: um pouco da minha trajetória

Sou a Marinara, nascida, criada e enraizada em Júlio de Castilhos/RS, tenho 31 anos e sou casada há 14 anos. Moro com meus amados pais e sempre faço questão de estar perto deles. Também sou vegetariana, apaixonada por animais e pela natureza. Convivo com seis cachorrinhos que enchem meus dias de amor, dois deles, Diana e Zynho, são meus filhos de quatro patas. A pequena Diana enfrenta, atualmente, uma batalha contra o câncer, e este semestre tem sido especialmente difícil, pois me divido entre os estudos e os cuidados com ela. Ainda assim, sigo firme, também por eles, a minha família é a minha motivação.

Para quem desejar saber um pouco mais sobre mim, minhas formações e experiências, deixo aqui um QR Code que dará acesso a um site do Google com o meu portfólio:



Me interesse por tecnologias desde muito pequena, lembro da primeira vez que vi um computador, meus olhos brilharam! Quando acessei ele e todos os seus programas e aplicativos eu me sentia em outra dimensão, imagina quando descobri a internet. Eu sempre quis saber como ele funcionava e o que estava por trás dele, seja fisicamente ou virtualmente e esta foi a minha maior motivação para me aprofundar nesta área. O desafio de conseguir concluir o curso me motivou ainda mais.

Quanto ao PEG, o conheci no final da minha graduação e me encantei com a proposta. Sempre desejei uma formação pluralizada e considerei extraordinária a possibilidade de agregar a Licenciatura ao meu Bacharelado, além de aprender sobre humanidades, algo que complementa a formação em uma área tão técnica como a nossa. As trocas com colegas de formações diversas também é uma aquisição muito valiosa para a vida.

Então, em agosto de 2019 iniciei minha trajetória no Programa Especial de Graduação de Formação de Professores para a Educação Profissional (PEG), com previsão de conclusão em dezembro de 2020. No início de 2020, fui aprovada em dois programas de mestrado na UFSM: em Ciência da Computação e em Engenharia de Produção, e optei pelo segundo, que oferecia uma bolsa que era muito necessária naquele momento. No entanto, com a chegada da pandemia, somada a dificuldades emocionais e ao impacto do ensino remoto forçado, acabei desistindo não só do mestrado, mas também do PEG, que na época passou a ter aulas a distância e os estágios foram suspensos, o que gerou muitos distanciamentos e dúvidas quanto a sequência do curso.

Essas desistências me marcaram profundamente, pois sempre fui muito determinada e não costumo abandonar desafios. Pela primeira vez, senti que estava abrindo mão de conquistas importantes e isso pesou demais, a pandemia mexeu com meu psicológico de forma muito intensa e me fez questionar sobre minha força, sobre os desdobramentos da tragédia e até sobre nossa existência.

Primeiros contatos com o estágio

Meu estágio foi realizado no Instituto Federal Farroupilha – Campus Júlio de Castilhos (claro que seria aqui!), nele existem três cursos de formação profissional: Técnico em Informática, Técnico em Agropecuária e Técnico em Comércio, todos são integrados ao Ensino Médio. Sendo este último ofertado na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, por meio do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica (Proeja). Diante disso, não foi difícil encontrar uma turma com disciplinas de informática no currículo. Optei pelas turmas do Técnico em Comércio justamente por fazerem parte do Proeja, pois reconheço o impacto social grandioso que esse programa representa. Queria vivenciar essa experiência, mesmo sabendo das dificuldades inerentes, como a heterogeneidade das turmas, compostas por estudantes, trabalhadores, pais de família e, muitas vezes, com pouco ou nenhum contato prévio com a informática.

Após escolher o curso, busquei saber quem eram os(as) docentes responsáveis pelas disciplinas de informática naquele momento. Informaram-me que era a professora Thais, que, por coincidência (ou sorte!), já havia sido minha professora quando eu mesma estudei no IFFar. Já no primeiro contato, ela foi muito solícita, e logo descobri que outra professora querida, Maria Angélica, que também havia me lecionado, ministrava aulas para outras turmas. Thais estava com a turma do terceiro ano, enquanto Maria Angélica atuava no primeiro e no segundo. Como as aulas aconteciam sempre às segundas-feiras no período noturno, visualizei uma oportunidade: sugeri a elas que uníssemos esforços, e assim eu poderia estagiar nas três turmas e vivenciar quatro horas de aula por semana. Ambas aceitaram a ideia com muito carinho. Por fim, procurei a Diretora Geral, Silvia, que também me recebeu com acolhimento e gentileza, assim como todos os servidores com os quais precisei contar durante esses dois meses de estágio.

Importante mencionar que já havia atuado anteriormente como professora temporária no Estado, fui nomeada em setembro de 2021, o que me possibilitou contato direto com o ensino de informática para adultos, também

na parte da noite. Lá, lecionei para o curso Técnico em Informática, na modalidade subsequente. A experiência foi próxima da atual, pois também havia estudantes heterogêneos, que trabalhavam o dia inteiro, pais e mães de família e pessoas com pouco acesso prévio a computadores. Assim, eu já possuía certa base sobre como abordar esse público, como despertar sua atenção e envolvê-los nas atividades propostas.

Planejando e ensinando: as aulas de informática

Estagiei nas disciplinas de Informática I (1º ano - 1A), II (2º ano - 2A) e III (3º ano - 3A), sendo Informática I e II com a professora Maria Angélica e Informática III com a professora Thais. Ambas me passaram seus planos de ensino, os quais fiz questão de seguir fielmente. Recebi total liberdade para a criação de aulas e atividades, mas sempre respeitando cronograma proposto. Depois, dividimos as turmas e os períodos de aula, e passei a elaborar meus próprios planejamentos com bastante empolgação e deixando a criatividade fluir, lembrando tudo o que já havia dado certo no passado.

Afinal, ensinar vai além de repassar conteúdos: trata-se de planejar com intencionalidade pedagógica, respeitando os saberes prévios dos estudantes e promovendo a aprendizagem significativa. Como ensina Tardif (2002), “o saber docente é um saber construído na prática e para a prática”, o que ficou evidente na experiência que vivi.

Preparei atividades focadas em aplicações do Office (Word e Excel), ativação de e-mail institucional, utilização do Google Workspace (Gmail, Drive, Documentos e Planilhas) e importância e geração de currículos. Criei tudo utilizando o Google Documentos e Google Planilhas, a quem interessar, as atividades podem ser encontradas nestes links: <https://www.abre.ai/atividades1A> e <https://www.abre.ai/atividades2ae3a>, ou, através deste QR Code:



Ambas atividades foram divididas por data, algumas foram impressas e entregues a eles, outras foram disponibilizadas no Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA), onde além de acessar o material, eles poderiam entregar todas as atividades. Ao longo das semanas ministrei 30 horas de aula: 18 com a turma 1A, 8 com a turma 3A e 4 com a turma 2A, todas com duração de 1 hora cada, todas as aulas eram finalizadas com atividades a serem entregues no final dos períodos.

O estágio iniciou no dia 24 de março de 2025, com a turma 2A. Estava ansiosa, com um “frio na barriga” e um receio genuíno de falhar, até por memórias de frustrações anteriores com a docência. Porém, como afirma Freire (1996), “ensinar exige coragem para enfrentar os medos, os preconceitos, os desafios de cada dia”. Eu estava ali para me reconectar com a vocação que adormecera e que o estágio III do PEG viria a me ajudar a reacender (assim como detalhado no capítulo final).

Logo percebi as particularidades do Proeja: turmas heterogêneas, com estudantes trabalhadores, pais e mães de família, com diferentes níveis de acesso à tecnologia. A turma 2A, em especial, mostrou-se desafiadora: muitos alunos não gostavam de informática e exigiam constante atenção. Em vez de desanimar, abracei o compromisso com a equidade: “ninguém fica para trás”. Com o tempo, ajustei as estratégias para promover atividades mais objetivas e acessíveis, o que incluía atividades extras aos mais rápidos e sabidos.

Já a turma 1A apresentava uma energia diferente. Mais homogênea em idade, mostrava grande interesse, engajamento e respeito. A 3A, que passei a conhecer no dia 31/03/2025, tinha apenas quatro alunos frequentando as aulas, o que infelizmente é um reflexo do Proeja, estes alunos enfrentam muitos desafios diários e muitos não conseguem conciliar seus afazeres, sua casa, seu trabalho, sua família e mais os estudos e acabam por abandonar o curso durante o caminho. Ainda assim, mesmo com eles tendo ritmos e conhecimentos bastante variados, trabalhei com cada um com o mesmo zelo e dedicação, pois como lembra Libâneo (2013), a função do professor é “criar condições para que todos os alunos aprendam, mesmo aqueles com maiores dificuldades”.

Sobre a estrutura, os laboratórios de informática do campus são bem equipados: bons computadores, ar-condicionado, projetores, quadros negro e branco, entre outros instrumentos, o que favoreceu muito o planejamento das aulas práticas e o engajamento dos alunos. A figura 1 mostra um pouco desta estrutura:

Figura 1: Aula com a turma 1A e infraestrutura do laboratório de informática.



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Saí dessa primeira etapa do estágio com o coração cheio. Conhecer as turmas, sentir o clima das aulas e perceber as possibilidades reais de ensino e aprendizagem foi reconfortante, até porque desde o primeiro dia eu tive uma conexão forte e recíproca com todos os alunos. Isto confirmou algo que Paulo Freire defendeu com paixão: “a alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca” (Freire, 1996).

O Proeja que Sensibiliza: vivências e afetos

O IFFar - Campus Júlio de Castilhos, está localizado em um distrito da cidade e recebe, majoritariamente, alunos locais, mas também muitos vindos de Tupanciretã. São cerca de 9 km de distância até Júlio, e cerca de 20 km até Tupan por estrada de chão. A maioria dos alunos do Proeja utiliza transporte coletivo, enfrentando longos trajetos para estudar.

Durante essa jornada, conheci pessoas incríveis: alunos que trabalhavam o dia todo e ainda assim se dedicavam ao curso, alunas que levavam consigo seus filhos pequenos para conseguir comparecer às aulas, estudantes que não tinham tempo de jantar em casa e corriam para o refeitório da instituição (e ainda bem que lá têm esse direito garantido). São histórias de luta, de superação e de vontade de crescer. E eu me vi emocionada e inspirada por todos eles.

A partir disso, passei a buscar aulas mais leves, dinâmicas e acolhedoras. Queria que cada um aprendesse à sua maneira e no seu tempo. Nem sempre foi fácil e por vezes, a aula parecia não fluir: os que tinham mais dificuldade demandavam mais atenção, e os mais adiantados, ansiosos, pediam novas tarefas ou liberação “E agora, o que eu faço?”, “E agora, o que mais, professora?”, “Terminei, posso sair então? Posso comer, ir ao banheiro, fazer uma ligação?” Nestes momentos, permiti que saíssem, que fossem lanchar, telefonar, então respeitei o tempo de cada um. Então passei a propor atividades extras àqueles que quisessem se desafiar mais e eles passaram a se interessar em fazer. E, com isso, percebi que todos se sentiam incluídos e valorizados e eu me sentia completa por conseguir.

Libâneo (2013) afirma que “ensinar é um ato de mediação entre o conhecimento e os sujeitos que aprendem, respeitando seus ritmos, dificuldades e saberes prévios”. E foi isso que busquei: jamais soltar a mão de ninguém. Foi desafiador, mas ao mesmo tempo eu aprendi um pouco mais sobre humanidades, sobre olhar cada um e conseguir fazer com que eles, mesmo com todas as diferenças, acompanhassem a aula e conseguissem concluir com sucesso as atividades, “educar é um ato de coragem. É enfrentar diariamente a complexidade do ser humano, suas limitações e potencialidades, em um mundo em constante transformação” (FREIRE, 1996). Os desafios são cruciais para o nosso crescimento, eles nos impulsionam, nos encorajam, nos fazem superar limites e a aprendermos sobre a vida e sobre nós mesmos.

Antes das aulas eu e as professoras nos reuníamos e falávamos sobre a aula que iria iniciar e ao final das aulas eu sempre perguntava sobre o próximo tema e o que poderíamos fazer para termos mais uma aula interessante, com isso, todos os planejamentos foram bem organizados e assistidos, esta troca foi

fundamental para o sucesso do estágio. Em algumas aulas, trabalhamos com a metodologia da sala de aula invertida: eles experimentavam primeiro, mexiam nas ferramentas, e depois eu explicava passo a passo. Funcionava muito bem, e a participação era ampla e juntas, eu e as professoras passávamos em todos os computadores, sanando dúvidas, ouvindo, orientando. A sensação de dever cumprido me acompanhava sempre que saía da sala ao fim da noite. Como diz Vasconcellos (2013): “o planejamento não é um ato isolado, mas um processo contínuo de reflexão, ação e avaliação. Ele dá sentido ao fazer pedagógico e deve estar comprometido com a formação integral dos educandos”.

O tempo passou num piscar de olhos. Quando os abri, já era 19 de maio de 2025, o último dia com minha turma querida do primeiro ano. No intervalo, fui conversar com a professora Maria Angélica e, em seguida, duas alunas chegaram, pedindo que eu me retirasse um pouquinho da sala, disseram que tinham algo importante a resolver com a professora. Saí, confesso, um pouco magoada, pois havia criado um vínculo muito forte com a turma e estavam me retirando de uma conversa importante, mas obviamente eu compreendi.

A conversa terminou e voltei à sala, conforme eles foram chegando se posicionaram em uma ordem diferente da natural, todos sentados nas primeiras fileiras, com um ar de ansiedade no rosto. Disseram que queriam encerrar a aula na sala oficial da turma (já que as aulas de informática aconteciam no laboratório). A professora então pediu que eu fizesse o encerramento e que, depois, ela complementaria os conteúdos. Assim fizemos.

Quando chegamos à sala deles, as luzes estavam apagadas. Assim que entramos, acenderam as luzes: ouvimos gritos, aplausos. Uma mesa montada com doces, salgados e refrigerantes: uma festa surpresa pra mim, com direito a comidas feitas à mão com muito carinho! Pediram um discurso, me emocionei enquanto falava: contei sobre os dias difíceis que vivi nesse semestre, e que apesar de tudo, eu não desisti desta vez, muito por conta deles que com suas presenças e acolhimentos, me fortaleceram nesta trajetória e que com isso eles reacenderam em mim a chama da docência que estava praticamente apagada. Durante o discurso, pedi também que não desistam dos seus sonhos, que não desistam do curso, que sejam fortes e que contem comigo para qualquer coisa

que precisarem. Então me emocionei, lembrando da minha própria trajetória, pois sei o quanto doeu ter desistido, sem esquecer do quanto foi fortalecedor ter voltado e o quanto o apoio de pessoas próximas e cuidadosas foi fundamental nesta volta por cima.

Foi, sem dúvida, inesquecível, um dos dias mais especiais da minha vida! Espero, de coração, vê-los se formando daqui há algum tempo... A figura 2 mostra exatamente como foi este dia especial:

Figura 2: Festa surpresa da turma 1A.



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

E aqui, no final deste capítulo, cabem duas falas de dois grandes autores. Como nos lembra Paulo Freire: “A esperança é um imperativo existencial. É o que nos move. A prática educativa deve ser sempre um espaço de esperança, de resistência, de afeto e de transformação” (FREIRE, 1996, p. 106). E, como complementa Mario Sergio Cortella: “Educar é um ato de amor e coragem. Amor para acolher, coragem para não desistir.” (CORTELLA, 2013).

A docência em diálogo: contribuições teóricas

Acredito que todo futuro docente deveria vivenciar o PEG, ele é mais que um programa: é um ponto de virada na nossa formação. São experiências que não apenas ensinam mas também transformam, são vivências que nos

atravessam e se tornam parte de quem somos. Muitos professores sabem muito, mas não sabem ensinar, outros acham que só ensinam, sem jamais aprender e há aqueles que, infelizmente, parecem não ter vocação alguma para a docência, deixando marcas dolorosas nos estudantes.

Essa formação nos ensina que conhecimento sem empatia não educa. Como diz Freire, “O educador se eterniza em cada ser que educa.” (FREIRE, 1996, p. 103). Ou seja, nossas marcas permanecem: sejam boas ou ruins. Por isso, o caminho da formação docente deve passar pelo afeto, pela escuta, pela mediação humana. Assim como alerta Libâneo (2013), “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção ou construção.”

O PEG me mostrou que a docência não é só transmitir conteúdos, mas formar pessoas, e que cada aluno é um universo com seu próprio tempo, história e forma de aprender. Nesse sentido, a proposta da Educação Profissional e Tecnológica, especialmente com públicos diversos como os do Proeja, nos coloca em um campo que exige sensibilidade, criatividade e compromisso social.

A escola não pode ser lugar de reprodução fria de saberes, e sim espaço de acolhimento, de escuta, de construção coletiva. O PEG me fez compreender melhor isso e hoje tenho certeza de que só se forma professor sendo também aluno.

Reacendendo a chama da docência

Esse estágio teve um valor simbólico imenso para mim. Nem sempre a gente está pronto, às vezes, a vida nos freia, machuca, desacelera, esfria a nossa coragem. Eu já poderia estar graduada pelo PEG, já poderia ser mestre, quiçá até doutora, também já poderia ter pelo menos 4 anos de experiência docente no currículo, mas, ainda em meio às incertezas da COVID-19 que me fragilizou profundamente e inesperadamente, não consegui me manter. então desisti. E, pior: achei que não era feita para aquilo.

Desisti de três oportunidades importantes e isso sempre pesou, eu perdia noites de sono pensando nisso, eu me sentia travada, parada no tempo e por muito tempo remoi. Mas está tudo bem também em desistir, em certos casos pode ser um ato de sabedoria, de autoconsciência e de coragem. Pois, tudo tem seu tempo e eu precisava passar pelo que passei para me fortalecer, me conhecer e ser o que sou hoje. Agora, finalizando o PEG, tenho certeza que voltarei também ao mestrado e que depois deste estágio, eu descobri: eu só estava em um momento difícil e eu não estava pronta.

Esse reencontro com a sala de aula, com os estudantes tão dispostos e afetuosos do Proeja, com as supervisoras tão acolhedoras, com a orientadora tão aberta, disponível e entusiasmada, foi sem dúvida, um presente. Me vi útil, me vi completa, me vi professora, de novo. E a chama da docência, que eu pensava extinta, reacendeu em mim com força.

Como afirma Paulo Freire: “Ninguém nasce feito, é experimentando-nos no mundo que nós vamos nos fazendo.” (FREIRE, 1996, p. 45). Hoje, eu me faço professora com orgulho e esperança. Levo comigo todos os olhares, dúvidas, conquistas, até os silêncios das turmas por onde passei e levo também a certeza de que essa escolha, que um dia me doeu, agora me fortalece.

Por isso o título deste capítulo, não é apenas sobre estágio, é sobre renascer! E hoje, sou mais forte do que antes e eu estou finalmente pronta!

*Ensinar é um exercício de imortalidade.
De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos
olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra.
Rubem Alves*

Referências

CORTELLA, M. S. **Educação, Escola e Docência: novos tempos, novas atitudes**. 2. ed. Campinas: Papirus, 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 35. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 26. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

VASCONCELLOS, C. S. **Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico**. São Paulo: Libertad, 2013.

CAPÍTULO 11

ESTÁGIO SUPERVISIONADO III: CAMINHOS DE APRENDIZAGEM E DESCOBERTA NA FORMAÇÃO DOCENTE

Marisete da Silva Ilha
Karla Marques da Rocha (Professora orientadora)
Camila Coletto (Professora supervisora)
Doi: 10.48209/978-65-5417-546-B

Palavras Iniciais

Ao ingressar no Programa Especial de Graduação de Formação de Professores para a Educação Profissional (PEG) da Universidade Federal de Santa Maria, no segundo semestre letivo de 2023, fui tomada por um misto de sentimentos. Afinal, já haviam se passado 21 (vinte e um) anos desde a conclusão do curso que me conferiu o título de Bacharel em Ciências Contábeis, em outubro de 2002.

Nesse intervalo, vivi diversas experiências profissionais, enfrentei vários desafios e obstáculos que a vida adulta impõe e cultivei uma crescente vontade de buscar novos conhecimentos — especialmente na área da Educação. Foi em 2016 que uma ex-colega de trabalho, também bacharel em Ciências Contábeis, me apresentou o PEG. Desde então, tentei ingressar no programa em algumas ocasiões, mas a rotina intensa de trabalho sempre dificultava o retorno às atividades acadêmicas. Somente em 2023 consegui conciliar minha atuação como servidora pública municipal com a oportunidade de cursar uma nova graduação.

Esse retorno à UFSM, agora como egressa, para realizar uma segunda graduação voltada à docência na Educação Profissional e Tecnológica, representou um momento muito especial em minha vida — um verdadeiro divisor de águas. O PEG me proporcionou experiências enriquecedoras: conhecer profissionais de diferentes áreas, em busca da formação docente, explorar o vasto

universo da Educação e aprender sobre políticas públicas, saberes pedagógicos e os desafios atuais da docência.

Dentre todos os componentes curriculares, considero o Estágio Supervisionado III o maior desafio de todo o percurso formativo. É nesse momento que colocamos à prova tudo aquilo que foi estudado ao longo do curso.

Ao iniciar o Estágio Supervisionado III, senti que estava iniciando uma nova fase da minha trajetória acadêmica, profissional e pessoal. Finalmente teria a chance de vivenciar, na prática, o ambiente educacional e compreender mais profundamente o papel do professor. Meus sentimentos, no início, eram diversos: ansiedade e nervosismo, por não saber exatamente como seria meu desempenho em sala de aula; entusiasmo, por poder aplicar os conhecimentos adquiridos ao longo da formação.

Tinha a expectativa de que o estágio me proporcionasse uma visão mais clara da realidade escolar e me ajudasse a compreender, de forma mais concreta, os desafios e as possibilidades da docência. Meu maior receio era não saber lidar com situações imprevistas em sala de aula ou não conseguir estabelecer uma boa conexão com os alunos. Por outro lado, minha maior expectativa era descobrir se, de fato, tinha vocação para a docência — e se seria capaz de inspirar meus alunos a aprender.

Para Freire (1996), o estágio deve ser concebido como uma prática educativa que envolve consciência crítica, diálogo e compromisso ético com a transformação da realidade. Ele defende que o professor em formação não pode ser um mero reproduzidor de práticas, mas deve refletir constantemente sobre sua atuação e sobre o contexto social em que está inserido.

Vivências do Estágio Supervisionado de Ensino III

Para contextualizar as vivências do Estágio Supervisionado de Ensino III (ESE III), apresentamos a seguir os sujeitos envolvidos e os espaços políticos-pedagógicos nos quais as atividades foram desenvolvidas.

O campo de atuação foram três escolas da rede municipal de ensino de Santa Maria/RS, sendo 15 horas aula ministradas na Escola Municipal de En-

sino Fundamental Professor Adelmo Simas Genro, 12 horas aula ministradas na Escola Municipal de Ensino Fundamental João da Maia Braga e 3 horas de apresentação de seminário na Escola de Ensino Fundamental Pinheiro Machado. Nestas instituições existe um convênio com o Instituto Federal Farroupilha (IFFAR) para a formação dos alunos da Educação de Jovens e Adultos integrada à Educação Profissional e Tecnológica – EJA EPT. A prática docente ocorreu na disciplina de Planejamento Financeiro, disciplina de 40 horas, nas turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA EPT), curso de Assistente Administrativo, concomitante à etapa IV da EJA, com carga horária semanal de 3 horas de aula semanais.

As turmas onde se desenvolveu o estágio III são compostas por estudantes de diferentes faixas etárias, contextos sociais e culturais. São turmas pequenas, em torno de 15 alunos. Alguns já estão inseridos no mercado de trabalho, outros atuam informalmente e muitos são beneficiários de programas sociais. Essa diversidade, que abrange trajetórias de vida distintas, é uma das características mais marcantes dos alunos. E essa mesma diversidade nos desafia, e nos impulsiona como docentes.

As aulas foram planejadas priorizando os objetivos, metodologia de ensino e métodos de avaliação propostos pelo Instituto Federal Farroupilha (IFFAR). De acordo com o plano de ensino da disciplina de Planejamento Financeiro, fornecida pelo (IFFAR), a metodologia de ensino se baseia em uma abordagem participativa, dialógica e interdisciplinar, que valoriza as vivências dos estudantes. As atividades são organizadas considerando os conceitos de **Tempo Escola** e **Tempo Social**, respeitando os espaços formativos do cotidiano do estudante, como o ambiente de trabalho, a comunidade e a escola.

A avaliação é contínua, cumulativa e formativa, com ênfase nos aspectos qualitativos do processo de aprendizagem. São utilizados instrumentos variados, como provas, tarefas em aula e estudos de caso, totalizando uma avaliação que considera não apenas o desempenho conceitual, mas também habilidades, atitudes, participação, assiduidade e capacidade de resolver problemas. A avaliação busca integrar ensino e aprendizagem, orientar a construção do conhecimento e promover o desenvolvimento integral do estudante.

Inicialmente, elaborei os planos de ensino, que serviram como guia para o desenvolvimento da disciplina em ambas as turmas/escolas. O plano de ensino é um instrumento pedagógico essencial que organiza e orienta o processo de ensino-aprendizagem, servindo como guia para a prática docente ao explicitar objetivos, conteúdos, metodologias, avaliações e recursos.

Segundo Libâneo (2013), o plano de ensino é uma mediação entre a proposta curricular e a ação pedagógica concreta, sendo fundamental para assegurar a intencionalidade e a sistematização do trabalho docente.

Para Vasconcellos (2000), o plano de ensino não deve ser apenas uma exigência burocrática, mas sim um instrumento de reflexão e planejamento crítico que contribui para a melhoria da prática pedagógica. Ele possibilita que o educador pense de forma estratégica, considere as características dos alunos e do contexto, e tome decisões coerentes com os objetivos educacionais.

Considerando o plano de ensino, o foco foi planejar as aulas com base nos princípios da contextualidade, interdisciplinaridade e flexibilidade. O que não é algo simples para aqueles que estão descobrindo a docência. Assim as aulas foram planejadas tentando respeitar as vivências dos alunos, valorizando sua trajetória de vida e experiências. Para Libâneo (2013), planejar significa tomar decisões antecipadas sobre a prática educativa, com base em análises da realidade escolar e das necessidades dos estudantes.

Na Educação Profissional e Tecnológica (EPT), o ato de organizar e estruturar o processo educativo assume um papel ainda mais estratégico, pois está diretamente ligado à formação integral dos estudantes para o mundo do trabalho e para o exercício pleno da cidadania. Segundo Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005), a EPT deve articular a formação técnica e científica com a formação humana e social, superando a dicotomia entre educação geral e educação profissional. Nesse sentido, a elaboração das aulas precisa considerar os saberes docentes, teóricos e práticos, integrando conhecimentos científicos, tecnológicos e culturais.

Sua importância reside na capacidade de garantir intencionalidade ao ensino, favorecendo a construção de competências técnicas e críticas, em sintonia com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional

Técnica de Nível Médio (Resolução CNE/CEB nº 6/2012). Esse processo permite ao professor antecipar desafios, adaptar os conteúdos à realidade sociocultural dos alunos, propor metodologias ativas e promover a interdisciplinaridade — aspectos essenciais para atender à diversidade de perfis presentes nas turmas da EPT.

Além disso, contribui significativamente para a flexibilização curricular, viabilizando a contextualização dos conteúdos às exigências do mundo do trabalho e às transformações tecnológicas. Ao integrar teoria e prática, o docente favorece uma aprendizagem significativa, preparando os alunos para atuarem de forma crítica, ética e inovadora nos diferentes contextos profissionais.

Portanto, estruturar bem as aulas na EPT não se configura como uma simples exigência burocrática, mas como uma ferramenta pedagógica indispensável para garantir a qualidade da formação, a inclusão social e o desenvolvimento de sujeitos autônomos, criativos e preparados para os desafios do mundo contemporâneo.

O desafio de organizar e ministrar conteúdo para turmas distintas foi uma experiência única. Na Escola de Ensino Fundamental Professor Adelmo Simas Genro, as dificuldades da turma eram significativamente maiores que na Escola de Ensino Fundamental João da Maia Braga, embora ambas tivessem turmas com quase o mesmo número de alunos e com faixas etárias variadas. Na EMEF Professor Adelmo Simas Genro, observou-se uma situação preocupante: a maioria dos alunos da EJA EPT vivia em condição de vulnerabilidade social.

O conteúdo previsto era o mesmo para as duas escolas, o que possibilitou utilizar os mesmos roteiros de aula, sempre com o cuidado de adequar a linguagem e o ritmo ao perfil de cada turma.

Como parte das atividades desenvolvidas durante o Estágio Supervisionado de Ensino III, promovi um seminário com a temática “Crédito do Trabalhador”, no dia 28/03/2025, com carga horária de 3 horas, voltado às turmas do EJA EPT da Escola Municipal de Ensino Fundamental Pinheiro Machado, onde estavam presentes também funcionários e professores da escola. A escolha do tema se deu em consonância com as necessidades concretas do público

atendido, composto majoritariamente por sujeitos já inseridos no mundo do trabalho, que vivenciam cotidianamente desafios relacionados à gestão de recursos financeiros e acesso a políticas públicas.

A atividade teve como principal objetivo proporcionar aos estudantes um espaço de reflexão crítica sobre o crédito consignado, com ênfase no novo programa governamental voltado a trabalhadores formais. A abordagem adotada buscou articular conceitos técnicos com a realidade vivida pelos alunos, conforme preconiza a pedagogia problematizadora de Paulo Freire (1996), a qual valoriza a experiência dos sujeitos e os estimula à leitura crítica da realidade.

Durante o seminário, foram apresentados os principais aspectos do programa “Crédito do Trabalhador”. A dinâmica incluiu uma simulação prática de contratação de crédito, o que possibilitou aos alunos visualizarem, de maneira concreta, os impactos dessa decisão sobre o orçamento familiar. A atividade fomentou o debate entre os participantes, que levantaram questionamentos pertinentes acerca do endividamento.

A proposta metodológica demonstrou-se acertada ao promover uma aprendizagem significativa, ancorada nos conhecimentos prévios dos alunos e na realidade socioeconômica em que estão inseridos. Além disso, dialoga com as competências gerais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), especialmente no que tange à educação financeira como elemento da formação integral e cidadã (BRASIL, 2017).

Em síntese, o seminário “Crédito do Trabalhador” constituiu-se em uma ação pedagógica relevante, que contribuiu para o desenvolvimento de competências essenciais na EJA/EPT, fortalecendo o vínculo entre a formação educacional e a vida prática dos educandos. Ao fomentar a reflexão sobre o uso consciente do crédito e o planejamento financeiro, a atividade promoveu a autonomia dos sujeitos, conforme preconizado pela perspectiva da educação emancipadora.

Figura 1 – Registros do Seminário ministrado na EJA EPT EMEF Pinheiro Machado



Fonte: Arquivo da EMEF Pinheiro Machado (2025)

O encerramento das aulas foi marcado por agradecimentos mútuos e reconhecimento da importância do conteúdo no cotidiano dos alunos. A troca de experiências e o desenvolvimento das atividades mostraram-se eficazes para aproximar a educação financeira da realidade vivida pelos estudantes da EJA.

Fechamos uma etapa rica em aprendizados, trocas e crescimento mútuo. A trajetória construída com as turmas da EJA evidenciou a relevância de uma educação financeira contextualizada, acessível e transformadora. A experiência de estágio consolidou a prática docente e reafirmou o compromisso com uma formação crítica e cidadã e reforçou a importância de abordar a educação financeira de forma acessível, respeitosa e crítica, considerando as realidades vividas pelos alunos da EJA.

Figura 2: Registros da última aula com as turmas de estágio na EMEF João da Maia Braga e na EMEF Professor Adelmo Simas Genro



Fonte: Arquivo pessoal (2025)

A Educação de Jovens e Adultos integrada à Educação Profissional e Tecnológica - EJA EPT representa uma das modalidades da educação que busca garantir o direito à educação básica em conjunto com a qualificação profissional, seu público alvo são indivíduos, que por diferentes motivos sociais e econômicos, não concluíram seus estudos na idade regular. (BRASIL, 2008)

Nesse contexto, a EJA EPT assume um papel importante no combate às desigualdades sociais e na promoção da inclusão, articulando saberes escolares com conhecimentos técnicos e experiências de vida. Essa modalidade se insere de forma coerente na Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU), especialmente no Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 4 (ODS 4), que propõe “assegurar a educação inclusiva, equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos”. (ONU, 2015)

A EJA EPT também se relaciona com outros ODS, como o ODS 8, que trata do trabalho decente e crescimento econômico, ao promover a formação técnica e profissional como estratégia para a inserção digna no mundo do trabalho. Além disso, a abordagem integrada da EJA EPT contribui com o ODS 10 (redução das desigualdades), ao priorizar públicos historicamente marginalizados, como trabalhadores informais, mulheres, negros e populações em situação de vulnerabilidade. (BRASIL, 2020)

Assim, a EJA EPT deve ser compreendida como uma política pública comprometida com a justiça social, o desenvolvimento sustentável e a superação das desigualdades estruturais, sendo um instrumento fundamental para o alcance das metas da Agenda 2030 da ONU no Brasil.

Neste contexto é de suma importância destacar o compromisso das instituições locais para com educação pública, gratuita e de qualidade, especialmente voltada à formação técnica e à valorização dos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos integrada à Educação Profissional e Tecnológica.

No dia 12 de maio, às 19h, no auditório da Reitoria do Instituto Federal Farroupilha (IFFAR) em Santa Maria, ocorreu a aula inaugural do curso de Assistente Administrativo. A atividade marcou o início de uma importante etapa formativa para jovens e adultos que buscam qualificação profissional. O curso é fruto de uma parceria entre o IFFAR – Campus Júlio de Castilhos e a Prefeitura

Municipal de Santa Maria, e visa promover o desenvolvimento profissional e a inclusão educacional por meio da oferta de 200 vagas.

Fomos convidados a participar deste evento pela professora supervisora Camila Coletto: Nós estagiários do PEG/UFSM que estávamos realizando estágio na modalidade EJA EPT neste semestre nas escolas da rede municipal de ensino, e a professora orientadora de estágio, professora Karla Marques da Rocha da UFSM. Um momento simbólico que reforça o compromisso entre as instituições envolvidas.

Figura 3: Registro da participação na Aula Inaugural do Curso Assistente Administrativo



Fonte: Arquivo da Profa. supervisora Camila Coletto (2025)

Palavras Finais

Concluir o Estágio Supervisionado de Ensino III representa, para mim, muito mais do que o encerramento de um componente curricular. Trata-se do fechamento de um ciclo de formação que se iniciou com inseguranças, expectativas e grandes desafios, e que se consolidou como uma vivência profundamente transformadora. Retornar à universidade após mais de duas décadas

do término da minha primeira graduação e assumir o papel de educadora na Educação Profissional e Tecnológica revelou-se uma experiência marcada por aprendizagens recíprocas, descobertas significativas e amadurecimento pessoal e profissional.

O contato com estudantes de realidades tão diversas, muitos em situação de vulnerabilidade social, reforçou a importância de uma prática docente sensível, crítica e comprometida com a inclusão e a justiça social. A escuta ativa, o respeito às vivências dos alunos e a adaptação dos conteúdos ao seu cotidiano foram elementos fundamentais para a construção de uma relação pedagógica significativa, que ultrapassou os limites da sala de aula e se ancorou no diálogo e na valorização da experiência de vida de cada educando.

Planejar, ministrar aulas e acompanhar o processo de aprendizagem desses sujeitos foi um exercício constante de reflexão, flexibilidade e empatia. O planejamento, não pode ser uma mera formalidade: ele é a expressão concreta da intencionalidade educativa e deve estar comprometido com os sujeitos que ensina. Nesse sentido, as aulas de Planejamento Financeiro, os seminários e as atividades desenvolvidas buscaram não apenas ensinar conteúdos, mas contribuir para o empoderamento dos alunos em suas decisões cotidianas, promovendo autonomia e cidadania.

A Educação de Jovens e Adultos integrada à Educação Profissional e Tecnológica, como política pública, reafirma sua potência ao articular saberes escolares, experiências de vida e formação profissional. Ela materializa os princípios do ODS 4 da Agenda 2030 da ONU, que defende uma educação inclusiva e equitativa, promovendo oportunidades para todos. Ao vivenciar o estágio nessa modalidade, compreendi com mais profundidade a dimensão transformadora da educação quando ela é, de fato, comprometida com a realidade dos sujeitos e pautada na pedagogia crítica, que valoriza o diálogo, a problematização e a formação de cidadãos.

Finalizo esta etapa convicta de que a docência é um espaço de resistência e esperança. Resistência contra as desigualdades estruturais que excluem milhões de brasileiros do direito à educação, e esperança em uma prática pedagógica que transforma, acolhe e liberta. Saio dessa experiência reafirmando que

a educação pública, gratuita, de qualidade é um direito. E, mais do que isso, com a certeza de que o caminho da formação docente não se encerra aqui: ele é contínuo, inacabado e profundamente motivado pelo desejo de contribuir, com ética e paixão, para uma sociedade mais justa, crítica e humana.

Vê o professor como um semeador de ideias, cujas palavras ecoam na vida dos alunos, tornando-o uma presença imortal naqueles que aprendem. Para ele, o professor é um artesão da mente e do coração, capaz de despertar o encanto pelo conhecimento e pela vida
Rubem Alves

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CNE/CEB nº 6, de 20 de setembro de 2012.** Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 21 set. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. **Referenciais para a EJA integrada à Educação Profissional de nível médio.** Brasília: MEC/SETEC, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIBÂNEO, J. C. **Didática.** São Paulo: Cortez, 2013.

VASCONCELLOS, C. S. **Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico.** 17. ed. São Paulo: Libertad, 2000.

FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. **A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de humanização.** Brasília: Inep/MEC, 2005.

BRASIL. Instituto Federal Farroupilha. **Projeto Político-Pedagógico Institucional.** Santa Maria: IFFar, 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Transformando nosso mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável.** Nova York, 2015.

CAPÍTULO 12

ENSINAR, ESCUTAR, TECER SABERES E ALIMENTAR SONHOS: FORMATANDO SABERES NA EJA EPT

Paulo Cesar Costa Teixeira

Karla Marques da Rocha (Professora orientadora)

Franciane Cougo da Cruz Ceretta (Professora supervisora)

Iochane Garcia Guimarães (Professora supervisora)

Doi: 10.48209/978-65-5417-546-C

Palavras Iniciais

Apresento através deste texto, as experiências, aprendizados e reflexões construídos ao longo do estágio final do Programa Especial de Graduação (PEG), realizado no contexto da Educação de Jovens e Adultos integrada à Educação Profissional e Tecnológica (EJA EPT). Mais do que uma atividade obrigatória, o estágio representou um espaço de vivências pedagógicas, escuta sensível e construção conjunta de saberes, em diálogo com sujeitos que carregam trajetórias singulares de vida, trabalho e resistência. Nesta etapa, a prática educativa revela-se como um exercício constante de mediação crítica, respeito às diversidades e compromisso com uma educação emancipadora.

Ensinar, Escutar, Tecer Saberes e Alimentar Sonhos

O desafio final do PEG é o estágio III, a prática, o contato com uma turma de alunos. Entre as nuances mais complicadas acerca dessa etapa, para mim, reside no fato de que não se trata de uma turma “nossa”, mas sim *emprestada* por um professor que já os conhece, já tem uma trajetória com esses estudantes, tornando ainda maior a responsabilidade do estagiário. Talvez aqui esteja minha maior preocupação nessa etapa. Os conhecimentos todos foram sedimentados ao longo dos semestres anteriores, sendo que os professores sempre estão à disposição para uma troca de ideias, esclarecimento de dúvidas, enfim. Mas em relação a turma que iremos enfrentar; e o professor

supervisor, como será? Os relatos de quem já estagiou trazem várias percepções, umas mais leves, outra mais densas. Relatos de dificuldades e realizações pessoais e profissionais.

A Educação Profissional e Tecnológica (EPT) desempenha um papel fundamental na formação dos indivíduos, preparando-os para os desafios do mundo do trabalho e para a construção de uma sociedade mais reflexiva e integrada. Como destaca Edgar Morin (1999), “a educação deve ensinar a condição humana, enfrentar as incertezas e ensinar a compreensão” — princípios que se mostram essenciais na prática docente, especialmente no contexto do estágio. Esse momento de imersão permite ao futuro educador não apenas aplicar conhecimentos técnicos, mas também desenvolver uma visão crítica e sistêmica, valorizando a interdisciplinaridade e o pensamento complexo na formação dos alunos. Assim, o estágio se torna um espaço de aprendizado dinâmico, onde teoria e prática se entrelaçam para consolidar uma educação mais significativa e humanizada.

A expectativa era de uma boa recepção, um professor supervisor competente e dedicado, e uma turma interessada, desafiadora, mas não a ponto de me fazer sair correndo talvez de mim mesmo.

O estágio representa um ponto de reconexão com o início da minha trajetória profissional que, coincidentemente ocorreu na docência, permitindo uma revisão crítica e enriquecedora do meu percurso profissional. Embora minha primeira experiência em sala de aula tenha ocorrido sem uma formação pedagógica específica, foi uma vivência que deixou marcas que resistiram ao tempo. Agora, ao retornar ao ambiente escolar como estagiário, de um curso de formação de professores, posso revisitar e resignificar esse início, identificando acertos, corrigindo falhas e aprimorando minha prática com base nos conhecimentos adquiridos ao longo dos anos. Esse processo não apenas ajusta minha formação, mas também fortalece aquela identidade docente que permaneceu adormecida por anos, consolidando habilidades e reflexões que serão essenciais para os desafios da educação no presente e no futuro.

A Escola

A escola é um espaço de convivência e a convivência é a possibilidade de o sujeito se fazer gente. É na convivência com os outros que a gente vai se fazendo gente, que a gente vai se humanizando, que a gente vai construindo a sua autonomia. (Freire, 1997, p 31)

Meu estágio se desenvolveu na Escola Municipal de Ensino Fundamental “Luizinho de Grandi” localizada junto ao CAIC, na Vila Lorenzi, no curso de Assistente Administrativo, da EJA EPT Integrada, vinculada ao IFFAR Júlio de Castilhos. As disciplinas Planejamento Financeiro e Princípios da Administração & Empreendedorismo.

Como eu desejava, a equipe da escola foi extremamente receptiva e acolhedora, deixando as portas abertas e estando sempre à disposição para auxiliar no processo. Da mesma forma o acolhimento por parte das professoras supervisoras das quais tive total suporte para desenvolver as atividades.

Sobre a Turma

Turmas heterogêneas formadas por uma média de 30 alunos, que devido ao baixo índice de frequência e alta evasão, nunca estiveram todos presentes nos encontros por mim ministrados. Tendo de adolescentes até idosos, passando por trabalhadores, donas de casa ou apenas estudantes. Bem instigante e desafiador ter contato com tanta diversidade de pensamentos, de sonhos, de percepções de vida e na vontade do aprendizado. Em um grupo tão distinto entre seus membros, me deparei com estudantes mais destacados e comunicativos, assim como os mais tímidos e bem introspectivos. A formação dessa turma também apresenta um outro desafio, quanto a sua base de conhecimento que se mostra muito fraca nos seus princípios fundamentais. Em razão disso, as reflexões acerca do conteúdo se tornam por vezes mais rasas e difíceis de extrair. Embora com todas essas adversidades, são turmas marcadas pela persistência, é significativo ver um aluno com mais de 70 anos buscando conhecimento e formação. Torna-se uma referência e fonte de motivação para os estudantes mais jovens da turma que ainda não possuem plena segurança quanto aos seus objetivos.

Este grupo reflete que jamais será tarde para buscar conhecimento, mesmo com todas as dificuldades, aprender e evoluir sempre será o caminho para um futuro melhor. Como afirmou Darcy Ribeiro: *“Só há uma coisa mais cara do que a educação: a ignorância. A educação é o caminho mais curto entre a exclusão e a cidadania”* (Ribeiro, 1995). Isso resume de forma significativa o que presenciei: a sala de aula como um espaço em que a inclusão social se realiza concretamente, e onde o conhecimento pode transformar trajetórias de vida.

Planejar para Ensinar

Planejar, no contexto do estágio realizado na EJA EPT, revela-se um exercício que vai além da organização de conteúdos e métodos; trata-se de um compromisso ético com a realidade dos sujeitos que aprendem. Ao considerar as trajetórias de vida, os saberes prévios e os diversos objetivos dos estudantes, o planejamento pedagógico precisou ser flexível, contextualizado e sensível às demandas da turma. Essa etapa do trabalho docente foi fundamental para garantir que as práticas de ensino fossem significativas, e alinhadas à proposta de uma educação que emancipa e valoriza a diversidade dos saberes construídos fora e dentro da escola.

Tanto o plano de ensino quanto os planejamentos das aulas foram elaborados a partir da apostila fornecida pelo IFFAR aos alunos, servindo como guia durante todo o processo. O critério seguido além da sequência do conteúdo foi dar o aprofundamento conforme o ritmo da turma, priorizando que todos acompanhem sem que ficassem lacunas de informação.

Os relatos foram escritos após cada aula. Durante estas, eu criava uma memória onde anotava pontos e passagens importantes que considerava convenientes destacar em cada registro. A parte reflexiva a respeito da aula sempre foi um momento de auto avaliação, buscando pontos de melhoria para os planos e as aulas seguintes. Também foi um exercício constante de observação tendo em vista que agora estando dentro do contexto, sendo parte dele.

Os relatos buscaram reviver cada encontro, entender a dinâmica de cada aluno e da turma frente ao assunto proposto. Esse momento de re-

flexão contribuiu para moldar cada aula e o meu comportamento docente, adaptando-me à turma e consolidando posturas em relação ao processo de ensino-aprendizagem.

Compreendi, ao longo dessa vivência, que mais do que transmitir conteúdo, o papel do professor é criar oportunidades para que os alunos experimentem, explorem e construam o próprio conhecimento de maneira ativa. Como afirma Jean Piaget, “O principal objetivo da educação é criar homens capazes de fazer coisas novas e não simplesmente repetir o que as outras gerações fizeram” (Piaget, 1973). Essa perspectiva reforça a importância de ambientes que favoreçam a autonomia, a descoberta e a construção de sentido, fundamentais para o desenvolvimento cognitivo e moral dos estudantes.

Ensinar é Criar

Foi crucial adaptar minha bagagem de conhecimentos à realidade dos alunos. Isso significa focar em conceitos básicos de forma clara e acessível, como a importância de identificar problemas e criar soluções, a noção de recursos (tempo, dinheiro, pessoas) e como planejar seu uso. Além disso, foi essencial trazer exemplos práticos de empreendedorismo relevantes para o dia a dia, explorando pequenas iniciativas locais ou ideias que possam surgir de suas próprias necessidades. A capacidade de comunicar ideias de forma simples, incentivar a criatividade e promover o trabalho em equipe foi tão importante quanto o conteúdo teórico, garantindo que os conceitos ensinados se tornem ferramentas úteis e inspiradoras para o futuro desses estudantes.

Busquei sempre trazer os alunos ao diálogo sobre o conteúdo e extrair deles conceitos e percepções, para construirmos juntos as definições requeridas pelo tema, conectando todos os assuntos abordados ao cotidiano, exemplificando com situações reais e vivências de cada um. Chamei-os a contarem suas histórias e conectá-las à disciplina para atingir os objetivos de ensino, dando sentido aos conceitos e evitando a abstração, despertando o desejo de aprofundar conhecimentos sobre o tema. Nesse sentido, compreendo o papel do professor como um mediador entre o conhecimento sistematizado e os alunos, organizando as condições para que se apropriem dos conteúdos escolares e desenvolvam

suas capacidades cognitivas, afetivas e sociais, como defende Libâneo (1994). Essa mediação é essencial para que a aprendizagem seja significativa e conectada à realidade dos estudantes.

Os recursos da escola pública não são abundantes e variados, sendo ainda o quadro negro a principal ferramenta. Para enriquecer as aulas, contamos com a ajuda da professora supervisora, que disponibilizava seu projetor. Através dele, foi possível apresentar slides e filmes que ajudaram a variar a dinâmica da aula e proporcionaram uma motivação diferente em relação ao conteúdo.

Pelo pouco contato com as outras cadeiras das turmas, não tive a oportunidade de trabalhar a fundo a interdisciplinaridade, porém todos os assuntos sempre foram abordados de forma a manter conexão com o cotidiano e a realidade dos alunos, aproximando-os de exemplos práticos que facilitam a compreensão dos conteúdos. Extrair seus relatos sobre vivências práticas relacionadas aos temas também foi de grande valia.

As aulas foram basicamente expositivas, mas sempre buscando a conversa guiada, com conceitos construídos em conjunto. Além da sala de aula, também utilizamos o laboratório de informática, atendendo a uma reivindicação da turma a respeito do pouco contato com os computadores e a dificuldade com operações básicas. Nessa aula, além das noções iniciais de informática, os alunos puderam jogar um game educativo que os treinava na digitação correta, o que gerou muito engajamento.

Cada encontro com a turma revelou-se uma experiência única, marcada por interações significativas. Identificar uma aula como a mais marcante não é tarefa simples, considerando que todas apresentaram elementos relevantes para o processo de ensino e aprendizagem. Entre os momentos mais significativos, destaca-se uma aula em que, devido à baixa presença de alunos, foi necessário que eu participasse diretamente da atividade prática. No início, os estudantes demonstraram pouco interesse, mas, ao longo da atividade, tornaram-se visivelmente mais motivados e comunicativos. Outro momento de destaque foi a aula de encerramento. Na ocasião, a professora informou que aquele seria meu último encontro com o grupo, e os alunos reagiram espontaneamente, em coro, com um sonoro “Ahhh!”. Tal manifestação evidenciou o vínculo construído ao

longo do período e confirmou que a convivência e as práticas desenvolvidas em sala estavam sendo significativas, tanto para os alunos quanto para mim enquanto educador em formação.

Acompanhamento e Supervisão

Tive o privilégio de ser supervisionado por duas excelentes profissionais do ensino, com perfis diferentes, métodos de trabalho diferentes mas ambos motivadores e constituindo-se em exemplos a serem seguidos. Ambas preocupadas com a turma, com o ensino, e a forma que os alunos o recebem. Foi possível observar a dedicação das professoras na forma como planejaram e conduziram suas aulas. Essa postura profissional serviu de referência para o desenvolvimento do meu próprio trabalho docente, atribuindo-lhe um nível ainda maior de comprometimento e responsabilidade. O apoio necessário e empatia foi fundamental para trazer a tranquilidade ao estagiário. Desta forma, ficou leve desenvolver o conteúdo com a turma. Do mesmo modo, da parte da escola, houve uma recepção excepcional, destacando a importância do trabalho e demonstrando agradecimento na conclusão deste estágio. A interação com os demais professores no momento que antecedia o início da aula também foi enriquecedora para esta jornada, aproximando-me do cotidiano e da dinâmica do ambiente escolar. Em sala de aula as trocas e interações com os professores foram estimulantes e enriquecedoras, pois eles sempre fizeram com que tivesse o papel de construtor do trabalho e do que ali estava sendo ensinado. Os planos de aula que elaborei foram plenamente aceitos e apoiados, isso foi fundamental para minha tranquilidade em desenvolvê-los.

Realizando correções de rotas

Um dos grandes desafios de quem ensina é desenvolver, tal e qual, foi planejada a aula, pois todos os fatores influenciam para que isso não ocorra, desde a participação da turma ou falta dela. Manter-se dentro de um espaço de tempo planejado também é desafiante, uma vez que determinado conteúdo pode se estender mais em detrimento de outro menos interessante à turma, é

preciso estar sempre vigilante quanto a isso. Embora os alunos, no geral, não sejam muito comunicativos, o fator heterogeneidade facilitou o processo de comunicação, já que os alunos mais vividos sempre contribuíam primeiro, instigando os mais jovens a também participarem. Quando isso não ocorria naturalmente cabia a mim esse papel de chamá-los à conversa, alguns mais fáceis, outros nem tanto. Nesta metodologia, se manter dentro do planejado, é sempre um desafio e requer vigilância constante, mas não tive problema quanto a isso.

Talvez o que mais afetou o planejamento foi a falta de comunicação das turmas. Acostumei a aulas debatidas, conversadas e com muita participação. Chamá-los e estimulá-los a se manifestarem foi sempre desafiante e exigiu mais de mim. Apesar do esforço ainda assim havia os que não participavam e, ao que parece, isso é inerente a toda turma. A falta de interatividade em determinado assunto nos ensina que é preciso mudar o tom, buscar um exemplo mais prático, até contar uma piada ajuda a descontrair para trazê-los de volta e, aos poucos, retornar ao trilho do planejado para aquele conteúdo. É fundamental reconhecer que esses alunos, muitas vezes, possuem rotinas diárias intensas, com trabalho e responsabilidades familiares, o que exige um aproveitamento máximo de cada minuto em sala. O espaço físico da sala também deve ser considerado. Pode ser necessário reorganizá-lo para facilitar discussões em grupo, a simulação de situações ou a apresentação de ideias, tornando o ambiente um laboratório para o aprendizado. A flexibilidade para ajustar o ritmo e a profundidade dos tópicos priorizando a compreensão e o engajamento em detrimento da exaustão do conteúdo programático, está ligada diretamente a adequação da abordagem. É sempre bom ter em mente que não é uma receita fechada, o que funciona em um dia pode não ter sucesso em outro com a mesma turma, lidamos com indivíduos, e é preciso compreendê-los dentro de suas individualidades, ainda que não haja tempo para análise tão profunda.

Avaliando a Aprendizagem

Sobre esse ponto cabe salientar a particularidade de turmas que têm uma baixa frequência aliada a um alto índice de evasão, em que fazer provas se torna complicado e desestimulante. Os professores adotam a metodologia de avaliar as participações em aula, suas contribuições nas discussões acerca do conteúdo e, principalmente, as atividades práticas desenvolvidas em sala. Todas elas são recolhidas para fins de avaliação e formação de nota. Torna o processo de avaliação mais leve mas não menos formal. As atividades práticas são mais apreciadas e de fácil adesão pelos estudantes.

Este aspecto do processo avaliativo ficou como aprendizado, em razão da característica das turmas, toda atividade desenvolvida em aula deve ser utilizada como meio avaliativo, se torna mais leve por não ter o ambiente de *prova/teste*, e fornece dados para constituir uma nota ao final do processo. Diversificar no processo avaliativo é necessário e, novamente, adaptar-se à realidade que a turma apresenta se faz necessário, para cumprir a formalidade do processo avaliativo.

Auto Avaliando o Processo

Como estagiário percebi a importância vital de ir além do conteúdo programático e, realmente, me conectar com a realidade de cada aluno. A maior lição aprendida foi a necessidade de adaptar constantemente as estratégias de ensino, transformando conceitos abstratos em exemplos práticos e tangíveis. Os desafios como a heterogeneidade dos conhecimentos prévios e a conciliação de suas rotinas com o tempo de aula exigiram de mim paciência e criatividade, buscando sempre abordagens que mantivessem o engajamento e a relevância. Sinto que consegui fomentar um ambiente de aprendizado colaborativo e inspirador, em que o conteúdo deixou de ser apenas uma matéria e se tornou uma ferramenta para a transformação pessoal e comunitária, reforçando em mim o gosto pela docência e pelo impacto social da educação.

Ao longo deste estágio pude desenvolver e aprimorar diversos saberes docentes essenciais. No que tange ao domínio de conteúdo, a necessidade de

simplificar e contextualizar os diversos tópicos abordados para um público com experiências de vida tão diversas me impulsionou a aprofundar minha compreensão e buscar analogias pertinentes ao cotidiano. A didática foi constantemente adaptada, explorando metodologias ativas, como debates e projetos práticos, para tornar o aprendizado mais engajador e significativo. A gestão de sala, por sua vez, exigiu flexibilidade e criatividade para lidar com as particularidades do EJA, como a frequência variável e os diferentes níveis de conhecimentos prévios, buscando sempre um ambiente colaborativo e respeitoso. Crucial para isso foi a escuta ativa, que me permitiu compreender as dúvidas, angústias e aspirações dos alunos, ajustando o planejado ao contexto do momento em sala. Por fim, a empatia se mostrou um pilar fundamental, pois ao me colocar no lugar deles pude reconhecer os desafios que enfrentam e valorizar cada pequena conquista, fortalecendo o vínculo e a motivação para aprender e empreender.

Minhas experiências anteriores no ambiente corporativo aliada à minha passagem pela docência, no início da minha trajetória, moldou uma postura profissional marcada pelo pragmatismo e pela busca por resultados, porém, com um foco renovado na formação humana. Sinto que consegui estabelecer um vínculo pedagógico sólido e significativo com os alunos, pautado na confiança e no respeito mútuo, o que se traduziu em um ambiente de aprendizado mais engajador e produtivo. A abertura e a transparência foram pilares na minha comunicação com os alunos e demais profissionais da escola, facilitando a troca de experiências e a construção de um ambiente colaborativo. Acredito que essa combinação de vivências me permitiu trazer uma perspectiva prática para a sala de aula, ao mesmo tempo em que busquei me conectar empaticamente com as necessidades e aspirações dos estudantes.

As mudanças que noto em mim mesmo antes e depois do estágio são significativas e profundas. Antes, minha visão da docência, embora presente, era mais teórica e talvez um pouco idealizada, baseada em experiências passadas e no ambiente corporativo. Depois do estágio sinto-me muito mais prático e adaptável, com uma boa compreensão das realidades e desafios do ensino, especialmente em contextos como o EJA EPT. Desenvolvi uma paciência e resiliência maiores para lidar com a heterogeneidade das turmas e as intercor-

rências diárias, e minha capacidade de escuta ativa e empatia foi aprimorada, tornando-me mais sensível às necessidades individuais dos alunos. Além disso, a experiência reforçou minha crença no poder transformador da educação e na importância de um ensino que dialogue com a vida real dos estudantes, solidificando meu desejo de continuar contribuindo para essa área.

Encerramento

A principal contribuição do estágio para minha vida pessoal e profissional foi a reafirmação do propósito e do impacto da educação, especialmente em contextos desafiadores como o EJA EPT. Profissionalmente, ele me permitiu resgatar e aprofundar minhas habilidades docentes, aplicando uma visão mais prática e estratégica, oriunda do ambiente corporativo à pedagogia. Aprendi a ser mais flexível, criativo e a valorizar cada pequena vitória no processo de ensino-aprendizagem. Pessoalmente, o contato com a resiliência e a busca por conhecimento dos alunos do EJA me inspirou profundamente, reforçando a importância da empatia, da escuta ativa e da capacidade de adaptação em todas as esferas da vida.

Essa vivência me fez compreender, na prática, a importância de oferecer um ambiente que respeite o ritmo e o protagonismo de cada aluno. Como bem afirmou Maria Montessori, “A educação é um processo natural realizado pela criança e não é adquirido por palavras, mas pela experiência no ambiente” (Montessori, 2004, p. 62). Essa perspectiva se concretizou ao observar o quanto os alunos aprendem mais e melhor quando são incentivados a explorar, experimentar e construir seus próprios caminhos de aprendizagem, com base em suas vivências e interesses.

O estágio não foi apenas uma etapa formativa, mas uma experiência transformadora que solidificou meu compromisso com a educação e com o desenvolvimento humano. Esta etapa transformou minha visão sobre o papel docente, elevando-o de um mero transmissor de conteúdo a um agente de transformação e facilitador de sonhos. Antes, eu via o professor como a principal fonte de conhecimento. Agora, tendo vivenciado a prática, entendo que o verdadeiro papel é o de mediador, que estimula a curiosidade, a autonomia e a

capacidade de cada aluno de construir seu próprio saber, especialmente em um contexto como o EJA, onde a bagagem de vida dos estudantes, ainda que distante dos conceitos acadêmicos, é um recurso ímpar. Percebi que o docente precisa ser um observador atento e um ouvinte empático, capaz de adaptar-se às necessidades individuais e coletivas, e de criar um ambiente em que o erro é parte do aprendizado e a colaboração é a norma. Mais do que ensinar, o estágio me mostrou que o papel docente é inspirar, empoderar e abrir caminhos, reconhecendo e valorizando o potencial de cada indivíduo, independentemente de sua trajetória.

Para quem ainda vai passar por essa experiência de estágio, especialmente em contextos como o EJA EPT, o meu principal conselho é: abra-se para aprender tanto quanto para ensinar. Vá com a mente e o coração disponíveis, pois a teoria é apenas a ponta do iceberg. Esteja preparado para flexibilizar seu planejamento, pois a realidade da sala de aula, as vivências dos alunos e os imprevistos do dia a dia exigirão adaptação constante. Desenvolva sua escuta ativa e empatia: são ferramentas poderosíssimas para compreender as necessidades, os desafios e as potencialidades de cada estudante, permitindo que você construa um vínculo pedagógico genuíno. Lembre-se que o estágio é um espaço para experimentação e aprendizado contínuo, portanto, não tenha medo de errar, aprenda com cada experiência. Por fim, celebre cada pequena conquista sua e dos seus alunos, pois é na valorização do processo que se encontra a maior satisfação da docência. Essa experiência transformará sua visão sobre a educação e sobre si mesmo.

O homem não é nada além daquilo que educação faz dele
Immanuel Kant

Referências

FREIRE, P. “Escola.” Revista da FAEEBA – **Educação e Contemporaneidade**, Salvador, nº 7, p. 31–32, jan./jun. 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MONTSSORI, M. **A Criança**. 11. ed. São Paulo: Editora Victor Civita, 2004.

MORIN, E. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

PIAGET, J. **Para onde vai a educação?** Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1973.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CAPÍTULO 13

A EDUCAÇÃO COMO TRANSFORMAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO TÉCNICA E PROFISSIONALIZANTE

Rudiere Nunes Gamba

Karla Marques da Rocha (Professora orientadora)

Valéria Quevedo Garcia (Professora supervisora)

Doi: 10.48209/978-65-5417-546-D

Introdução

A educação é, sem dúvidas, o meio mais acessível e poderoso de transformação social. Essa afirmação não se limita a construções teóricas: ela pulsa em minha trajetória de vida, que compartilho com sinceridade neste capítulo.

Meu nome é Rudiere Nunes Gamba. Sou advogado há mais de dois anos, uma conquista que representa muito mais que um título — é a materialização de um sonho alimentado desde a infância e que, com muito esforço, se tornou realidade. Caminhei por trilhas desafiadoras, e em todas elas a educação foi meu farol.

Cresci em uma família numerosa: sou um dos dez filhos de uma empregada doméstica e de um trabalhador autônomo. A renda que entrava em casa era modesta e, embora tivéssemos um teto, frequentemente nos faltava o essencial: alimentos, vestuário, acesso ao lazer. Em alguns momentos, até mesmo a esperança parecia escassa. Ainda assim, nunca nos faltou o exemplo de dignidade e luta. Foi nesse contexto que compreendi, muito cedo, que o estudo era uma das poucas ferramentas verdadeiramente capazes de romper com ciclos de exclusão social.

Durante minha adolescência, busquei me qualificar por meio de cursos gratuitos e concluí o ensino médio conciliando trabalho e estudos. Fui jardineiro e jornalista — ocupações honestas, mas que evidenciavam a dureza de uma vida limitada ao trabalho braçal. Aos dezessete anos, fui aprovado no vestibulo-

lar para o curso de Direito, um dos momentos mais marcantes da minha vida. Contudo, a realidade financeira logo me impôs um duro revés: sem condições de pagar as mensalidades, precisei interromper temporariamente o curso e me dedicar ao trabalho em uma marcenaria.

Aos dezoito anos, ingressei no Exército Brasileiro, uma decisão motivada mais pela necessidade do que por vocação. No entanto, os oito anos na vida militar me ensinaram disciplina, resiliência e a importância do trabalho em equipe. Paralelamente, mantive acesa minha paixão pelo conhecimento: cursei um técnico, iniciei outras graduações e, finalmente, em 2023, concluí o curso de Direito — minha maior realização acadêmica — em uma instituição privada.

Mas nenhum evento foi tão transformador quanto o nascimento da minha filha, Manuella, em 2015. Ela se tornou meu principal motivo, minha inspiração diária. Sua chegada reorganizou minhas prioridades e me impulsionou ainda mais na busca por uma vida digna, pautada em valores éticos e oportunidades reais.

Se há algo que nunca me abandonou, foi a certeza de que a educação é, verdadeiramente, o caminho da transformação. Minha história — ainda que resumida — é prova viva de que acreditar no poder da educação pode alterar destinos.

É com esse espírito que compartilho, neste capítulo, minha experiência no estágio supervisionado. Mais do que uma exigência curricular, esse estágio simbolizou mais um passo firme em uma jornada construída com esforço, fé e, sobretudo, pela força da educação técnica e profissionalizante, que deve ser reconhecida como instrumento fundamental de inclusão, cidadania e emancipação social.

Caracterização da Turma

O estágio supervisionado foi realizado na Escola de Ensino Médio Professora Maria Rocha, situada na cidade de Santa Maria/RS. A atuação ocorreu no turno da noite, com a turma do primeiro semestre do curso técnico em Secretariado, durante a disciplina de Legislação e Direito, cuja carga horária total foi de 30 horas.

A turma era composta por cerca de dez alunas, mas a assiduidade era irregular — em algumas aulas, contávamos com apenas duas estudantes. Ainda assim, tratava-se de um grupo exclusivamente feminino, com idades entre 20 e 50 anos, marcado por perfis humildes, determinados e participativos.

Essas alunas carregavam, cada uma à sua maneira, histórias de vida e desafios que ultrapassavam os muros da escola. A participação ativa, o respeito às atividades propostas e o entusiasmo por aprender revelavam a importância da educação técnica como porta de entrada para a profissionalização e, principalmente, para a reconstrução de trajetórias marcadas pela desigualdade.

A realidade da turma nos convida a refletir sobre a importância da escola como espaço de acolhimento e de fortalecimento da cidadania. Mais do que ensinar um conteúdo, a missão do educador é compreender as singularidades e necessidades de cada estudante, promovendo o pertencimento e a permanência escolar.

Planejamento e Organização das Aulas

O planejamento das aulas partiu de um polígrafo fornecido pela professora orientadora. Contudo, a ausência de um plano de ensino formal evidenciou certa fragilidade na organização pedagógica da disciplina, algo recorrente em muitas instituições públicas de ensino.

Mesmo diante dessa limitação, busquei estruturar o conteúdo de maneira acessível e relevante, articulando os temas jurídicos com situações do cotidiano das alunas. A experiência reforçou a importância de se promover uma educação conectada com a realidade dos estudantes, que dialogue com suas vivências e possibilite a compreensão crítica dos direitos e deveres que permeiam a vida em sociedade.

A disciplina de Direito e Legislação, nesse contexto, revelou-se fundamental: além de fomentar a cidadania, contribui para que os alunos compreendam o funcionamento das estruturas legais que os cercam — especialmente relevante para uma turma de técnico em Secretariado, que futuramente lidará com documentos, normas, contratos e relações institucionais.

Metodologias e Práticas Pedagógicas

A ausência de recursos tecnológicos foi um dos entraves enfrentados, mas isso não impediu a adoção de metodologias ativas e criativas. Dinâmicas de grupo, jogos de perguntas e respostas e encenações teatrais foram utilizados para estimular a aprendizagem de forma lúdica e significativa.

As alunas mostraram-se especialmente engajadas quando as atividades abordavam temas sociais presentes em suas próprias realidades, como violência doméstica, igualdade de gênero e direito do consumidor. Isso comprova a força de uma abordagem pedagógica que vincula o conteúdo técnico às experiências individuais dos alunos.

O professor, nesse contexto, deve se reinventar constantemente, adaptando suas estratégias e linguagem ao público com o qual atua. A docência vai muito além da exposição dos conteúdos: ela exige empatia, criatividade e compromisso com a transformação social.

Desafios e Estratégias de Superação

Os desafios do estágio foram muitos: desde a baixa frequência de alunas até a precariedade da estrutura escolar. Um episódio marcante ocorreu durante uma discussão sobre racismo. As divergências entre as alunas exigiram uma intervenção cuidadosa. Redirecionei o debate para uma roda de conversa colaborativa, na qual cada uma pôde expressar sua visão de forma respeitosa.

Essa vivência destacou a importância da escuta ativa, da mediação de conflitos e da habilidade docente de adaptar conteúdos diante de contextos adversos. O improviso responsável — o famoso “plano B” — é, muitas vezes, o que sustenta a continuidade da aprendizagem.

A prática revelou ainda que um ambiente educacional estruturado, com recursos básicos garantidos, é essencial para a permanência e o sucesso dos alunos. A sociedade como um todo — famílias, governos, comunidade escolar — deve se comprometer em assegurar condições mínimas para que a escola cumpra seu papel transformador.

Avaliação e Participação da Supervisão

A avaliação foi realizada com base na participação das alunas nas atividades propostas, priorizando o envolvimento e o esforço individual. As notas atribuídas refletiram não apenas o domínio técnico do conteúdo, mas também o crescimento crítico das estudantes.

A professora supervisora manteve-se mais como observadora, intervindo pontualmente, o que possibilitou certa autonomia no desenvolvimento das aulas. Ainda assim, seu apoio e orientações contribuíram para a construção de uma prática docente mais segura e reflexiva.

Reflexões Sobre a Prática Docente

A vivência no estágio representou uma importante transição da teoria para a prática. Foi possível vivenciar, de forma concreta, os desafios cotidianos da docência, como a gestão de turma, a adaptação de conteúdos e a condução de temas sociais relevantes — como racismo, xenofobia e questões ambientais — no contexto da educação profissional.

Apesar das limitações estruturais e tecnológicas da escola, as atividades propostas buscaram ir além do conteúdo técnico, fomentando o pensamento crítico e a construção coletiva do conhecimento. Assim, considera-se que o desempenho docente foi positivo, tanto pela aplicação de conteúdos quanto pela construção de vínculos significativos com a turma.

Considerações Finais

A experiência no estágio supervisionado proporcionou não apenas crescimento profissional, mas também amadurecimento pessoal. Ensinou-me a importância de estar atento às reais necessidades dos alunos, de flexibilizar planos, de manter-se firme diante dos desafios e de nunca abrir mão da escuta, da empatia e da reinvenção constante.

Compreendi, de forma ainda mais profunda, que a educação é um direito que precisa ser garantido com qualidade, estrutura e respeito à diversidade. Que

a escola deve ser um espaço de pertencimento, onde os alunos se sintam valorizados e onde suas vivências sejam levadas em consideração.

Mais do que ensinar, educar é transformar. E a educação técnica, especialmente em comunidades vulneráveis, tem o poder de abrir caminhos reais de inserção no mercado de trabalho e de fortalecimento da cidadania.

Minha jornada segue, assim como a de tantas outras pessoas que acreditam que a educação muda destinos. Que este capítulo inspire outros educadores e educadoras a seguirem firmes na missão de ensinar — e transformar.

“Educai as crianças para que não seja necessário punir os adultos.”
Pitágoras

CAPÍTULO 14

VIVÊNCIAS QUE MOLDAM: APRENDIZADOS E REFLEXÕES NO ESE III

Verônica Rosa Lucion da Cruz

Karla Marques da Rocha (Professora orientadora)

Ioichane Garcia Guimarães (Professora supervisora)

Doi: 10.48209/978-65-5417-546-E

A primeira formação, na maioria das vezes, acaba moldando os caminhos profissionais, a forma de pensar, agir e de nos comunicarmos com o mundo, pois nos vemos cercados por rotinas e por pessoas com perfis semelhantes. Em uma formação em Ciências Contábeis, os trilhos são baseados em regras e leis, tudo muito prático e engessado, não havendo muitas brechas para a criatividade. A praticidade do dia a dia consome os espaços de diálogo fora desse ambiente. No entanto, quando se decide sair dessa “caixa”, muitas oportunidades surgem, a mente se expande e novas habilidades florescem. Seguir um novo rumo, como a docência, foi uma virada de chave: libertador e transformador.

A busca pela docência surgiu da necessidade de romper com a rotina, de encontrar novos propósitos e novos caminhos. Estar no meio acadêmico é algo totalmente diferente e surpreendente em comparação aos ambientes ligados à contabilidade e isso foi extremamente cativante. Ter contato com novos assuntos, temas, leituras e conversas teve um valor inestimável.

Essa transição lembra duas ideias marcantes. A primeira, de Paulo Freire (1996), nos convida a enxergar o ensino como um processo ativo e transformador: “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. A segunda é o fato da contabilidade não ser uma ciência exata, mas sim uma ciência social humana que lida com o comportamento humano nas organizações.

Compreender esses dois universos, o técnico e o humano, amplia o olhar e reafirma que ensinar é também aprender, é construir pontes entre o conhecimento e a vida.

A educação é o caminho para mudar o mundo. Ela traz a capacidade de transformar a realidade da sociedade, sendo a forma mais eficaz de impactar vidas positivamente, e o professor desempenha um papel fundamental nesse processo, pois é a voz que liberta as mentes. Libâneo (2003) destaca que “a formação do professor deve contemplar a capacidade de refletir criticamente sobre sua prática, compreendendo os contextos sociais, culturais e políticos nos quais está inserido.”

O PEG (Curso de Formação de Professores para a Educação Profissional) representa uma verdadeira virada de chave na vida de qualquer estudante, pois abre portas e amplia horizontes no ensino, contribuindo para a formação de cidadãos e docentes mais preparados. O estágio e a vivência em sala de aula encerram a trajetória do PEG com a melhor das experiências, consolidando todo o aprendizado e concretizando as expectativas criadas no início da jornada: estar à frente de uma turma sedenta por conhecimento, carente de atenção e cheia de admiração por quem dedica seu tempo à transmissão do saber.

Como dizia Paulo Freire (1987): “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.”

A troca de conhecimento é a principal porta de saída da ignorância; a humildade em ensinar e aprender faz toda a diferença. O PEG nos mostra o caminho do ensinar e do aprender de forma leve, gratificante e inesquecível.

“O aprender a conhecer leva a compreensão do mundo que o cerca, abertura para o conhecimento de si mesmo e do outro, que o afasta da ignorância. O aprender a fazer conduz a praticar o conhecimento absorvido, que o afasta do imobilismo. O aprender a conviver o direciona ao trabalho em equipe, que o afasta do isolamento. O aprender a ser que solidifica os pilares e os harmoniza para conformar o ser humano íntegro.”(Rodrigues, 2021)

O Estágio III, etapa final do PEG, foi realizado na Escola Municipal Pinheiro Machado, localizada no município de Santa Maria/RS, em parceria com o Instituto Federal Farroupilha – Campus Júlio de Castilhos. Essa parceria permite que os alunos da EJA-EPT concluam o Ensino Fundamental simultaneamente com a formação técnica de Assistente Administrativo.

A disciplina ministrada para a conclusão do Estágio III, no 3º semestre do PEG, foi Planejamento Financeiro, com carga horária de quarenta horas,

sendo trinta horas em sala de aula, divididas em dez encontros de três horas às quartas-feiras, e dez horas destinadas a eventos extracurriculares, conforme o plano de ensino. O estágio teve início a partir da segunda aula prevista no cronograma e contou com uma atividade externa à sala de aula: a palestra de inauguração do ano letivo, realizada na sede do IFF em Santa Maria/RS, reunindo estudantes das escolas municipais envolvidas, professores e convidados. Essa atividade teve carga horária de três horas, completando a carga mínima obrigatória de trinta horas do estágio.

A recepção da escola foi extremamente acolhedora. O primeiro contato foi com a coordenadora, que entrou em contato diretamente com a professora Iochane Garcia, supervisora, para intermediar o estágio, sendo prontamente atendida.

A turma do qual foi realizada o estágio era composta inicialmente por quinze alunos, durante o semestre houve três mudanças de alunos de escola, dois na primeira semana e uma aluna na metade do semestre, portanto apenas doze frequentavam regularmente e finalizaram a disciplina. Por se tratar de uma turma da EJA de uma escola localizada em um bairro carente, havia estudantes jovens, entre 16 e 20 anos, e outros com idades entre 35 e 60 anos. Essa diversidade de faixas etárias, associada às diferentes experiências de vida, tornava os desafios em sala ainda maiores. No entanto, todos apresentavam características em comum: eram de origem humilde e enfrentavam batalhas diárias para garantir sua presença na escola e buscar um futuro melhor.

Os alunos, em geral, demonstravam dificuldades de aprendizagem e compreensão de conteúdo, especialmente ao relacioná-lo com outras disciplinas, como por exemplo a matemática. Nesse sentido, conforme menciona Touro et al. (2020) o educador sempre deve estar a procura de melhores métodos, orientações e melhores intervenções, entendendo as características e particularidades de cada aluno, estando presente ativamente na elaboração de projetos no contexto teórico e prático das políticas educacionais da escola, com o objetivo de contribuir com conhecimento específico e assim levantando os problemas e junto com os demais professores, coordenadores e demais integrantes da comunidade escolar possam analisar e repensar seu papel diante das necessidades

individuais de aprendizagem de cada indivíduo em particular e do próprio processo ensino aprendizagem.

Sem dúvida, sempre que um professor entra em sala de aula, sua intenção é dar o melhor de si e transmitir o máximo de conhecimento para que os alunos saiam dali melhores do que entraram. No entanto, por vezes, a vida surpreende, e encontramos alunos que nos ensinam muito mais do que conseguimos retribuir. Quando nos deparamos com realidades tão distintas das nossas, percebemos que dificuldades antes julgadas como grandes são, na verdade, pequenas diante das lutas e injustiças enfrentadas por tantas pessoas.

Essa turma foi marcante. Ao longo das aulas, a troca de vivências e experiências foi especial, resultando na formação de uma futura docente mais empática, sensível, motivada e resiliente.

Para que as aulas ocorressem de forma organizada, produtiva e atrativa, foi essencial o planejamento. De acordo com Santos e Perin (2013), “o planejamento é um instrumento que subsidia a prática pedagógica do professor e que possibilita a ele uma organização metodológica do conteúdo a ser desenvolvido em sala de aula.”

Os planos de aula foram elaborados com base no conteúdo da apostila fornecida pela supervisora, considerando as características da turma, os diferentes ritmos de aprendizagem e suas limitações. Embora nem sempre o planejamento tenha sido seguido à risca, ajustes foram feitos conforme necessário, sem perder os objetivos e a sequência programada.

Após cada aula, realizava-se um relato reflexivo sobre o que foi trabalhado. Esse momento era importante para avaliar os acertos e erros, refletir sobre pontos de melhoria e ajustar a abordagem didática. Essa prática foi essencial para o direcionamento das aulas subsequentes. O ato de descrever e ler traz diversos benefícios, como aponta, DUARTE (2019) que “o domínio da leitura e da escrita traz benefícios indiscutíveis ao ser humano, pois é através do ato de ler e escrever que o indivíduo amplia seus conhecimentos e apreende os bens culturais que possibilitarão sua inserção/ascensão social.”

A escola possuía recursos limitados, como a ausência de projetores nas salas regulares, o que dificultava a utilização de slides e demais recursos tecno-

lógicos. As salas eram pequenas, equipadas apenas com quadro branco e giz, que se tornaram as principais ferramentas utilizadas. Contudo, observou-se que os alunos apresentavam preferência por copiar o conteúdo escrito no quadro, demonstrando uma aprendizagem mais visual. Assim, as aulas foram, em sua maioria, expositivas, utilizando o quadro para destacar os principais tópicos e promovendo a participação ativa da turma.

Embora a maioria das aulas tenha ocorrido na sala regular, duas foram realizadas parcialmente no laboratório de informática que a escola tinha. Nelas, os alunos realizaram exercícios de digitação, elaboração de planilhas e gráficos com base em atividades previamente feitas no papel. Essas aulas foram bastante dinâmicas e produtivas, pois proporcionaram aos estudantes a experiência da prática diretamente no computador, ferramenta essa indispensável num ambiente que se espera no campo de trabalho de um assistente administrativo, como escritórios, cartórios, repartições públicas entre outros exemplos.

Durante o estágio, também foram aplicadas dinâmicas, essa definida como estratégias, métodos ou atividades utilizadas no processo de ensino-aprendizagem para tornar mais interativo, engajador e eficaz, utilizadas para aproximar os alunos do conteúdo, como um bingo para fixação do tema “porcentagem”, além de exercícios práticos com temas do cotidiano, como crédito, empréstimos, financiamentos, juros, consumo consciente, reserva de emergência, planos de saúde e endividamento. Esses temas facilitaram a interação e engajamento da turma, que sempre trazia exemplos próprios, dúvidas e dificuldades. Essas abordagens mais práticas conforme Melo e Farias (2024)

Além de promoverem o entendimento e a retenção de conceitos científicos, facilitam a aprendizagem dos alunos. Observa-se que ao mesmo tempo em que eles acompanham os ensinamentos, concomitantemente realizam as produções, a coleta de dados, dentre outras ações durante as atividades.

Além do conteúdo formal, houve momentos de descontração e interação. Destaca-se a palestra sobre crédito consignado (Medida Provisória nº 1.292/2025, que institui o Crédito do Trabalhador), ministrada pela estudante Marisete da Silva Ilha, do PEG, que teve grande participação dos alunos. Também houve uma janta e uma atividade de caça aos ovos em comemoração à

Páscoa, além da já mencionada palestra inaugural no IFF. Atividades essas que, embora extracurriculares, proporcionaram grande aprendizado e integração.

A Escola Pinheiro Machado conta com uma equipe competente e unida, e a parceria com o IFF potencializou ainda mais o desenvolvimento dos alunos. A supervisora do Estágio III e titular da disciplina de Planejamento Financeiro, foi fundamental ao trazer tranquilidade, dicas valiosas, apoio nos imprevistos e contribuições significativas na elaboração dos planos de aula, tornando o processo mais leve e gratificante.

Em quase todas as aulas foi possível seguir o planejamento. Em uma situação específica, foi necessário abordar um conteúdo não previsto inicialmente, mas que já havia sido estudado anteriormente, o que facilitou a condução. A supervisora esteve presente em todas as aulas, auxiliando sempre que necessário, e mesmo diante de imprevistos, as aulas transcorreram de maneira fluida, com os alunos demonstrando satisfação.

Como forma de fechamento e teste dos conhecimentos adquiridos pelos alunos, foi aplicada uma prova objetiva com dez questões abrangendo todo o conteúdo. Esse método avaliativo coloca todos no mesmo grau de dificuldade para análise dos seus desempenhos, no entanto, durante todo o semestre foram aplicadas diversas outras atividades e foram observados o desenvolvimento de cada indivíduo, de forma que a prova foi meramente para cumprir um fechamento da disciplina. De acordo com Bertino Neto (2021)

A avaliação não é apenas o desenvolvimento de habilidades e de competências relacionadas a uma determinada forma de conhecimento. Antes é um conjunto de procedimentos que permite ao educador e à instituição escolar o repensar de suas práticas, de suas estratégias e métodos; assim como dos objetivos que a instituem e a fundamentam.

A avaliação foi individual, com consulta ao material. Alguns alunos apresentaram dificuldades de interpretação e localização das respostas, sendo devidamente auxiliados. Dez alunos estavam presentes; apenas um obteve nota inferior a 6,0. As provas foram corrigidas e entregues à professora Supervisora para registro das notas e posterior devolutiva à escola e aos alunos.

Para o encerramento da disciplina e como forma de obter uma devolutiva, após a aplicação da prova, foi realizada uma dinâmica com a turma, solicitando que apontassem os pontos positivos e negativos do semestre, avaliando o conteúdo, a didática e a atuação dos professores. Todos relataram que gostaram muito da disciplina e dos docentes, mas sentiram falta de mais tempo de aula e de uma maior integração com as demais disciplinas, pois enfrentaram dificuldades, especialmente em matemática, que poderiam ter sido minimizadas com uma abordagem mais interdisciplinar por parte da escola.

Por fim, a caminhada se encerra. Foram três meses e trinta horas de muita aprendizagem, trocas, afeto, desafios e superações — um saldo extremamente positivo. Durante essa experiência inédita, foi possível assimilar conteúdos importantes para a vida cotidiana, aproveitados tanto pelos alunos quanto pela futura docente.

Observar um professor é diferente de estar em sala, de sentir os olhares dos alunos ansiosos por aprender, atentos a cada gesto e palavra, o que pode ser ao mesmo tempo motivador e desafiador. O preparo para lidar com imprevistos ou responder a questionamentos complexos vem com o tempo, e isso fortalece a trajetória docente. Estar à frente de uma turma com realidades e idades diversas, mas com o mesmo sonho de crescimento pessoal e profissional, aumenta a responsabilidade, mas também inspira o desejo de fazer a diferença.

O semestre foi extremamente produtivo, o retorno dos alunos foi positivo, os objetivos foram alcançados, e todos saíram com uma bagagem de conhecimento ampliada, sabendo como gerenciar melhor suas finanças pessoais e familiares.

O PEG é, sem dúvida, um marco no desenvolvimento pessoal e profissional. A vivência da docência revela o quanto a educação pode transformar vidas e destinos. A contabilidade como primeira formação forneceu base forte em praticidade, organização, disciplina e responsabilidades, habilidades que foram reforçadas pela experiência da docência, que trouxe com mais intensidade a resiliência, a criatividade, o dinamismo e o afloramento do lado emocional, caminhos diferentes que se complementam na construção de um profissional mais completo tanto nos aspectos emocionais, como profissionais e sociais.

Na sala de aula notamos que muitas vezes, o que o aluno precisa é apenas de motivação, carinho e atenção. Demonstrar que o professor se importa com ele, com sua realidade, pode ser o impulso necessário para que ele retorne à escola motivado a aprender mais e manter vivo o sonho de ser alguém melhor para si e para a sociedade. A docência tem o poder de transformar, e o PEG oferece exatamente essa oportunidade: a de criar vínculos, deixar marcas positivas e ser lembrado pelo que se é e pelo que se fez. Isso não tem preço.

Referências

NETO, S B. Avaliação diagnóstica da aprendizagem como processo de construção de autonomia. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 06, Ed. 03, Vol. 03, pp. 40-52. Março de 2021.

DUARTE, M. S. Metacognição em leitura e escrita: reflexões e prática através do uso de sequência didática. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 04, Ed. 11, Vol. 01, pp. 39-58. Novembro de 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Cortez; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LIBÂNEO, J. C. **Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente**. São Paulo: Cortez, 1998.

MELO, H. A.; FARIAS, F. P. S. Abordagem educacional que incorpora a teoria científica em atividades práticas para facilitar a aprendizagem. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 09, Ed. 08, Vol. 02, pp. 41-61. Agosto de 2024.

RODRIGUES, Z. B. Educação: Um estudo com base no relatório da UNESCO sobre os quatro pilares do conhecimento. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 06, Ed. 01, Vol. 04, pp. 53-60. Janeiro de 2021.

SANTOS, M. L.; PERIN, C. S. B. **A importância do planejamento de ensino para o bom desempenho do professor em sala de aula**. Secretaria da educação do estado do Paraná/Brasil.

TOURO, G. P. M. et al. As dificuldades de aprendizagem e o enfrentamento do educador e da família. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 05, Ed. 11, Vol. 24, pp. 14-22. Novembro de 2020.

SOBRE OS AUTORES

Adriano Santos de Lima: Bacharel em Direito/UFN. Pós-graduado em Advocacia Consultiva/Faculdade Legale Educacional. Pós-graduado em Direito Público/Faculdade Legale Educacional. Pós-graduado Ensino Superior/UNIASSELVI. Natural de Santa Maria/RS.

Aline Franzen da Silva: Bacharela em Farmácia/UFSM. Mestre em Ciências Biológicas- Bioquímica Toxicológica/UFSM. Doutoranda Ciências Biológicas - Bioquímica Toxicológica/UFSM. Natural de Santa Maria/RS.

Camila Coletto: Bacharela em Administração/UFSM e Licenciada em Educação Profissional Tecnológica/UFSM. Mestre em Administração/UFSM. Doutora em Agronegócios/UFRGS. Docente do ensino básico, técnico e tecnológico no Instituto Federal Farroupilha campus Júlio de Castilhos/RS. Natural de Santiago/RS.

Caroline de Boer Dias: Engenheira Sanitarista e Ambiental/ UFSM. Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica/ UFSM. Natural de Santa Cruz do Sul/RS.

Eliesse Pereira Costa: Médica Veterinária/UFSM. Pós-graduada em Saúde Coletiva/UFRGS. Mestre em Medicina Veterinária/UFSM. Doutoranda em Medicina Veterinária/UFSM. Professora Substituta no Departamento de Saúde Coletiva/UFSM. Natural de São Borja/RS.

Fernanda Tamiozzo: Engenheira Sanitarista e Ambiental/UFSM. Mestre em Engenharia Ambiental/UFSM. Doutora em Engenharia Ambiental/UFSM. Pesquisadora PDTI/FAPERGS. Natural de Santo Ângelo/RS.

Franciane Cougo da Cruz Ceretta: Bacharela em Administração/URCAMP. Graduada em Formação de Professores para Educação Profissional/UFSM. Especialista em Gestão Empresarial/UCPEL. Mestre em Gestão de Organizações Públicas/UFSM. Doutora em Administração/UFSM. Docente no IFFar. Natural de Bagé/RS.

Gabriel Camatti: Engenheiro Agrônomo/UFSM. Mestrando em Agronomia/UFSM. Natural de Caxias do Sul/RS.

Guilherme Rigo: Gestor Ambiental/UFSM. Especialista em Educação Ambiental/UNIASSELVI. Natural de Santa Maria/RS.

Iochane Garcia Guimarães: Engenheira de Produção/UNIPAMPA. Especialista em Gestão da Produção/UFRGS. Mestre em Engenharia de Produção/UFSM. Doutora em Engenharia Elétrica/UFSM. Docente no IFFar. Natural de Santa Maria/RS.

Ivan Carlos Maldaner: Engenheiro Agrônomo/UFSM. Mestre em Engenharia Agrícola/UFSM. Doutor em Agronomia/UFSM. Professor no Colégio Politécnico/UFSM. Natural de Santa Bárbara do Sul/RS.

Jocimar Caiafa Milagre: Engenheiro Florestal/UFV. Licenciado em Ciências Biológicas/IFES. Especialista em Gestão Ambiental/IFES. Mestre em Engenharia Florestal/UFSM. Doutorando em Engenharia Florestal/UFSM. Natural de Guarani/MG.

Juliana Sanches Venturini: Bacharela em Engenharia Civil/UFSM. Especialista em Gestão de Obras/Faculdade Metropolitana de São Paulo. Graduada em Formação de Professores para a Educação Profissional e Tecnológica/UFSM. Empreendedora na área de Engenharia Civil e Educação Profissionalizante. Natural de Santa Maria/RS.

Karla Marques da Rocha: Licenciada em Educação Física/UFSM e Geografia/FIC. Mestre em Educação/UFN. Doutor em Informática na Educação/UFRGS. Professora da UFSM/CE/MEN. Natural de Santa Maria/RS.

Lidiane Viera Machado: Tecnóloga em Alimentos/UFSM. Especializada em Vigilância Sanitária e Qualidade dos Alimentos/UNIFAVENI. Mestre e doutora em Ciência e Tecnologia dos Alimentos/UFSM. Natural de Santa Maria/RS.

Maria Angélica Figueiredo Oliveira: Bacharela em Ciência da Computação/UNICRUZ e graduada em Formação de Professores para a Educação Profissional/UFSM. Especialista em Informática na Educação/UNICRUZ. Mestre em Engenharia de Produção/UFSM. Doutora em Informática na Educação/UFRGS. Professora no IFFar. Natural de Cruz Alta/RS.

Marinara Rübenich Fumagalli: Bacharela e licenciada em Sistemas de Informação pela UFSM. Pós-graduada em Data Warehouse e Business Intelligence, em Governança e Gestão da TI, em Docência em Ciência e Tecnologia da Informação e em Gestão Educacional: Direção, Coordenação e Supervisão pela UniBF; e em Aprendizagem, Ensino e Tecnologia pela CENSUPEG. Técnica em Informática e em Administração pelo IFSuldeMinas; e em Manutenção e Suporte em Informática pelo IFFar. Natural de Júlio de Castilhos/RS.

Marisete da Silva Ilha: Bacharela em Ciências Contábeis/UFSM. Especialista em Auditoria e Controladoria/UNICESUMAR e especialista em Gestão Pública/FDA. Natural de Santa Maria/RS.

Maurício Vicente Motta Tratsch: Engenheiro Químico/UFSM. Mestre em Engenharia de Produção/UFSM. Doutor em Ciência do Solo/UFSM. Professor no Colégio Politécnico/UFSM. Natural de Ijuí/RS.

Nara de Fátima Quadros da Silveira: Licenciada em Matemática/Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Imaculada Conceição. Engenheira Florestal/UFSM. Mestre em Engenharia Agrícola/UFSM. Doutora em Engenharia Ambiental/UFSC. Professora no CTISM/UFSM. Natural de Santa Maria/RS.

Paulo Cesar Costa Teixeira: Bacharel em Administração/UFSM. Natural de Santana do Livramento/RS.

Renato Trevisan: Engenheiro Agrônomo/UFPel. Mestre em Agronomia/UFPel. Doutor em Ciências/UFPel. Professor no Colégio Politécnico/UFSM. Natural de Paraí/RS.

Roberto Oliveira Weber: Bacharel em Direito/UFN, Licenciatura em Direito/IFFar. Mestre em Direito/UNISC. Diretor de Pesquisa, Extensão e Produção IFFar. Professor no IFFar nos cursos de Bacharelado em Administração, Tecnólogo em Agronegócio e no Curso Técnico em Comércio. Natural de Campo Grande/MS.

Rudiere Nunes Gamba: Bacharel em Direito/FAPAS. Natural de Santa Maria/RS.

Thais Andrea Baldissera: Bacharela em Sistemas de Informação/UFN e graduada em Formação de Professores para a Educação Profissional/UFSM. Mestre em Engenharia de Produção/UFSM. Doutora em Engenharia Electrotécnica e de Computadores/UNL. Professora do IFFar. Natural de Santa Maria/RS.

Valéria Quevedo Garcia: Bacharela em Direito/ULBRA. Mestrado em Geomática/UFSM. Especialização em Direito Constitucional Ambiental/UNIFRA. Especialista em Gestão da Psico-Sócio-Patologia/FATRI. Natural de Santa Maria/RS.

Verônica Rosa Lucion da Cruz: Bacharela em Ciências Contábeis/UFSM. Especialista em Auditoria e Controladoria/UFN. Atua nas áreas de contabilidade, controladoria e auditoria. Natural de Santa Maria/RS.

ÍNDICE REMISSIVO

Acolhimento	30, 84, 90, 113, 126
Agropecuária	41, 43, 53, 90
Aprendizado	119, 120, 131, 135
Aprendizagem	33, 81, 103, 116, 122
Aprendizagem Significativa	116
Autonomia do Estudante	113, 137
Cidadania	126, 129
Construção de Saberes	111
Curso Técnico	33, 69, 80, 90
Desafios Pedagógicos	118, 128
Docência	79, 81, 119, 128
Educação	90, 104, 109, 129
Educação Emancipadora	111
Educação Profissional	90, 104, 109
Educação Profissional e Tecnológica (EPT)	66, 77, 103, 112
Empreendedorismo	78, 86, 113, 115
Engenharia Florestal	67, 68
Ensino	33, 53, 81, 119
Ensino Técnico	53
Equidade	92
Escuta Ativa	56, 122
Espécies Florestais	72, 73, 74, 75
Estágio Supervisionado	9, 10, 14, 15, 17, 18, 20, 21, 25, 26, 27, 36, 40, 44, 45, 52, 55, 56, 59, 61, 65, 66, 67, 68, 70, 74, 77, 79, 100, 101, 104, 108, 125, 128
Experiência Formativa	67
Experiência Transformadora	15, 121
Formação Docente	50, 55, 67, 97, 100, 110
Formação de Professores	38, 39, 90, 131

Inclusão	63, 74, 104, 107, 108, 109, 114
Inclusão Social	104, 114
Individualidades	118
Informática	84, 90, 116
Informática na Educação	139
IFFar	88, 90, 93, 102, 107, 110, 113, 114
Metodologias Ativas	9, 11, 12, 13, 16, 19, 27, 32, 33, 53, 54, 57, 104, 120, 127
Paradigmas	59, 63
Politécnico	21, 40, 43, 45, 52, 54, 59, 67, 68, 70
Prática Docente	9, 30, 32, 35, 45, 49, 50, 53, 55, 64, 79, 80, 81, 82, 85, 102, 103, 106, 109, 112, 128
Prática Pedagógica	45, 86, 103, 109, 133
Prática reflexiva	12
PROEJA	88, 90, 92, 93, 97, 98
Reflexão Crítica	105
Saberes Docentes	15, 16, 23, 27, 38, 49, 56, 57, 65, 80, 99, 103, 119
Superação	71, 72, 73, 94, 107
Transformação	26, 32, 44, 53, 66, 75, 77, 94, 96, 101, 119, 121, 124, 125, 127
Transformação Pessoal	119

KARLA MARQUES DA ROCHA
JOCIMAR CAIAFA MILAGRE
GABRIEL CAMATTI
ADRIANO SANTOS DE LIMA

FORMAR-SE FORMANDO: A ARTE DOCENTE DE ENSINAR E APRENDER

